

4.ª EDIÇÃO

1º CICLO
ENSINO BÁSICO

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PROGRAMAS



**ENSINO BÁSICO
1.º CICLO**

**ORGANIZAÇÃO CURRICULAR
E
PROGRAMAS**

4.ª Edição

Título: Organização Curricular e Programas
Ensino Básico — 1.º Ciclo

Editor: Departamento da Educação Básica

Capa e Design Gráfico: Manuela Lourenço

Execução Gráfica e Distribuição: Editorial do Ministério da Educação
Estrada de Mem Martins, 4
Apartado 113
2726-901 Mem Martins

4.ª Edição: Janeiro 2004, revista

Tiragem: 5000 exemplares

Depósito Legal: 127 792/98

ISBN: 972-742-169-5

SUMÁRIO

• NOTA PRÉVIA À 4. ^a EDIÇÃO	7
• ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO.....	9
1 — Objectivos Gerais do Ensino Básico	11
2 — Estrutura Curricular do Ensino Básico.....	17
3 — Princípios Orientadores da Acção Pedagógica no 1. ^º Ciclo	23
4 — Componentes dos Domínios Disciplinares	27
• PROGRAMAS DO 1. ^º CICLO.....	29
• Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica	31
Expressão e Educação Físico-Motora	33
Expressão e Educação Musical	65
Expressão e Educação Dramática	75
Expressão e Educação Plástica	87
• Estudo do Meio.....	99
• Língua Portuguesa	133
• Matemática	161
• Educação Moral e Religiosa	191
Educação Moral e Religiosa Católica	193
Educação Moral e Religiosa Evangélica	235
• Sugestões Bibliográficas	251
• Legislação	257

NOTA PRÉVIA À 4.^a EDIÇÃO

Com a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, da Declaração de Rectificação n.º 4-A/2001, de 28 de Fevereiro e do Decreto-Lei n.º 209/2002, de 17 de Outubro, que estabelecem os princípios orientadores da Organização e Gestão Curriculares do Ensino Básico, torna-se necessário introduzir algumas alterações ao documento "Organização Curricular e Programas" — 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Esta necessidade é ainda reforçada pelo facto de ter sido publicado o documento "Currículo Nacional do Ensino Básico — Competências Essenciais".

Os Programas do 1.º Ciclo manter-se-ão em vigor até futura reformulação. Deverão ser, portanto, interpretados à luz dos novos princípios e disposições constantes dos documentos atrás referidos.

Para além de outros ajustamentos foram introduzidos itens referentes ao novo desenho curricular, nomeadamente as três áreas curriculares não disciplinares: Área de Projecto, Estudo Acompanhado e Formação Cívica.

Foram anexadas, também, as orientações relativas à Educação Moral e Religiosa das Confissões cujos programas se encontram homologados (Decreto-Lei n.º 329/98, de 2 de Novembro).

Esta 4.^a edição procura corresponder aos propósitos enunciados, uma vez que os programas do 1.º Ciclo deverão articular-se com o Currículo Nacional do Ensino Básico.

Lisboa, Janeiro de 2004

O Director



(Vasco Alves)

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO

1 — OBJECTIVOS GERAIS DO ENSINO BÁSICO

A Lei de Bases do Sistema Educativo determina o carácter universal, obrigatório e gratuito do ensino básico, assinalando, no seu artigo 7.º, que lhe cumpre «assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses».

O ensino básico consubstancia-se, de facto, no quadro de uma formação universal, porque abrangente de todos os indivíduos, alargada, por se ter estendido a nove anos de escolaridade, e homogénea, na medida em que não estabelece vias diferenciadas nem opções prematuras, susceptíveis de criar discriminações. Como tal, o ensino básico constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui por sua vez, decisivamente, para aprofundar a democratização da sociedade, numa perspectiva de desenvolvimento e de progresso, quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores da solidariedade social, quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade.

A Lei de Bases define o conjunto de objectivos gerais que deverão ser prosseguidos na escolaridade básica para ir ao encontro destas grandes finalidades.

São objectivos do ensino básico explícitos nos artigos 7.º e 8.º da Lei n.º 46/86 — Lei de Bases do Sistema Educativo:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criati-

vidade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;

- b) Assegurar que, nesta formação, sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;
- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;
- j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;
- m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;

- n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;
- o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.

O ensino básico prossegue, portanto, três grandes objectivos gerais:

- Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social.
- Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes.
- Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática.

Cada um destes objectivos gerais pode ser desagregado em objectivos específicos.

Relativamente ao primeiro objectivo geral enunciado, que poderemos considerar como a *dimensão pessoal* da formação, indicam-se os seguintes:

- Promover a criação de situações que favoreçam o conhecimento de si próprio e um relacionamento positivo com os outros no apreço pelos valores da justiça, da verdade e da solidariedade.
- Favorecer o desenvolvimento progressivo de sentimentos de autoconfiança.
- Proporcionar, em colaboração com os parceiros educativos, situações de ensino-aprendizagem, formais e não formais, que fomentem:
 - a expressão de interesses e aptidões em domínios diversificados;
 - a experimentação e auto-avaliação apoiada desses interesses e aptidões.
- Favorecer, no respeito pelas fases específicas de desenvolvimento dos alunos, uma construção pessoal assente nos valores da iniciativa, da criatividade e da persistência.

- Criar condições que permitam:
 - apoiar compensatoriamente carências individualizadas;
 - detectar e estimular aptidões específicas e precocidades.
- Incentivar o reconhecimento pelo valor social do trabalho em todas as suas formas e promover o sentido de entreajuda e cooperação.

A dimensão das aquisições básicas e intelectuais fundamentais constitui o suporte de um saber estruturado em domínios diversificados e implica:

- Promover:
 - o domínio progressivo dos meios de expressão e de comunicação verbais e não verbais;
 - a compreensão da estrutura e do funcionamento básico da língua portuguesa em situações de comunicação oral e escrita;
 - o conhecimento dos valores característicos da língua, história e cultura portuguesas;
 - o reconhecimento de que a língua portuguesa é um instrumento vivo de transmissão e criação da cultura nacional, de abertura a outras culturas e de realização pessoal.
- Assegurar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e proporcionar a iniciação ao estudo de uma segunda.
- Garantir a aquisição e estruturação de conhecimentos básicos sobre a natureza, a sociedade e a cultura e desenvolver a interpretação e a análise crítica dos fenómenos naturais, sociais e culturais.
- Fomentar o conhecimento dos elementos essenciais da expressão visual e musical e as regras da sua organização.
- Contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade estética.
- Possibilitar:
 - o desenvolvimento de capacidades próprias para a execução de actos motores exigidos no quotidiano, nos tempos livres e no trabalho;
 - a organização dos gestos segundo o estilo mais conveniente a cada personalidade.
- Fomentar o desenvolvimento de aptidões técnicas e manuais na solução de problemas práticos e/ou na produção de obras úteis/estéticas.

- Estimular a iniciação ao conhecimento tecnológico e de ambientes próprios do mundo do trabalho.
- Incentivar a aquisição de competências para seleccionar, interpretar e organizar a informação que lhe é fornecida ou de que necessita.
- Favorecer o reconhecimento do valor das conquistas técnicas e científicas do Homem.
- Promover a informação e orientação escolar e profissional, em colaboração com as famílias.

Finalmente, a *dimensão para a cidadania* considerará a necessidade de:

- Estimular a criação de atitudes e hábitos positivos de relação que favoreçam a maturidade sócio-afectiva e cívica, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante.
- Promover o desenvolvimento de atitudes e hábitos de trabalho autónomo e em grupo que favoreçam:
 - a realização de iniciativas individuais ou colectivas de interesse cívico ou social;
 - a análise e a participação na discussão de problemas de interesse geral.
- Assegurar, em colaboração com as entidades adequadas e designadamente as famílias, a criação de condições próprias:
 - ao conhecimento e aquisição progressiva das regras básicas de higiene pessoal e colectiva;
 - a uma informação correcta e ao desenvolvimento de valores e atitudes positivas em relação à sexualidade.
- Estimular a prática de uma nova aprendizagem das inter-relações do indivíduo com o ambiente, geradora de uma responsabilização individual e colectiva na solução dos problemas ambientais existentes e na prevenção de outros.
- Criar as condições que permitam a assunção esclarecida e responsável dos papéis de consumidor e/ou de produtor.
- Garantir a informação adequada à compreensão do significado e das implicações do nosso relacionamento com outros espaços socioculturais e económicos e suscitar uma atitude responsável, solidária e participativa.

- Fomentar a existência de uma consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de compreensão internacionais.

Os objectivos enunciados devem entender-se como objectivos de desenvolvimento, isto é, como metas a prosseguir gradualmente ao longo de toda a escolaridade básica. Assim, apesar da divisão do ensino básico em três ciclos, não foram definidos objectivos específicos para cada um deles, a fim de evitar a compartimentação e rupturas indevidas na sequência do processo formativo, que se pretende eminentemente integrador.

Reconhecendo, porém, como obviamente se impõe, a existência de distintas etapas psicopedagógicas, correspondentes a cada um dos ciclos, haverá que adequar o nível de prossecução dos objectivos aos estádios de desenvolvimento dos alunos, característicos das diferentes fases. Esta preocupação esteve presente na concepção dos planos de estudo de cada disciplina ou área disciplinar, onde já se tornou possível, por se tratar de campos de ensino-aprendizagem delimitados, definir objectivos específicos segundo três níveis articulados de progressão, sem perder de vista a linha de continuidade que conduz às metas finais.

A consecução destes objectivos deve subordinar-se ao desenvolvimento das competências essenciais, gerais e específicas definidas no currículo nacional (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais).

2 — ESTRUTURA CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO

De acordo com o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, a organização e a gestão do currículo subordinam-se aos seguintes princípios orientadores:

- a) Coerência e sequencialidade entre os três ciclos do ensino básico e articulação destes com o ensino secundário;
- b) Integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem;
- c) Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes;
- d) Integração, com carácter transversal, da educação para a cidadania em todas as áreas curriculares;
- e) Valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas e disciplinas, em particular, e com carácter obrigatório, no ensino das ciências, promovendo a integração das dimensões teórica e prática;
- f) Racionalização da carga horária lectiva semanal dos alunos;
- g) Reconhecimento da autonomia da escola no sentido da definição de um projecto de desenvolvimento do currículo adequado ao seu contexto e integrado no respectivo projecto educativo;
- h) Valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e actividades de aprendizagem, em particular com recurso a tecnologias de informação e comunicação, visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspectiva de formação ao longo da vida;

- i) Diversidade de ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, por forma a assegurar que todos possam desenvolver as competências essenciais e estruturantes definidas para cada um dos ciclos e concluir a escolaridade obrigatória.

Em conformidade com a actual legislação são inscritas três áreas curriculares não disciplinares, visando responder a necessidades identificadas no processo de formação e desenvolvimento dos alunos e cujos objectivos são os seguintes:

- **Área de projecto**, visando a concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos;
- **Estudo acompanhado**, visando a aquisição de competências que permitam a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens;
- **Formação cívica**, espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.

A leitura dos planos curriculares publicados nos Anexos I, II e III do Decreto-Lei n.º 209/2002, de 17 de Outubro, permitem verificar o modo como se configuram todas estas disposições. A sua inclusão conjunta, neste volume, facilitará a compreensão global do currículo.

PLANO CURRICULAR DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Componentes do currículo	
	Áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória: Língua Portuguesa; Matemática; Estudo do Meio; Expressões: Artísticas; Físico-Motoras.
	Áreas curriculares não disciplinares (a): Área de projecto; Estudo Acompanhado; Formação cívica.
	Total: 25 horas
Formação Pessoal e Social	Área curricular disciplinar de frequência facultativa (b): Educação Moral e Religiosa (b).
	Total: 1 hora
	TOTAL: 26 horas
	Actividades de enriquecimento (c)

- (a) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias de informação e da comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular da turma.
- (b) Nos termos do n.º 5 do artigo 5.º
- (c) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º, incluindo uma possível iniciação a uma língua estrangeira, nos termos do n.º 1 do artigo 7.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas, nomeadamente no ensino das ciências.

PLANO CURRICULAR DO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

	Componentes do currículo	Carga horária semanal (× 90 min.) (a)		
		5.º Ano	6.º Ano	Total Ciclo
<i>Educação para a cidadania</i>	<i>Áreas curriculares disciplinares:</i>			
	<i>Línguas e Estudos Sociais</i> Língua Portuguesa; Língua Estrangeira; História e Geografia de Portugal.	5	5,5	10,5
	<i>Matemática e Ciências</i> Matemática; Ciências da Natureza.	3,5	3,5	7
	<i>Educação Artística e Tecnológica</i> Educação Visual e Tecnológica (b); Educação Musical.	3	3	6
	<i>Educação Física</i>	1,5	1,5	3
	<i>Educação Moral e Religiosa</i> (c)	0,5	0,5	1
	<i>Áreas curriculares não disciplinares</i> (d) Área de Projecto; Estudo Acompanhado; Formação Cívica.	3	2,5	5,5
	Total	16 (16,5)	16 (16,5)	32 (33)
	A decidir pela escola	0,5	0,5	1
	Máximo Global	17	17	34
	Actividades de enriquecimento (e)			

- (a) Carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos, assumindo a sua distribuição por anos de escolaridade um carácter indicativo. Em situações justificadas, a escola poderá propor uma diferente disposição de carga horária semanal dos alunos, devendo contudo respeitar os totais por área curricular e ciclo, assim como o máximo global indicado para cada ano de escolaridade.
- (b) A lecionação de Educação Visual e Tecnológica estará a cargo de dois professores.
- (c) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º
- (d) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias de informação e da comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular da turma. A área de projecto e o estudo acompanhado são assegurados por equipas de dois professores da turma, preferencialmente de áreas científicas diferentes.
- (e) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

PLANO CURRICULAR DO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Componentes do currículo		Carga horária semanal (x 90 min.) (a)			
		7.º Ano	8.º Ano	9.º Ano	Total Ciclo
<i>Educação para a cidadania</i>	<i>Áreas curriculares disciplinares:</i>				
	Língua Portuguesa	2	2	2	6
	Línguas Estrangeiras	3	2,5	2,5	8
	LE1; LE2.				
	<i>Ciências Humanas e Sociais</i>	2	2,5	2,5	7
	História; Geografia.				
	Matemática	2	2	2	6
	<i>Ciências Físicas e Naturais</i>	2	2	2,5	6,5
	Ciências Naturais; Físico-Química.				
	<i>Educação Artística</i>				
	Educação Visual	1 (c)	1 (c)	1,5 (d)	5,5
	Outra Disciplina (oferta da escola) (b).	1 (c)	1 (c)		
<i>Formação Pessoal e Social</i>	<i>Educação Tecnológica</i>				
	Educação Física	1,5	1,5	1,5	4,5
	Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação			1	1
	<i>Educação Moral e Religiosa (e)</i>	0,5	0,5	0,5	1,5
	<i>Áreas curriculares não disciplinares (f)</i>				
	Área de Projecto; Estudo Acompanhado; Formação Cívica.	2,5	2,5	2	7
	Total	17 (17,5)	17 (17,5)	17,5 (18)	51,5 (53)
	A decidir pela escola	0,5	0,5		1
	Máximo Global	18	18	18	54
	Actividades de enriquecimento (g)				

(a) Carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos.

– Volte se faz favor –

- (b) A escola poderá oferecer outra disciplina da área da Educação Artística (Educação Musical, Teatro, Dança, etc.) se, no seu quadro docente, existirem professores para a sua docência.
- (c) Nos 7.º e 8.º anos, os alunos têm: *i*) Educação Visual ao longo do ano lectivo; *ii*) numa organização equitativa com a Educação Tecnológica, ao longo de cada ano lectivo, uma outra disciplina da área da Educação Artística. No caso da escola não oferecer uma outra disciplina, a Educação Tecnológica terá uma carga horária igual à disciplina de Educação Visual.
- (d) No 9.º ano, do conjunto das disciplinas que integram os domínios artístico e tecnológico, os alunos escolhem uma única disciplina das que frequentaram nos 7.º e 8.º anos.
- (e) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º.
- (f) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias de informação e da comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular de turma. A área de projecto e a área de estudo acompanhado são asseguradas, cada uma, por um professor.
- (g) Actividade de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º.

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

3 — PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA ACÇÃO PEDAGÓGICA NO 1.º CICLO

3.1. Os programas propostos para o 1.º Ciclo implicam que o desenvolvimento da educação escolar, ao longo das idades abrangidas, constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem **activas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras** que garantam, efectivamente, o direito ao sucesso escolar de cada aluno.

- **As aprendizagens activas** pressupõem que os alunos tenham a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar que vão da actividade física e da manipulação dos objectos e meios didácticos, à descoberta permanente de novos percursos e de outros saberes.

Tal desafio aponta para concepções alternativas que mobilizem a inteligência para projectos decorrentes do quotidiano dos alunos e das actividades exploratórias que lhes deverão ser proporcionadas sistematicamente.

- **As aprendizagens significativas** relacionam-se com as vivências efectivamente realizadas pelos alunos fora ou dentro da escola e que decorrem da sua história pessoal ou que a ela se ligam.

São igualmente significativos os saberes que correspondem a interesses e necessidades reais de cada criança.

Isto pressupõe que a cultura de origem de cada aluno é determinante para que os conteúdos programáticos possam gerar novas significações.

As aprendizagens constroem-se significativamente quando estiverem adaptadas ao processo de desenvolvimento de cada criança. Só assim o percurso escolar poderá conduzir a novas e estáveis aprendizagens.

- As **aprendizagens diversificadas** apontam para a vantagem, largamente conhecida, da utilização de recursos variados que permitam uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados.
Variar os materiais, as técnicas e processos de desenvolvimento de um conteúdo, são condições que se associam a igual necessidade de diversificar as modalidades do trabalho escolar e as formas de comunicação e de troca dos conhecimentos adquiridos.
- As **aprendizagens integradas** decorrem das realidades vivenciadas ou imaginadas que possam ter sentido para a cultura de cada aluno. As experiências e os saberes anteriormente adquiridos recíram e integram, no conhecimento, as novas descobertas. E os progressos conseguidos, na convergência de diferentes áreas do saber, vão assim concorrendo para uma visão cada vez mais flexível e unificadora do pensamento a partir da diversidade de culturas e de pontos de vista.
- As **aprendizagens socializadoras** garantem a formação moral e crítica na apropriação dos saberes e no desenvolvimento das concepções científicas. As formas de organização do trabalho escolar contribuem para o exercício das trocas culturais, da circulação partilhada da informação e da criação de hábitos de interajuda em todas as actividades educativas. Os métodos e as técnicas a utilizar no processo de aprendizagem hão-de, por conseguinte, reproduzir as formas de autonomia e de solidariedade que a educação democrática exige.

Os princípios aqui enunciados requerem, da parte do professor, a consideração de um conjunto de valores profissionais que mobilizem estratégias e atitudes consequentes.

Distinguimos, de entre outras, o respeito pelas diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada aluno; a valorização das experiências escolares e não escolares anteriores; a consideração pelos interesses e necessidades individuais; o estímulo às interacções e às trocas de experiências e saberes; o permitir aos alunos a escolha de actividades; a promoção da iniciativa individual e de participação nas responsabilidades da escola; a valorização das aquisições e das produções dos alunos; a criação, enfim, de um clima favorável à socialização e ao desenvolvimento moral.

3.2. Resta lembrar que, neste contexto, a avaliação a realizar ao longo de cada ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico não deverá traduzir-se em juízos

prematuros e definitivos que discriminem desde logo o aluno, impedindo-o de alcançar sucesso imediato e, porventura, no seu futuro escolar.

A avaliação, particularmente neste ciclo, terá de centrar-se na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.

Para que aquela tomada de consciência seja exercitada no quotidiano escolar, para que tenha valor formativo para o aluno e constitua progresso profissional para o professor, requer-se a construção e utilização de instrumentos de registo sistemático e partilhado que garantam a leitura do desenvolvimento das aprendizagens de cada aluno. Tal registo permitirá uma gestão mais adequada do estado das aprendizagens e realizações do aluno e dos processos de ensino que o professor deverá utilizar ou corrigir para o bom êxito da cooperação, indispensável ao sucesso, dos alunos e dos professores.

4 — COMPONENTES DOS DOMÍNIOS DISCIPLINARES

Cada domínio disciplinar do currículo integra os seguintes componentes:

4.1. Princípios Orientadores que propõem fundamentos e apontam para perspectivas estratégicas de desenvolvimento das práticas educativas nos diversos domínios disciplinares que integram o currículo.

4.2. Objectivos Gerais do domínio disciplinar ou interdisciplinar que enunciam as competências globais que cada aluno terá de atingir até ao fim do 1.º Ciclo no respectivo domínio do currículo.

4.3. Blocos de Aprendizagem que correspondem a conjuntos de actividades de aprendizagem designados por um conceito, por um tema articulador ou pela designação de uma etapa de desenvolvimento da actividade curricular. Cada bloco, enquanto capítulo ou segmento de um domínio disciplinar, é composto por quatro etapas de actividades que correspondem a cada um dos quatro anos do 1.º Ciclo. Os Blocos são introduzidos por um pequeno texto de orientação teórica e pedagógica para cada um dos sub-domínios ou segmentos da acção educativa.

O conteúdo de cada Bloco é constituído por conjuntos de listas de actividades de aprendizagem ou experiências educativas enunciadas sob a forma de objectivos de acção.

Cada conjunto dessas actividades integra-se num enunciado mais genérico de acção ou num conceito ou tema aglutinador das referidas actividades para cada domínio do saber ou programa.

PROGRAMAS DO 1.º CICLO

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO: FÍSICO-MOTORA, MUSICAL, DRAMÁTICA E PLÁSTICA

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICO-MOTORA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

1. *Como se sabe, os períodos críticos das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1.º Ciclo. A falta de actividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis. Por outro lado, o desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a actividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstracções e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação. Estas evidências justificam a importância crucial desta Área, no 1.º Ciclo, como componente inalienável da Educação.*

O conteúdo deste Programa assegura, também, condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interacção com os companheiros, inerentes às actividades (matérias) próprias da E. F. e aos respectivos processos de aprendizagem.

Além disso, a realização deste programa proporciona um contraste com a sala de aula que pode favorecer a adaptação da criança ao contexto escolar. Nesse contraste, restabelece-se o equilíbrio das experiências escolares, aproximando-as do ritmo e estilo da actividade própria da infância, tornando a escola e o ensino mais apetecíveis.

2. *Importa salientar a relação que deverá existir entre o programa e a prática pedagógica:*

— Estes programas não foram concebidos como a única fonte de inspiração dos professores, mas como a referência geral que permite garantir a coordenação e coerência da actividade dos alunos em anos seguintes e entre turmas e escolas diferentes.

— Enquanto referência, são suficientemente «abertos» para admitir outras possibilidades e alternativas, «por dentro e para além» das orientações que estabelecem.

Do ponto de vista das necessidades de desenvolvimento multilateral das crianças, a principal exigência que o currículo real dos alunos deve satisfazer é a continuidade e a regularidade de actividade física adequada, pedagogicamente orientada pelo seu professor.

O Programa desenha um «continuum» de desenvolvimento pessoal, através das experiências (actividade do aluno) que estão indicadas pelos seus efeitos desejáveis (objectivos).

Estes efeitos ou benefícios desta Área estão explicitados sinteticamente em capacidades gerais, visadas no conjunto dos quatro anos (objectivos gerais da E. E. F. M.), coerentes com as finalidades da E. F. de todo o ensino básico. Essas capacidades encontram-se especificadas a seguir, em objectivos mais concretos, «situados» num (ou vários) anos de curso, expressando, em termos de habilidades, as competências das crianças (nas matérias seleccionadas), características daquelas capacidades.

Assim, os professores encontram neste Programa as principais competências psicomotoras, nas matérias de cada uma das sete áreas da E. E. F. M., numa progressão harmoniosa e flexível, do 1.º ao 4.º ano. Estas competências são acessíveis a todas as crianças e admitem diferentes modos (ou qualidades) de execução e aperfeiçoamento.

Ao seleccionar e organizar as actividades da turma para promover esses efeitos (o currículo real), o Professor deverá considerar as aptidões dos alunos, os seus interesses e as características da dinâmica social da turma, de acordo, evidentemente, com os objectivos e também com os recursos atribuídos a cada escola para viabilizar esses objectivos.

3. Algumas áreas específicas da E. E. F. M. surgem com características que convém esclarecer. Em **Deslocamentos e Equilíbrios e Perícias e Manipulações** (1.º e 2.º anos) encontram-se competências representativas das acções motoras fundamentais, cujo domínio permite à criança desta idade estruturar a sua disponibilidade de adaptação aos principais tipos de actividade física. Esta melhoria das qualidades perceptivomotoras não só culmina uma etapa do desenvolvimento da criança, como constitui a base necessária, no momento oportuno, para aprendizagens mais complexas, indicadas pelos objectivos dos anos seguintes.

Certas áreas são especificadas com maior abertura do que outras, quando os professores podem optar por uma variedade de alternativas para obter

efeitos idênticos (o caso da área de Jogos, particularmente nos 1.º e 2.º anos) ou quando factores subjectivos, como a expressividade, são essenciais (é o caso das Actividades Rítmicas Expressivas).

*A Natação é, toda ela, apresentada em alternativa, pois não nos pareceu exequível, a médio prazo, a garantia dos meios necessários na maioria das escolas. Nas situações (turmas ou escolas) em que essa actividade for possível, recomendamos que seja considerada prioritária. Importa ainda esclarecer que a inclusão de uma área designada por **Jogos** não significa que nela se pretende reduzir todas as situações de carácter ou «tonalidade» lúdica (prova, exploração, experiência de superação).*

*Pelo contrário, o conjunto das experiências da criança na E. E. F. M. deve ter um carácter lúdico, numa atitude e ambiente pedagógico de exploração e descoberta de novas possibilidades de ser e realizar(-se). Neste entendimento, reconhecem-se na actividade lúdica das crianças determinadas formas típicas da infância (ou introduzidas pelo professor, preparatórias das etapas seguintes de desenvolvimento). Foram estas «formas» que considerámos na área de **Jogos**.*

4. *Interessava traçar um plano de «perspectiva» do desenvolvimento das crianças, e foi isso que tentámos fazer num duplo sentido:*

- *Perspectiva de realização das potencialidades de adaptação oferecidas pela infância. Assim, procurámos explicitar os modos de actuação correspondentes às prioridades gerais de desenvolvimento multilateral e de estruturação do comportamento motor.*
- *Perspectiva de valorização pedagógica da expectativa das crianças de serem «já» capazes de tarefas mais ousadas e aliciantes, próximas dos feitos que os mais velhos exibem, brincando e descobrindo, nessas brincadeiras, novas capacidades e dificuldades a vencer.*

OBJECTIVOS GERAIS

OBJECTIVOS COMUNS A TODOS OS BLOCOS

1. Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas:
 - Resistência Geral;
 - Velocidade de Reacção simples e complexa de Execução de acções motoras básicas, e de Deslocamento;
 - Flexibilidade;
 - Controlo de postura;
 - Equilíbrio dinâmico em situações de «voo», de aceleração e de apoio instável e/ou limitado;
 - Controlo da orientação espacial;
 - Ritmo;
 - Agilidade.
2. Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor.
3. Participar, com empenho, no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de actividades, procurando realizar as acções adequadas com correcção e oportunidade.

OBJECTIVOS POR BLOCO

4. Realizar acções motoras básicas com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos, conjugando as qualidades da acção própria ao efeito pretendido de movimentação do aparelho.
5. Realizar acções motoras básicas de deslocamento, no solo e em aparelhos, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento, ou combinação de movimentos, coordenando a sua acção para aproveitar as qualidades motoras possibilitadas pela situação.
6. Realizar habilidades gímnicas básicas em esquemas ou sequências no solo e em aparelhos, encadeando e ou combinando as acções com fluidez e harmonia de movimentos.
7. Participar em jogos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, com oportunidade e correção de movimentos.
8. Patinar com equilíbrio e segurança, ajustando as suas acções para orientar o seu deslocamento com intencionalidade e oportunidade na realização de percursos variados.
9. Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.
10. Escolher e realizar habilidades apropriadas em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.

BLOCO 1 — PERÍCIA E MANIPULAÇÃO

- *Realizar acções motoras básicas com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos, conjugando as qualidades da acção própria ao efeito pretendido de movimentação do aparelho.*

1.º ANO

1. Em concurso individual:
 - 1.1. LANÇAR uma bola em precisão a um alvo fixo, por baixo e por cima, com cada uma e ambas as mãos.
 - 1.2. RECEBER a bola com as duas mãos, após lançamento à parede, evitando que caia ou toque outra parte do corpo.
 - 1.3. RODAR o arco no solo, segundo o eixo vertical, saltando para dentro dele antes que finalize a sua rotação.
 - 1.4. Manter uma bola de espuma no ar, de forma controlada, com TOQUES DE RAQUETE, com e sem ressalto da bola no chão.
 - 1.5. DRIBLAR com cada uma das mãos, em deslocamento, controlando a bola para manter a direcção desejada.

1.º e 2.º ANOS

2. Em concurso individual:
 - 2.1. LANÇAR uma bola em distância com a «mão melhor» (a mão mais forte) e com as duas mãos, para além de uma marca.
 - 2.2. LANÇAR para cima (no plano vertical) uma bola (grande) e RECEBÊ-LA com as duas mãos acima da cabeça (o mais alto possível) e perto do solo (o mais baixo possível).
 - 2.3. ROLAR a bola, nos membros superiores e nos membros inferiores (deitado) unidos e em extensão, controlando o seu movimento pelo ajustamento dos segmentos corporais.
 - 2.4. PONTAPEAR a bola em precisão a um alvo, com um e outro pé, dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio.

- 2.5. PONTAPEAR a bola em distância, para além de uma zona/marca, com um e outro pé, dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio.
 - 2.6. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO de um «balão», com os membros superiores e a cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola.
3. Em concurso a pares:
- 3.1. CABECEAR um «balão» (lançado por um companheiro a «pingar»), posicionando-se num ponto de queda da bola, para a agarrar a seguir com o mínimo de deslocamento.
 - 3.2. PASSAR a bola a um companheiro com as duas mãos (passe «picado», a «pingar» ou de «peito»), consoante a sua posição e ou deslocamento. RECEBER a bola com as duas mãos, parado e em deslocamento.
4. Em concurso individual ou estafeta, ROLAR O ARCO com pequenos «toques» à esquerda e à direita, controlando-o na trajectória pretendida.

2.º ANO

5. Em concurso individual:
- 5.1. LANÇAR uma bola em precisão a um alvo móvel, por baixo e por cima, com cada uma e ambas as mãos.
 - 5.2. IMPULSIONAR uma bola de espuma para a frente e para cima, posicionando-a para a «BATER» com a outra mão acima do plano da cabeça, numa direcção determinada.
 - 5.3. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO de uma bola de espuma com uma e outra das faces de uma raquete, a alturas variadas, com e sem ressalto da bola no chão, parado e em deslocamento.
 - 5.4. SALTAR à corda no lugar e em progressão, com coordenação global e fluidez de movimentos.
 - 5.5. LANÇAR o arco na vertical e RECEBÊ-LO, com as duas mãos.
 - 5.6. PASSAR por dentro de um arco e rolar no chão, sem o derrubar.

6. Em concurso individual ou estafeta:
 - 6.1. DRIBLAR «alto e baixo», com a mão esquerda e direita, em deslocamento, sem perder o controlo da bola.
 - 6.2. CONDUZIR a bola dentro dos limites duma zona definida, mantendo-a próximo dos pés.
7. Em concurso a pares:
 - 7.1. RECEBER a bola, controlando-a com o pé direito ou esquerdo, e PASSÁ-LA, colocando-a ao alcance do companheiro.
 - 7.2. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO para o companheiro, com as mãos, antebraços e ou cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola, para a devolver.

BLOCO 2 — DESLOCAMENTOS E EQUILÍBRIOS

- *Realizar acções motoras básicas de deslocamento, no solo e em aparelhos, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento, ou combinação de movimentos, coordenando a sua acção para aproveitar as qualidades motoras possibilitadas pela situação.*

1.º ANO

1. Em percursos que integram várias habilidades:

- 1.1. RASTEJAR deitado dorsal e ventral, em todas as direcções, movimentando-se com o apoio das mãos e ou dos pés.
- 1.2. ROLAR sobre si próprio em posições diferentes, nas principais direcções e nos dois sentidos.
- 1.3. Fazer CAMBALHOTA à frente (engrupada), num plano inclinado, mantendo a mesma direcção durante o enrolamento.
- 1.4. SALTAR sobre obstáculos de alturas e comprimentos variados, com chamada a um pé e a «pés juntos», com recepção equilibrada no solo.
- 1.5. SALTAR para um plano superior (mesa ou plinto), após chamada a pés juntos, apoando as mãos para se sentar, ou apoiar os pés, ou os joelhos.
- 1.6. CAIR voluntariamente, no colchão e no solo, partindo de diferentes posições, rolando para amortecer a queda (sem apoiar as mãos para travar o movimento).
- 1.7. SALTAR de um plano superior com recepção equilibrada no colchão.
- 1.8. SUBIR E DESCER o espaldar, percorrendo os degraus alternadamente com um e com o outro pé e com uma e outra mão.

1.º e 2.º ANOS

2. Em concurso individual, com patins:

- 2.1. MARCHAR sobre os patins com variações de ritmo e amplitude da passada, mantendo o equilíbrio.

- 2.2. RECUPERAR O EQUILÍBRIO agachando-se ou, ao desequilibrar-se totalmente, baixar-se e «fechar» para sentar ou rolar, amortecendo o impacto sem colocar as mãos ou braços no solo.
 - 2.3. DESLIZAR de «cócoras», após impulso de um colega, mantendo os patins paralelos e os braços à frente, ELEVANDO-SE (sem perder o equilíbrio) e BAIXANDO-SE para se sentar antes de parar.
 - 2.4. DESLIZAR sobre um patim, apoиando-o um passo à frente e deslocando o peso do corpo para esse apoio, mantendo-se em equilíbrio até se imobilizar totalmente.
 - 2.5. DESLIZAR para a frente com impulso alternado de um e outro pé, colocando o peso do corpo sobre o patim de apoio, movimentando os braços em harmonia com o deslocamento.
3. Em percursos que integrem várias habilidades:
 - 3.1. SUBIR para um plano superior (mesa ou plinto), apoiando as mãos e elevando a bacia para apoiar um dos joelhos, mantendo os braços em extensão.
 - 3.2. SUSPENDER E BALANÇAR numa barra, saindo em equilíbrio.
 - 3.3. DESLOCAR-SE EM SUSPENSÃO, lateralmente e frontalmente, de uma à outra extremidade da barra, com pega alternada.
 - 3.4. DESLOCAR-SE para a frente, para os lados e para trás sobre superfícies reduzidas e elevadas, mantendo o equilíbrio.
4. Em concurso individual, DESLIZAR sentado e deitado (ventral), em prancha, sobre o «skate», após impulso das mãos ou dos pés, mantendo o equilíbrio.

2.º ANO

5. Em percursos que integrem várias habilidades:
 - 5.1. TRANSPOR obstáculos sucessivos, em corrida, colocados a distâncias irregulares, sem acentuadas mudanças de velocidade.
 - 5.2. SUBIR E DESCER pela tracção dos braços, um banco sueco inclinado, deitado em posição ventral e dorsal.
 - 5.3. SALTAR de um plano superior realizando, durante o voo, uma figura à sua escolha, ou voltas, com recepção em pé e equilibrada.

- 5.4. Realizar SALTOS «de coelho» no solo, com amplitudes variadas, evitando o avanço dos ombros no momento do apoio das das mãos.
 - 5.5. Fazer CAMBALHOTA à frente no colchão, terminando a pés juntos, mantendo a mesma direcção durante o enrolamento.
 - 5.6. Fazer CAMBALHOTA à rectaguarda sobre um colchão num plano inclinado, com repulsão dos braços na fase final, terminando com as pernas afastadas.
 - 5.7. ROLAR à frente numa barra (baixa), sem interrupção do movimento e com recepção em segurança.
 - 5.8. SUBIR E DESCER o espaldar percorrendo todos os degraus e DESLOCAR-SE para ambos os lados face ao espaldar.
 - 5.9. SUBIR E DESCER uma corda suspensa, com nós, com a acção coordenada dos membros inferiores e superiores.
6. Em concurso individual, com coordenação e fluidez de movimentos:
 - 6.1. SALTAR em comprimento, após curta corrida de balanço e chamada a um pé numa zona elevada, com recepção a pés juntos num colchão ou caixa de saltos.
 - 6.2. SALTAR em altura para tocar num objecto suspenso, após curta corrida de balanço e chamada a pés juntos e a um pé, com recepção equilibrada.
 7. Em patins, combinar num percurso, com coordenação global e fluidez de movimentos, as destrezas aprendidas e as seguintes:
 - 7.1. CURVAR com os pés paralelos, à direita e à esquerda com ligeira inclinação dos pés e do tronco para o lado para onde vai virar, mantendo o equilíbrio.
 - 7.2. TRAVAR em «T» após deslize para a frente, no menor espaço de tempo, mantendo o equilíbrio e ficando em condições de iniciar novo deslize.
 8. Em concurso individual DESLIZAR com os dois pés sobre o «skate», após impulso de um outro pé, mantendo o equilíbrio.

BLOCO 3 — GINÁSTICA

- *Realizar habilidades gímnicas básicas em esquemas ou sequências no solo e em aparelhos, encadeando e ou combinando as acções com fluidez e harmonia de movimento.*

3.º ANO

1. Em percursos que integram várias habilidades:
 - 1.1. Executar a CAMBALHOTA À RECTAGUARDA com repulsão dos braços na parte final, terminando com as pernas afastadas e em extensão.
 - 1.2. SUBIR PARA PINO apoiando as mãos no colchão e os pés num plano vertical, recuando as mãos e subindo gradualmente o apoio dos pés, aproximando-se da vertical (mantendo o olhar dirigido para as mãos). Ressellar à posição inicial pela acção inversa.
 - 1.3. PASSAR POR PINO, seguido de cambalhota à frente, partindo da posição de deitado ventral no plinto, deslizando para apoio das mãos no colchão (sem avanço dos ombros).
 - 1.4. SALTAR AO EIXO por cima de um companheiro após corrida de balanço e chamada a pés juntos, passando com os membros inferiores bem afastados e chegando ao solo em equilíbrio.
 - 1.5. COMBINAR posições de equilíbrio estático, com marcha lateral, para trás e para a frente, e «meias-voltas».
 - 1.6. LANÇAR E RECEBER O ARCO na vertical, com cada uma das mãos, evitando que toque no solo.
 - 1.7. LANÇAR O ARCO para a frente, no solo, fazendo-o voltar para trás, seguido de salto para que o arco passe por entre as suas pernas, agarrando-o atrás do corpo com uma das mãos.

3.º e 4.º ANOS

2. Em percursos diversificados, realizar as seguintes habilidades:
 - 2.1. CAMBALHOTA À FRENTE num plano inclinado, terminando com as pernas afastadas e em extensão.

- 2.2. SALTO DE COELHO para o plinto longitudinal, após corrida de balanço e chamada a pés juntos, com apoio na extremidade mais próxima, seguida de SALTO DE EIXO com o apoio das mãos na outra extremidade.
- 2.3. SALTO DE BARREIRA à esquerda e à direita, com apoio das mãos no plinto (baixo), após chamada a pés juntos, com recepção no solo em equilíbrio.
- 2.4. RODA, com apoio alternado das mãos na «cabeça» do plinto (transversal), passando as pernas o mais alto possível, com recepção equilibrada do outro lado em apoio alternado dos pés.
- 2.5. PINO DE CABEÇA aproximando-se da vertical, beneficiando de ajuda de um companheiro ou de apoio no espaldar.
- 2.6. ROLAMENTO À RECTAGUARDA, suspenso na barra, passando as pernas entre os braços, soltando-se com oportunidade para recepção em pé no solo.
- 2.7. BALANÇOS na barra, realizando com coordenação global e oportunidade, os movimentos de fecho e abertura, com saída equilibrada à rectaguarda.
- 2.8. SUBIR E DESCER o espaldar e DESLOCAR-SE para ambos os lados de costas para o espaldar.
- 2.9. DESLOCAR-SE ao longo da barra, nos dois sentidos, em suspensão pelas mãos e pernas (cruzadas), de costas para o solo.
- 2.10. SUBIR E DESCER uma corda suspensa, sem nós, pela acção coordenada dos membros inferiores e superiores.
- 2.11. SALTAR À CORDA em corrida e no local (a pés juntos e pé coixinho), com coordenação e fluidez de movimentos.
- 2.12. SALTAR À CORDA, movimentada pelos companheiros, entrando e saindo sem lhe tocar.
- 2.13. LANÇAR E RECEBER O ARCO com as duas mãos, no plano horizontal, posicionando-se para ficar dentro do arco na recepção.
- 2.14. ROLAR A BOLA sobre diferentes superfícies do corpo, controlando o seu movimento pelo ajustamento dos segmentos corporais.

4.º ANO

3. Combinar as seguintes habilidades, realizando-as em sequências adequadas:
 - 3.1. CAMBALHOTA À RECTAGUARDA, com repulsão dos braços na parte final terminando com os pés juntos na direcção do ponto de partida.
 - 3.2. SUBIDA PARA PINO apoiando as mãos no colchão e os pés num plano vertical, recuando as mãos e subindo gradualmente o apoio dos pés, aproximando-se da vertical (mantendo o olhar dirigido para as mãos), seguido de cambalhota à frente.
 - 3.3. SALTAR para o espaldar, apoiando simultaneamente os pés e as mãos, virar-se de costas e saltar para o colchão com meia-volta, com recepção equilibrada.
 - 3.4. SALTO DE EIXO no boque, após corrida de balanço e chamada a pés juntos, passando com a bacia elevada e os membros inferiores bem afastados, com recepção equilibrada.
 - 3.5. COMBINAR posições de equilíbrio estático com marcha lateral, para trás e para a frente, voltas e saltos simples com recepção equilibrada, na trave baixa ou banco sueco.
 - 3.6. RODAR O ARCO à volta do corpo, mantendo o movimento por ondulações do corpo.
 - 3.7. POSIÇÕES DE FLEXIBILIDADE variadas (afastamento lateral e frontal das pernas em pé e no chão, com máxima inclinação do tronco; «mata-borrão»; etc.).

BLOCO 4 — JOGOS

- *Participar em jogos ajustando a iniciativa própria, e as qualidades motoras na prestação, às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, com oportunidade e correcção de movimentos.*

1.º e 2.º ANOS

1. Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, seleccionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as acções características desses jogos, designadamente:
 - posições de equilíbrio;
 - deslocamentos em corrida com «fintas» e «mudanças de direcção» e de velocidade;
 - combinações de apoios variados associados com corrida, marcha e voltas;
 - lançamentos de precisão e à distância;
 - pontapés de precisão e à distância.

3.º ANO

2. Nos jogos colectivos com bola, tais como: RABIA, JOGO DE PASSES, BOLA AO POSTE, BOLA AO CAPITÃO, BOLA NO FUNDO, agir em conformidade com a situação:
 - 2.1. Se tem a bola, PASSAR a um companheiro que esteja liberto, respeitando o limite dos apoios estabelecidos.
 - 2.2. RECEBER activamente a bola com as duas mãos, quando esta lhe é dirigida ou quando a interceptar.
3. Em concurso/exercício individual e ou a pares:
 - 3.1. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO para o companheiro, com as mãos, ante braços e ou cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola, para a devolver.

- 3.2. IMPULSIONAR uma bola de espuma para a frente e para cima, posicionando-se para a «BATER» com a outra mão acima do plano da cabeça, e ao nível dos joelhos, numa direcção determinada.
 - 3.3. Realizar BATIMENTOS de bola de espuma com raquete, contra a parede, à esquerda e à direita, num plano à frente do corpo, posicionando-se consoante o lado, para devolver a bola após um ressalto no solo.
4. Em situação de exercício de Futebol — contra um guarda-redes:
- 4.1. CONDUZIR a bola progredindo para a baliza, com pequenos toques da parte interna e externa dos pés, mantendo a bola controlada, e REMATAR acertando na baliza.
 - 4.2. Com um companheiro, PASSAR E RECEBER a bola com a parte interna dos pés, progredindo para a baliza e REMATAR, acertando na baliza.

3.º e 4.º ANOS

5. Cooperar com os companheiros procurando realizar as acções favoráveis ao cumprimento das regras e do objectivo do jogo. Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando acções que ponham em risco a sua integridade física.
6. No jogo do MATA, com bola ou ringue:
 - 6.1. Em posse da bola, PASSAR a um companheiro ou REMATAR (para acertar no adversário), de acordo com as posições dos jogadores. Criar condições favoráveis a estas acções, utilizando fintas de passe ou de remate.
 - 6.2. CRIAR LINHAS DE PASSE para receber a bola deslocando-se e utilizando fintas, se necessário.
 - 6.3. Optar por INTERCEPTAR o passe ou ESQUIVAR-SE, quando a sua equipa não tem bola, deslocando-se na sua área, com oportunidade, conforme a circulação da bola.
7. Em concurso individual e ou a pares (Futebol):
 - 7.1. PONTAPEAR a bola, parada e em movimento, com a parte antero-superior e antero-interna do pé, após duas ou três passadas de balanço, colocando correctamente o apoio, imprimindo à bola uma trajectória alta e comprida, na direcção de um alvo.

- 7.2. Manter a bola no ar, com TOQUES DE SUSTENTAÇÃO com os pés, coxa e ou cabeça, posicionando-se de modo a dar continuidade à acção.
 - 7.3. CABECEAR a bola (com a testa), em posição frontal à baliza, após passe com as mãos (lateral) de um companheiro, acertando na baliza.
8. No jogo da ROLHA:
- 8.1. Na situação de atacante («caçador»):
 - Escolher e PERSEGUIR um dos fugitivos para o tocar, utilizando mudanças de direcção e velocidade, procurando desviá-lo para perto das linhas limites do campo;
 - Ao «guardar» um fugitivo já apanhado, enquadrando-se para impedir que outros o «salvem».
 - 8.2. Em situação de defesa:
 - FUGIR E ESQUIVAR-SE do «caçador», utilizando mudanças de direcção e velocidade, evitando colocar-se perto das linhas limites do campo;
 - Coordenar a sua acção com um companheiro criando situações de superioridade numérica (2 x 1) para «salvar» um fugitivo «apanhado».
9. No jogo «PUXA-EMPURRA»:
- 9.1. Respeitar as regras de segurança estabelecidas e a integridade física do parceiro, mesmo à custa da sua vantagem.
 - 9.2. Colocar o parceiro fora dos limites de um quadrado ou círculo, puxando-o ou empurmando-o directamente ou em rotação, pelos braços e ou tronco, aproveitando a acção do oponente.
 - 9.3. Evitar ser colocado fora do quadrado ou círculo «esquivando-se» às acções do parceiro, aproveitando-se para passar ao ataque.
10. Em concurso individual:
- 10.1. SALTAR EM COMPRIMENTO após corrida de balanço e chamada a um pé numa zona, com queda na caixa de saltos ou colchão fixo (recepção a dois pés).
 - 10.2. SALTAR EM ALTURA após curta corrida de balanço e chamada a um pé, passando o elástico com salto de «tesoura», com recepção equilibrada.
 - 10.3. LANÇAR A BOLA (tipo ténis) em distância, após curta corrida de balanço e ter «armado» o braço, em extensão, à rectaguarda.

11. Em corrida de estafetas, realizar o seu percurso rapidamente, ENTREGANDO e RECEBENDO o testemunho em movimento e com segurança.
12. Em concurso a pares, com uma raqueta e uma bola (tipo ténis), DEVOLVER a bola ao companheiro, após ressalto numa zona à frente do corpo, em equilíbrio, dando continuidade ao movimento do braço.
13. Em concurso individual de Voleibol SUSTENTAR a bola/balão com toques de dedos (com as duas mãos acima da cabeça), com flexão e extensão de braços e pernas, posicionando-se no ponto de queda da bola.

4.º ANO

14. Nos jogos colectivos com bola, tais como: RABIA, JOGO DE PASSES, BOLA AO POSTE, BOLA AO CAPITÃO, BOLA NO FUNDO, agir em conformidade com a situação:
 - 14.1. RECEBER a bola com as duas mãos, ENQUADRAR-SE ofensivamente e PASSAR a um companheiro desmarcado utilizando, se necessário, fintas de passe e rotações sobre um pé.
 - 14.2. DESMARCAR-SE para receber a bola, criando linhas de passe, fintando o seu adversário directo.
 - 14.3. MARCAR o adversário escolhido quando a sua equipa perde a bola.
15. Em situação de exercício (com superioridade numérica dos atacantes — 3×1 ou 5×2) e de jogo de Futebol 4×4 (num espaço amplo), com guarda-redes:
 - 15.1. ACEITAR as decisões da arbitragem e adequar as suas acções às regras do jogo: início e recomeço do jogo, marcação de golos, bola fora, lançamento pela linha lateral, lançamento da baliza, principais faltas, marcação de livres e de grande penalidade.
 - 15.2. RECEBER a bola controlando-a e ENQUADRAR-SE ofensivamente, optando, conforme a leitura da situação, por:
 - REMATAR, se tem a baliza ao seu alcance;
 - PASSAR a um companheiro desmarcado;

- CONDUZIR a bola na direcção da baliza, para REMATAR (se entretanto conseguiu posição) ou PASSAR.
- 15.3. DESMARCAR-SE após passe e para se libertar do defensor, criando linhas de passe, ofensivas de apoio procurando o espaço livre. ACLARAR o espaço de penetração do jogador com a bola.
- 15.4. Na defesa, MARCAR o adversário escolhido.
- 15.5. Como guarda-redes, ENQUADRAR-SE com a bola para impedir o «golo». Ao recuperar a bola, PASSAR a um jogador desmarcado.
16. No jogo «BITOQUE» RAGUEBI:
- 16.1. RECEBER a bola controlando-a e ENQUADRAR-SE ofensivamente, optando, conforme a sua leitura da situação de jogo, por:
 - PROGREDIR para finalizar (ensaio), utilizando, se necessário, fintas e mudanças de direcção;
 - PASSAR a um companheiro em posição favorável.
 - 16.2. PASSAR a bola a um companheiro ou deixá-la cair na vertical, quando é tocado pelo opositor («bitoque»).
 - 16.3. CRIAR LINHAS DE PASSE para receber a bola, deslocando-se ao lado ou atrás do companheiro com bola.
 - 16.4. Quando a sua equipa não tem bola, deslocar-se para INTERCEPTAR o passe ou TOCAR com as duas mãos («bitoque») nas coxas ou cintura do adversário obrigando-o a passar ou largar a bola.
17. Com uma raquete e uma bola (tipo ténis), em concurso individual ou a pares, impulsionar a bola na vertical e BATÊ-LA acima da cabeça, imprimindo à bola uma trajectória tensa, numa direcção determinada.
18. Em situação de concurso em grupos de quatro (dois de cada lado da rede), JOGAR com os companheiros efectuando TOQUES COM AS DUAS MÃOS (por cima) e/ou TOQUES POR BAIXO COM OS ANTEBRAÇOS (estendidos), para manter a bola no ar, com número limitado de toques sucessivos de cada lado.

BLOCO 5 — PATINAGEM

- *Patinar com equilíbrio e segurança, ajustando as suas acções para orientar o seu deslocamento com intencionalidade e oportunidade na realização de percursos variados.*

3.º e 4.º ANOS

1. Em patins, cumprindo as regras de segurança própria e dos companheiros, realizar com coordenação global e fluidez de movimentos, percursos, jogos de perseguição ou estafetas em que se combinem as habilidades aprendidas anteriormente e as seguintes:
 - 1.1. ARRANCAR para a frente, para a esquerda e para a direita, apoiando o patim na direcção desejada e impulsionando-se pela colocação do peso do corpo sobre esse apoio, coordenando a acção dos membros inferiores com a inclinação do tronco.
 - 1.2. DESLIZAR para a frente sobre um apoio, flectindo a perna livre (com o patim à altura do joelho da outra perna) mantendo a figura e o controlo do deslocamento em equilíbrio («Quatro»).
 - 1.3. DESLIZAR para trás com os patins paralelos, após impulso inicial de um colega ou na parede.
 - 1.4. DESLIZAR para a frente e também para trás, afastando e juntando respectivamente as pontas dos pés e os calcanhares (desenhando um encadeamento de círculos).
 - 1.5. CURVAR com «CRUZAMENTO DE PERNAS», cruzando a perna do lado de fora da curva e realizando esse apoio à frente e «por dentro» do apoio anterior.
 - 1.6. TRAVAR em (ou após passar a) DESLIZE PARA TRÁS apoiando o travão no solo e ficando em condições de iniciar novo deslize.
 - 1.7. TRAVAR DE LADO, com os patins paralelos e afastados, levando o patim de «fora» a descrever uma curva mais ampla, colocando o peso do corpo no patim de dentro e pressionando o patim de «fora» contra o solo, até à imobilização total.
 - 1.8. «MEIA-VOLTA», em deslocamento para a frente ou para trás, invertendo a orientação corporal e continuando o deslize no mesmo sentido.

2. Em concurso ou exercício individual, DESLIZAR com os dois pés sobre o «skate» após impulso de um ou outro pé, realizando um trajecto com mudanças de direcção e curvas, mantendo o equilíbrio.

BLOCO 6 — ACTIVIDADES RÍTMICAS EXPRESSIVAS (DANÇA)

- *Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.*

1.º, 2.º, 3.º e 4.º ANOS

1. Em situação de exploração individual do movimento, de acordo com a marcação rítmica do professor e ou dos colegas:
 - 1.1. Deslocar-se em toda a área (percorrendo todas as direcções, sentidos e zonas), nas diferentes formas de locomoção, no ritmo-sequência dos apoios correspondente à marcação dos diferentes compassos simples (binário, ternário e quaternário), combinando «lento-rápido», «forte-fraco» e «pausa-contínuo»:
 - 1.1.1. Combinar o andar, o correr, o saltitar, o deslizar, o saltar, o cair, o rolar, o rastejar, o rodopiar, etc., em todas as direcções e sentidos definidos pela orientação corporal.
 - 1.1.2. Realizar saltos de pequena amplitude, no lugar, a andar e a correr em diferentes direcções e sentidos definidos pela orientação corporal, variando os apoios (dois-dois, um-dois, dois-um, um-mesmo, um-outro).
 - 1.1.3. Utilizar combinações pessoais de movimentos locomotores e não locomotores para expressar a sua sensibilidade a temas sugeridos pelo professor (imagens, sensações, emoções, histórias, canções, etc.), que inspirem diferentes modos e qualidades de movimento.

2.º, 3.º e 4.º ANOS

2. Em situação de exploração individual do movimento, com ambiente musical adequado, a partir de movimentos dados pelo professor (e ou sugeridos pelos alunos), seguindo timbres diversificados e a marcação rítmica:
 - 2.1. Realizar equilíbrios associados à dinâmica dos movimentos, definindo uma «figura livre» (à sua escolha), durante cada pausa da música, da marcação ou outro sinal combinado.

- 2.2. Acentuar determinado estímulo musical com movimentos locomotores e não locomotores dissociando a acção das diferentes partes do corpo.

3.º e 4.º ANOS

3. Em situação de exploração da movimentação em grupo, com ambiente musical adequado e ou de acordo com a marcação rítmica do professor ou dos colegas:
- 3.1. Combinar habilidades motoras referidas em 1. e 2., seguindo a evolução do grupo em rodas e linhas (simples ou múltiplas), espirais, zigue-zague, estrela, quadrado, etc.
 - 3.2. Ajustar a sua acção às alterações ou mudanças da formação, associadas à dinâmica proposta pela música, evoluindo em todas as zonas e níveis do espaço.

4.º ANO

4. Em situação de exploração do movimento a pares, com ambiente musical adequado:
- 4.1. Utilizar movimentos locomotores e não locomotores, pausas e equilíbrios, e também o contacto com o parceiro, «conduzindo» a sua acção, «facilitando» e «esperando» por ele se necessário.
 - 4.2. Seguir a movimentação do companheiro, realizando as mesmas acções com as mesmas qualidades de movimento.
5. Em situação de exercitação, com ambiente/marcação musical adequados, aperfeiçoar a execução de frases de movimento, dadas pelo professor, integrando as habilidades motoras referidas atrás, com fluidez de movimentos e em sintonia com a música.
6. Criar pequenas sequências de movimentos a partir de 1.1.3., individualmente, a pares ou grupos, e apresentá-las na turma, com ambiente musical escolhido pelos alunos, com o apoio do professor.

BLOCO 7 — PERCURSOS NA NATUREZA

- *Escolher e realizar habilidades apropriadas em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.*

1.º e 2.º ANOS

1. Realizar um percurso na mata, bosque, montanha, etc., com o acompanhamento do professor, em corrida e em marcha, combinando as seguintes habilidades: correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, etc., mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e indicando-a quando solicitado.

3.º e 4.º ANOS

2. Colaborar com a sua equipa interpretando sinais informativos simples (no percurso e no mapa), para que esta, acompanhada pelo professor e colaboradores, cumpra um percurso na mata, bosque, montanha, etc., combinando as habilidades aprendidas anteriormente, mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e outros pontos de referência.

BLOCO 8 — NATAÇÃO (PROGRAMA OPCIONAL)

NÍVEL INTRODUTÓRIO

1. Em piscina com pé, em situação de exercício ou de jogo, utilizando objectos variados flutuantes e submersos:
 - 1.1. Coordenar a inspiração e a expiração em diversas situações simples com e sem apoios, fazendo a inspiração curta e a expiração completa activa e prolongada só pela boca, só pelo nariz e, simultaneamente, pelas duas vias.
 - 1.2. Flutuar em equilíbrio, em diferentes posições partindo de apoio de pés e mãos para a flutuação vertical e horizontal (facial e dorsal). Combinar as posições de flutuação em sequências (coordinando essas mudanças com os movimentos da cabeça e respiração): vertical-horizontal, horizontal facial-dorsal.
 - 1.3. Associar o mergulho às diferentes posições de flutuação abrindo os olhos durante a imersão para se deslocar com intencionalidade em tarefas simples (apanhar objectos, seguir colegas, etc.), a vários níveis de profundidade.
 - 1.4. Deslocar-se em flutuação, coordenando as acções propulsivas das pernas e braços com a respiração em diferentes planos de água e eixos corporais, explorando a resistência da água e orientando-se com intencionalidade para transportar, receber e passar objectos, seguir colegas, etc.
 - 1.5. Saltar para a piscina, partindo de posições e apoios variados (pés, mãos, joelhos, frontal e lateral), mergulhando para apanhar um objecto no fundo e voltar para uma posição de flutuação.

NÍVEL ELEMENTAR

1. Em piscina com pé, em situação de exercício ou de jogo:
 - 1.1. Coordenar e combinar a inspiração e a expiração em diversas situações propulsivas complexas de pernas e de braços (percursos aquáticos, situações de equilíbrio com mudanças de direcção e posição e outras situações inabituais).

- 1.2. Realizar os modos de respiração dos estilos «crol» e «costas», associado aos movimentos propulsivos.
- 1.3. Coordenar a expiração com a imersão, em exercícios de orientação, equilíbrio, propulsão, respiração e salto realizados nos planos de água superficial, médio e profundo.
- 1.4. Deslocar-se em posição dorsal e ventral, diferenciando as fases de entrada das mãos, trajecto propulsivo e recuperação de acordo com os estilos de «costas» e «crol», com ritmo e velocidade adequados aos movimentos propulsivos de braços e pernas e posição da cabeça, coordenadas com a respiração nos respectivos estilos.
- 1.5. Saltar de cabeça a partir da posição de pé (com e sem ajuda) fazendo o impulso com extensão do corpo e entrando na água em trajectória oblíqua.
- 1.6. Saltar a partir de pé (para zona baixa e profunda), entrando na água o mais longe possível, executando diferentes rotações em trajectória aérea, sobre os eixos longitudinal e transversal.

NÍVEL AVANÇADO

1. Nadar um percurso de 50 metros no estilo «crol», com amplitude de movimentos e continuidade das acções motoras, cumprindo as seguintes exigências técnicas:
 - manter a elevação do cotovelo até à entrada da mão na água no prolongamento do ombro e o mais longe possível, iniciando de imediato o trajecto propulsivo, com saída da mão ao nível da coxa,
 - realizar os batimentos de pernas sem quebra de ritmo no momento da inspiração;
 - efectuar a respiração com rotação da cabeça (sem elevação exagerada), inspiração no final da puxada e expiração completa durante a imersão da cabeça.
2. Nadar um percurso de 50 metros no estilo de «costas», com amplitude de movimentos e continuidade das acções motoras, mantendo a cabeça no prolongamento do corpo evitando a imersão exagerada da bacia, cumprindo as seguintes exigências:
 - realizar a entrada da mão na água, no prolongamento do ombro, pelo dedo mínimo e com o braço em extensão completa;

- realizar o movimento de pernas a partir da coxa, com extensão activa da perna e pé na fase ascendente;
 - realizar a inspiração no momento em que um dos braços inicia a fase aérea, prolongando a expiração até ao final do trajecto propulsivo do membro superior, mantendo fixa a posição da cabeça.
3. Nadar um percurso de 50 metros no estilo de «bruços», mantendo a amplitude de movimentos e continuidade das acções motoras, cumprindo as seguintes exigências:
- evitar a paragem do movimento entre a fase propulsiva (que se inicia com braços em extensão completa) e a fase de recuperação. Durante a fase de «tracção» manter os braços flectidos, elevando os cotovelos, sem ultrapassar a linha dos ombros;
 - manter os joelhos mais juntos que os calcanhares, evitando o seu afundamento. Extensão completa e activa das pernas na fase propulsiva, flectindo os pés para oferecerem maior superfície ao «empurrar a água»;
 - inspirar no final da acção propulsiva dos braços, sem bloquear os movimentos das pernas e braços.
4. Nadar 25 metros no estilo «mariposa», mantendo a amplitude e continuidade das acções motoras, cumprindo as seguintes exigências:
- entrada das mãos na água (à largura dos ombros e com elevação dos cotovelos) após imersão da cabeça. Posição das mãos por forma a oferecer a maior superfície de contacto e saída ao nível das coxas. Aceleração progressiva do movimento dos braços até ao final do trajecto propulsivo;
 - movimento de pernas com início na bacia, com dois batimentos por cada ciclo de braços (forte na fase descendente e fraco na fase ascendente);
 - inspiração à saída dos braços da água com elevação da cabeça à frente e expiração na primeira metade do trajecto subaquático dos braços.
5. Iniciar as provas ou percursos com partida em salto, cumprindo a trajectória aérea em «arco» e entrando na água por forma a deslizar o mais longe possível, de acordo com o estilo que vai nadar (deslize profundo em «bruços», superficial e intermédio em «mariposa», «crol» e «costas»).
6. Nos percursos ou situações de prova, utilizar as técnicas de viragem de acordo com a especificidade do estilo que está a nadar, aproximando-se rapidamente da parede e fazendo a viragem por forma a orientar o seu corpo correctamente, permitindo o deslize adequado ao reinício do estilo.

7. Nadar um percurso de 4×25 estilos com partida do bloco e execução correcta das viragens, coordenando a respiração e apresentando uma posição hidrodinâmica definida, executando correctamente as acções propulsivas específicas dos estilos de «costas», «bruços», «mariposa» e «crol».

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.º ciclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando.

Através do corpo em movimento, de uma forma espontânea ou nos jogos de roda e nas danças — formas mais organizadas do movimento — as crianças desenvolvem potencialidades musicais múltiplas.

Os instrumentos, entendidos como prolongamento do corpo, são o complemento necessário para o enriquecimento dos meios de que a criança se pode servir nas suas experiências, permitindo, ainda, conhecer os segredos da produção sonora.

A experimentação e domínio progressivo das possibilidades do corpo e da voz deverão ser feitos através de actividades lúdicas, proporcionando o enriquecimento das vivências sonoro-musicais das crianças.

A participação em projectos pessoais ou de grupo permitirá à criança desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e criativas.

A audição ao vivo ou de gravação, o contacto com as actividades musicais existentes na região e a constituição de um reportório de canções do património regional e nacional, são referências culturais que a escola deve proporcionar.

BLOCO 1 — JOGOS DE EXPLORAÇÃO

Voz, corpo e instrumentos são os recursos a desenvolver através de jogos de exploração. Estes devem partir das vivências sonoro-musicais visando o seu domínio, com forte acentuação em actividades lúdicas, por forma a evitar situações de puro exercício que afastam as crianças.

O desenvolvimento da musicalidade é um processo gradual, dependente do domínio de capacidades instrumentais, da linguagem adequada, do gosto pela exploração, da capacidade de escutar¹.

Os jogos de exploração para cada uma das rubricas indicadas vão assim ganhando complexidade por forma a responder ao desenvolvimento das capacidades musicais referidas.

Há que atender à singularidade musical de cada criança, dando-lhe oportunidade de desenvolver, à sua maneira, as propostas e projectos próprios e do professor.

Voz, corpo e instrumentos formam um todo, sendo a criança solicitada a utilizá-los de forma integrada, harmoniosa e criativa.

VOZ

Instrumento primordial, é, na criança, um modo natural de se expressar e comunicar, marcado pela vivência familiar e pela cultura.

A entoação, a extensão vocal, o timbre, a expressão, a capacidade de inventar e reproduzir melodias, com e sem texto, a aquisição de um repertório de canções, rimas e lengalengas, são partes constituintes de um modo pessoal de utilizar a voz.

A dificuldade ou menor interesse da criança por uma ou mais das partes referidas não deve ser entendida como uma menor musicalidade, devendo o professor procurar ajudar a criança a ultrapassar essas dificuldades ou falta de interesse.

As situações musicais vivenciadas pela criança na escola são a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspectos essenciais da voz, a par com o seu desenvolvimento global.

¹ Atenda-se que «escutar» é um processo pessoal complexo e evolutivo, dependendo da sensibilidade e experiência e actuando como um filtro perante o mundo sonoro em que alguns sons despertam especial interesse ou ganham significado. A musicalidade, bem como as capacidades de dançar ou comunicar pela palavra, está estreitamente ligada ao desenvolvimento dessa capacidade.

	1	2	3	4
• Dizer rimas e lengalengas	*	*	*	*
• Entoar rimas e lengalengas	*	*	*	*
• Cantar canções	*	*	*	*
• Reproduzir pequenas melodias	*	*	*	*
• Experimentar sons vocais (todos os que a criança é capaz de produzir)	*	*	*	*

CORPO

Sentir, no corpo em movimento, o som e a música é, na criança, uma forma privilegiada e natural de expressar e comunicar cineticamente o que ouve.

Todos os matizes sonoros podem assim ser vivenciados, sendo, para a maioria das crianças, a melhor forma de sentir e conhecer a música.

O movimento, a dança, a percussão corporal são meios de que o professor dispõe para, com pleno agrado das crianças, desenvolver a sua musicalidade.

	1	2	3	4
• Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas,...	*	*	*	*
• Acompanhar canções com gestos e percussão corporal	*	*	*	*
• Movimentar-se livremente a partir de: sons vocais e instrumentais melodias e canções gravações	*	*	*	*
• Associar movimentos a: pulsação, andamento, dinâmica acentuação, divisão binária/ternária, dinâmica	*	*	*	*
• Fazer variações bruscas de andamento (rápido, lento) e intensidade (forte, fraco)	*	*	*	*

	1	2	3	4
• Fazer variações graduais de andamento («acelerando», «retardando») e de intensidade (aumentar, diminuir)	*	*	*	*
• Participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos movimentos, passos	*	*	*	*

INSTRUMENTOS

As qualidades sonoras de materiais e objectos são ponto de partida para jogos de exploração em que a criança selecciona, experimenta e utiliza o som.

Ao juntar diferentes elementos², introduzindo-lhes modificações, inicia a construção de fontes sonoras elementares, de sua iniciativa ou por sugestão do professor.

Os brinquedos musicais regionais da tradição popular portuguesa merecem especial referência por poderem ser integrados nos instrumentos musicais elementares. O recurso a artifícies, a familiares das crianças, a fabricantes de instrumentos e brinquedos musicais da região, são uma preciosa ajuda para o professor.

Nos instrumentos musicais não construídos pelas crianças, estão incluídos os instrumentos musicais didácticos, caso as escolas estejam equipadas, e também alguns brinquedos musicais generalizados no País, passíveis de uma utilização de grande interesse educativo. Casos haverá em que as crianças possuem ou têm acesso a instrumentos musicais, que podem trazer e tocar na escola.

	1	2	3	4
• Experimentar as potencialidades sonoras de materiais e objectos	*	*	*	*
• Construir fontes sonoras elementares introduzindo modificações em materiais e objectos	*	*	*	*
• Construir instrumentos musicais elementares seguindo indicações ordenadas de construção		*	*	
• Utilizar instrumentos musicais	*	*	*	*

² Madeiras, canas, cordas, peles, esferovites, etc.

BLOCO 2 — EXPERIMENTAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CRIAÇÃO MUSICAL

Sendo os jogos de exploração a base do desenvolvimento das capacidades musicais, devem ser gradualmente complementados por propostas visando o domínio de aspectos essenciais à vivência musical da criança na escola:

- desenvolvimento auditivo;
- expressão e criação musical;
- representação do som.

DESENVOLVIMENTO AUDITIVO

Aprender a escutar, dar nome ao que se ouve, relacionar e organizar sons e experiências realizadas, são capacidades essenciais à formação musical da criança.

Os jogos de exploração e vivências musicais são pontos de partida para a aquisição de conceitos que enriquecem a linguagem e pensamento musical.

	1	2	3	4
• Identificar sons isolados: do meio próximo	*	*	*	*
da natureza	*	*	*	*
• Identificar ambientes/texturas sonoras: do meio próximo	*	*	*	*
da natureza	*	*	*	*
• Identificar e marcar a pulsação e/ou ritmo de: lengalengas, canções, melodias e danças, utilizando percussão corporal, instrumentos, voz, movimento	*	*	*	*
• Reconhecer ritmos e ciclos: da vida (pulsação, respiração,...) da natureza (noite-dia, estações do ano,...) de máquinas e objectos de formas musicais (AA, AB, ABA,...)	*	*	*	*

	1	2	3	4
• Reproduzir com a voz ou com instrumentos: sons isolados, motivos, frases, escalas, agregados sonoros, canções e melodias (cantadas ou tocadas, ao vivo ou de gravação)	*	*	*	*
• Organizar, relacionar e classificar conjuntos de sons segundo: timbre	*	*	*	
duração	*	*	*	
intensidade	*	*	*	
altura	*	*	*	
localização	*	*	*	
• Dialogar sobre: meio ambiente sonoro	*	*	*	*
audições musicais		*	*	
produções próprias e do grupo	*	*	*	*
encontros com músicos	*	*	*	*
sonoplastia nos meios de comunicação com que tem contacto (rádio, televisão, cinema, teatro,...)				*

EXPRESSÃO E CRIAÇÃO MUSICAL

As actividades musicais a desenvolver devem atender à necessidade de a criança participar em projectos que façam apelo às suas capacidades expressivas e criativas.

Pretende-se também que a criança seja capaz, por si só ou em grupo, de desenvolver projectos próprios, contando com a ajuda do professor na escolha e domínio dos meios utilizados.

	1	2	3	4
• Utilizar diferentes maneiras de produzir sons:				
com a voz	*	*	*	
com percussão corporal	*	*	*	
com objectos	*	*	*	
com instrumentos musicais		*	*	
com aparelhos electro-acústicos			*	
• Inventar texturas/ambientes sonoros		*	*	
• Utilizar texturas/ambientes sonoros em:				
canções	*	*	*	
danças	*	*	*	
histórias		*	*	
dramatizações		*	*	
gravações		*	*	
• Adaptar:				
textos para melodias	*	*	*	
melodia para textos		*	*	
textos para canções		*	*	
• Utilizar o gravador para registar produções próprias e do grupo		*	*	
• Organizar sequências de movimentos (coreografias elementares) para sequências sonoras		*	*	
• Organizar sequências sonoras para sequências de movimentos		*	*	
• Participar em danças de roda, de fila,..., tradicionais, infantis	*	*	*	*
• Participar em danças do repertório regional e popularizadas		*	*	

REPRESENTAÇÃO DO SOM

A representação gráfica do som faz parte de um percurso que se inicia pelo registo do gesto livre, ganha gradualmente concisão e poder comunicativo, organizando-se em conjuntos de sinais e símbolos.

A utilização de símbolos de leitura e escrita musical e o domínio de géstica adequada, decorrentes da prática musical contemporânea deve, quando possível, ser integrada.

	1	2	3	4
• Inventar/utilizar gestos, sinais e palavras para expressar/comunicar:				
timbre	*	*	*	
intensidade	*	*	*	
duração	*	*	*	
altura	*	*	*	
pulsação	*	*	*	
andamento	*	*	*	
dinâmica	*	*	*	
• Inventar/utilizar códigos para representar o som da voz, corpo e instrumentos	*	*	*	
• Inventar/utilizar códigos para representar sequências e texturas sonoras		*	*	
• Utilizar vocabulário adequado a situações sonoro/musicais vivenciadas	*	*	*	
• Identificar e utilizar gradualmente/dois símbolos de leitura e escrita musical ³		*	*	
• Contactar com várias formas de representação sonoro/musical:				
em partituras adequadas ao seu nível etário	*	*		
em publicações musicais	*	*		
nos encontros com músicos	*	*		

³ Sempre que o professor domine a nomenclatura convencionada.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO DRAMÁTICA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

As actividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objectos, são momentos de enriquecimento das experiências que as crianças, espontaneamente, fazem nos seus jogos.

A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.

Os jogos dramáticos permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo — unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção. Nos jogos dramáticos as crianças desenvolvem acções ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia, de progressão na acção.

Será de evitar a memorização de textos desajustados ao seu nível etário, a excessiva repetição e ensaio em função de representações ou o desenvolvimento de gestos e posturas estereotipadas. Pretende-se, fundamentalmente, que as crianças experimentem, através de diferentes meios, expressar a sua sensibilidade e desenvolver o seu imaginário.

BLOCO 1 — JOGOS DE EXPLORAÇÃO

As crianças utilizam naturalmente a linguagem dramática nos seus jogos espontâneos. As actividades de exploração irão permitir que desenvolvam, de forma pessoal, as suas possibilidades expressivas utilizando o corpo, a voz e o espaço e os objectos.

As propostas do professor, partindo de temas ligados a vivências infantis, não deverão ter o carácter de exercícios mas o de actividades lúdicas que visem enriquecer a capacidade da criança se expressar e comunicar.

As actividades propostas ao grupo de crianças devem ser, preferencialmente, para exploração individual. As crianças, embora sejam solicitadas a experimentar, de uma forma mais específica, diferentes possibilidades de utilizar o corpo, a voz e o espaço, irão realizá-las de forma global e integrada.

CORPO

A variedade e a riqueza de sugestões, a nível do imaginário, devem ser características das situações propostas para explorar as possibilidades expressivas do corpo.

Através de jogos de imaginação, todos do agrado das crianças, deverão ser vivenciadas diferentes formas e atitudes corporais assim como maneiras pessoais de desenvolver um movimento.

	1	2	3	4
• Movimentar-se de forma livre e pessoal:				
sozinho	*	*	*	*
aos pares	*	*	*	*
• Explorar as atitudes de:				
imobilidade-mobilidade, contracção-descontracção, tensão-relaxamento	*	*	*	*
• Explorar a respiração torácica e abdominal	*	*	*	*
• Explorar o movimento global do seu corpo da menor à maior amplitude	*	*	*	*
• Explorar os movimentos segmentares do corpo	*	*	*	*

	1	2	3	4
• Explorar as diferentes possibilidades expressivas, imaginando-se com outras características corporais:				
diferentes atitudes corporais	*	*		
diferentes ritmos corporais	*	*		
diferentes formas	*	*		
diferentes factores de movimento (firme/suave; súbito/sustentado; directo/flexível; controlado/livre)	*	*		

VOZ

Explorar as diferentes possibilidades da voz, fazendo variar a emissão sonora e, progressivamente, ir aliando ao som gestos e movimentos, é desenvolver factores sempre presentes num jogo dramático.

Os temas propostos deverão estar adequados à idade e experiência das crianças de molde a adquirirem maior confiança e acuidade na utilização da voz como instrumento essencial à expressão e comunicação.

	1	2	3	4
• Experimentar maneiras diferentes de produzir sons	*	*	*	*
• Explorar sons orgânicos ligados a acções quotidianas	*	*	*	*
• Reproduzir sons do meio ambiente	*	*	*	*
• Aliar a emissão sonora a gestos/movimentos	*	*	*	*
• Explorar a emissão sonora fazendo variar: a forma de respirar			*	*
a altura do som			*	*
o volume da voz			*	*
a velocidade			*	*
a entoação			*	*

	1	2	3	4
• Explorar diferentes maneiras de dizer vocábulos (dicção)		*	*	
• Explorar os efeitos de alternância, silêncio-emissão sonora		*	*	

ESPAÇO

Para adquirir, progressivamente, o domínio do espaço, a criança precisa de utilizar, adaptar e recriar.

A partir de uma história ou de uma personagem, os jogos de orientação no espaço, utilizando diferentes níveis e direções, permitem explorar diferentes maneiras de se deslocar e utilizar o espaço circundante.

	1	2	3	4
• Explorar o espaço circundante	*	*	*	*
• Adaptar a diferentes espaços os movimentos e a voz			*	*
• Explorar deslocações simples seguindo trajectos diversos	*	*	*	*
• Explorar diferentes formas de se deslocar: de diferentes seres (reais ou imaginados) em locais com diferentes características	*	*	*	*
• Orientar-se no espaço a partir de referências visuais, auditivas, tácteis	*	*	*	*
• Deslocar-se em coordenação com um par	*	*	*	*
• Explorar diferentes níveis (baixo, médio, alto)	*	*	*	*
• Explorar mudanças de nível: individualmente		*	*	*
aos pares		*	*	*
em pequenos grupos		*	*	

OBJECTOS

A utilização e a transformação imaginária de um objecto são estímulos à capacidade de reciar ou inventar personagens e de desenvolver situações. Na sala de aula deve existir material diversificado para as crianças utilizarem livremente nas histórias que vão inventando.

	1	2	3	4
• Explorar as qualidades físicas dos objectos	*	*	*	*
• Explorar as relações possíveis do corpo com os objectos	*	*	*	*
• Deslocar-se com o apoio de um objecto: individualmente	*	*	*	*
em coordenação com um par	*	*	*	*
• Explorar as transformações de objectos: imaginando-os com outras características utilizando-os em acções	*	*	*	*
• Utilizar objectos dando-lhes atributos imaginados em situações de interacção: a dois	*	*	*	
em pequeno grupo	*	*	*	
• Utilizar máscaras, fantoches	*	*	*	*
• Inventar e utilizar máscaras, fantoches, marionetas			*	*

BLOCO 2 — JOGOS DRAMÁTICOS

Os jogos de exploração devem ser progressivamente complementados por propostas que contribuam para o desenvolvimento da capacidade de relação e comunicação com os outros.

No desenrolar das propostas ou projectos desenvolvidos em pequenos grupos, deve haver espaço para a improvisação.

A existência de uma caixa de adereços, a manipulação de objectos e de fantoches e a utilização de máscaras estimulam a caracterização de personagens e enriquecem as histórias que as crianças vão construindo.

As crianças gostam de apresentar as suas criações aos companheiros e aos pais. Estes momentos de partilha são, também, um enriquecimento da experiência pessoal e do grupo, desde que mantenham o carácter de jogo lúdico e não se transformem em representações estereotipadas.

LINGUAGEM NÃO VERBAL

Num jogo dramático estão sempre presentes os sinais exteriores do corpo no espaço, através da mímica, dos gestos, das atitudes, dos movimentos e da utilização de objectos.

As crianças, em interacção, irão explorando a dimensão não-verbal em improvisações que poderão partir de histórias, contos ou situações dramatizadas.

	1	2	3	4
• Utilizar espontaneamente, atitudes, gestos, movimentos	*	*	*	*
• Reagir espontaneamente, por gestos/ /movimentos a:				
sons	*	*	*	*
palavras	*	*	*	*
ilustrações	*	*	*	*
atitudes, gestos	*	*	*	*
• Reproduzir movimentos:				
em espelho	*	*	*	
por contraste	*	*		

	1	2	3	4
• Improvisar individualmente atitudes, gestos, movimentos a partir de diferentes estímulos: sonoros ou verbais	*	*	*	*
um objecto real ou imaginado	*	*	*	*
um tema	*	*	*	*
• Mimar, a dois ou em pequenos grupos, atitudes, gestos, movimentos ligados a:				
uma acção isolada			*	*
uma sequência de actos (situações recriadas ou imaginadas)			*	*

LINGUAGEM VERBAL

Em actividades colectivas ou de pequeno grupo, as crianças vão-se sensibilizando à utilização de sons, de silêncios e de palavras.

O professor e as crianças poderão propor improvisações a partir de palavras, imagens, objectos ou de um tema.

	1	2	3	4
• Participar na elaboração oral de uma história	*	*	*	*
• Improvisar um diálogo ou uma pequena história:				
a dois	*	*	*	*
em pequeno grupo			*	*
a partir de:				
uma ilustração	*	*	*	*
uma série de imagens	*	*	*	*
um som	*	*	*	*
uma sequência sonora			*	*
um objecto	*	*	*	
um tema	*	*		

1	2	3	4
---	---	---	---

- Participar em jogos de associação de palavras por:
afinidades sonoras * *
afinidades semânticas * *
 - Experimentar diferentes maneiras de dizer um texto:
lendo * *
recitando *
 - Inventar novas linguagens sonoras ou onomatopáicas * *
-

LINGUAGEM VERBAL E GESTUAL

A utilização simultânea da dimensão verbal e gestual ganha, aqui, o seu pleno significado. Em interacção, as crianças irão desenvolvendo pequenas improvisações explorando, globalmente, as suas possibilidades expressivas e utilizando-as para comunicar.

1	2	3	4
---	---	---	---

- Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos ligados a uma acção precisa:
em interacção com o outro * * * *
em pequeno grupo *
 - Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos, constituindo sequências de acções — situações recriadas ou imaginadas, a partir de:
objectos * * *
um local *
-

	1	2	3	4
uma acção	*	*	*	
personagens	*	*	*	
um tema		*	*	
• Improvisar situações usando diferentes tipos de máscaras		*	*	*
• Utilizar diversos tipos de sombras (chinesas,...)	*	*	*	
• Inventar, construir e utilizar adereços e cenários		*	*	
• Elaborar, previamente, em grupo, os vários momentos do desenvolvimento de uma situação		*	*	

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.

A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.

A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista.

Apesar da sala de aula ser o local privilegiado para a vivência das actividades de expressão plástica, o contacto com a natureza, o conhecimento da região, as visitas a exposições e a artesãos locais, são outras tantas oportunidades de enriquecer e alargar a experiência dos alunos e desenvolver a sua sensibilidade estética.

BLOCO 1 — DESCOBERTA E ORGANIZAÇÃO PROGRESSIVA DE VOLUMES

MODELAGEM E ESCULTURA

As actividades de manipulação e exploração de diferentes materiais moldáveis deverão ser praticadas, com frequência, pelas crianças no 1.º ciclo. Amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes, a libertação das tensões e o desenvolvimento da motricidade fina.

O prazer de ir dominando a plasticidade e a resistência dos materiais leva, progressivamente, os alunos a utilizá-los de forma pessoal, envolvendo-se numa actividade criadora.

	1	2	3	4
• Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade: terra, areia	*	*	*	*
barro	*	*	*	*
massa de cores		*	*	
pasta de madeira		*	*	
pasta de papel		*	*	
• Modelar usando apenas as mãos	*	*	*	*
• Modelar usando utensílios		*	*	
• Esculpir em barras de sabão, em cortiça, em cascas de árvore macias		*	*	

CONSTRUÇÕES

As crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objectos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor...

Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objectos. O carácter lúdico, geralmente associado a estas actividades, garante o gosto e o empenho dos alunos na resolução de problemas com que são confrontados.

O professor irá estimulando, progressivamente, a realização de projectos que poderão ter uma finalidade prática.

	1	2	3	4
• Fazer e desmanchar construções	*	*		
• Ligar/colar elementos para uma construção		*	*	*
• Atar/agrafar/pregar elementos para uma construção			*	*
• Desmontar e montar objectos		*	*	*
• Inventar novos objectos utilizando materiais ou objectos recuperados	*	*	*	*
• Construir: brinquedos	*	*	*	*
jogos	*	*	*	*
máscaras	*	*	*	*
adereços	*	*	*	*
fantoches				
instrumentos musicais elementares		*	*	
• Fazer construções a partir de representação no plano (aldeias, maquetas)		*	*	*
• Adaptar e recriar espaços utilizando materiais ou objectos de grandes dimensões (cabanas, casas de bonecas,...)			*	*

BLOCO 2 — DESCOBERTA E ORGANIZAÇÃO PROGRESSIVA DE SUPERFÍCIES

DESENHO

O desenho infantil é uma actividade espontânea. O prazer proporcionado pelo desenrolar do traço é um jogo pessoal que suscita a representação de sensações, experiências e vivências.

Sendo uma das actividades fundamentais de expressão deve ocorrer, ao longo dos quatro anos, com bastante frequência e de uma forma livre, permitindo que a criança desenvolva a sua singularidade expressiva.

Os suportes utilizados não deverão ser de dimensão muito reduzida (inferior a A4), sendo desejável que as crianças escolham os materiais e cores que melhor se adequam à sua sensibilidade.

A pouco e pouco, através da introdução de diferentes materiais/suportes e de actividades sugeridas, nomeadamente ligadas a experiências ocorridas noutras áreas, as crianças poderão aprofundar as suas capacidades de expressão e representação gráficas.

DESENHO DE EXPRESSÃO LIVRE

	1	2	3	4
• Desenhar na areia, em terra molhada	*	*	*	*
• Desenhar no chão do recreio	*	*	*	*
• Desenhar no quadro da sala	*	*	*	*
• Explorar as possibilidades técnicas de: dedos, paus, giz, lápis de cor, lápis de grafite, carvão, lápis de cera, feltros, tintas, pincéis,...	*	*	*	*
Utilizando suportes de: diferentes tamanhos	*	*	*	*
diferentes espessuras	*	*	*	*
diferentes texturas	*	*	*	*
diferentes cores	*	*	*	*

ACTIVIDADES GRÁFICAS SUGERIDAS

	1	2	3	4
• Desenhar jogos no recreio		*	*	*
• Ilustrar de forma pessoal	*	*	*	*
• Inventar sequências de imagens com ou sem palavras			*	*
• Criar frisos de cores preenchendo quadrículas	*	*	*	*
• Desenhar plantas e mapas			*	*
• Contornar objectos, formas, pessoas	*	*	*	*
• Utilizar livremente a régua, o esquadro e o compasso			*	*
• Desenhar em superfícies não planas			*	*
• Desenhar sobre um suporte previamente preparado (com anilinas, tinta de escrever,...)	*	*	*	*

PINTURA

Pintar exige um clima de disponibilidade e de liberdade. O professor deverá ir observando, sem interferir nos aspectos expressivos, como as crianças utilizam o espaço da pintura: como pegam no pincel, preenchem superfícies, como usam a cor e também aperceber-se do ambiente gerado e do tipo de solicitações que lhe fazem.

Inicialmente os suportes a utilizar na pintura deverão ser de cor neutra, de dimensão não inferior a A3 e ligeiramente absorventes. Variar o tamanho, a espessura, a textura e a cor do suporte base, são também experiências que o professor deve proporcionar.

À medida que as crianças vão demonstrando mais iniciativa, o professor pode, então, sugerir outras experiências que permitirão aprofundar a capacidade dos alunos se exprimirem, de forma pessoal, através da pintura.

A organização, conservação e partilha do material de pintura contribuem, ainda, para as aprendizagens básicas da vida de grupo.

PINTURA DE EXPRESSÃO LIVRE

	1	2	3	4
• Pintar livremente em suportes neutros	*	*	*	*
• Pintar livremente, em grupo, sobre papel de cenário de grandes dimensões			*	*
• Explorar as possibilidades técnicas de: mão, esponjas, trincha, pincéis, rolos, com pigmentos naturais, guache, aguarela, anilinas, tintas de água...	*	*	*	*

ACTIVIDADES DE PINTURA SUGERIDA

	1	2	3	4
• Fazer digitinta	*			
• Fazer experiências de mistura de cores	*	*	*	
• Pintar superfícies e, por descoloração, desenhar	*	*	*	
• Fazer jogos de simetria dobrando uma superfície pintada	*	*	*	
• Fazer pintura soprada	*	*	*	
• Fazer pintura lavada	*	*	*	
• Pintar utilizando dois materiais diferentes (guache e cola, guache e tinta da china,...)	*	*	*	
• Pintar cenários, adereços, construções	*	*	*	
• Pintar em superfícies não planas	*	*		

BLOCO 3 — EXPLORAÇÃO DE TÉCNICAS DIVERSAS DE EXPRESSÃO

Durante o 1.º ciclo as crianças deverão, ainda, desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas, alargando o campo de experiências e o domínio de outras linguagens expressivas.

Salvaguardando sempre o respeito pela expressividade plástica das crianças, essas actividades poderão partir das solicitações e interesses dos alunos ou de propostas do professor. Estarão normalmente associadas à concretização de projectos individuais ou de grupo e, com frequência, ligados a trabalhos desenvolvidos noutras áreas.

RECORTE, COLAGEM, DOBRAGEM

	1	2	3	4
• Explorar as possibilidades de diferentes materiais: elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objectos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações... rasgando, desfiando, recortando, amassando,dobrando... procurando formas, cores, texturas, espessuras...	*	*	*	*
• Fazer composições colando: diferentes materiais rasgados, desfiados	*	*		
diferentes materiais cortados	*	*	*	
diferentes materiais recortados		*	*	
• Fazer composições colando mosaicos de papel			*	
• Fazer dobragens	*	*	*	*
• Explorar a terceira dimensão, a partir da superfície (destacando figuras e pondo-as de pé, abrindo portas...)			*	*

IMPRESSÃO

	1	2	3	4
• Estampar a mão, o pé,...		*		
• Estampar elementos naturais	*	*	*	*
• Fazer monotipias	*	*	*	*
• Fazer estampagem de água e tinta oleosa		*	*	*
• Estampar utilizando moldes — positivo e negativo — feitos em cartão, plástico,...		*	*	*
• Imprimir com carimbos (feitos em vegetais, cortiça,...)	*	*	*	*
• Imprimir utilizando o limógrafo		*	*	*

TECELAGEM E COSTURA

	1	2	3	4
• Utilizar, em tapeçarias, diferentes materiais: tecidos, tiras de pano, lãs, botões, cordas, elementos naturais	*	*	*	*
• Desfazer diferentes texturas: tecidos, malhas, cordas, elementos naturais,...	*	*	*	*
• Entrançar		*	*	*
• Bordar (pontos simples)				*
• Tecer em teares de cartão	*	*	*	*
• Tecer em teares de madeira (simples)			*	*
• Colaborar em tapeçarias de elementos cosidos, elaborados a partir de desenhos imaginados pelas crianças	*	*	*	

FOTOGRAFIA, TRANSPARÊNCIAS E MEIOS AUDIO-VISUAIS¹

	1	2	3	4
• Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens	*	*		
• Construir transparências e diapositivos	*	*		
• Construir sequências de imagens	*	*		
• Associar às imagens, sons (montagens audio-visuais simples)			*	

CARTAZES

	1	2	3	4
• Fazer composições com fim comunicativo (usando a imagem, a palavra, a imagem e a palavra):				
recortando e colando elementos	*	*	*	
desenhandando e escrevendo	*	*		
imprimindo e estampando	*	*		

¹ Se as escolas tiverem o equipamento necessário.

O material audio-visual que as crianças possuem ou a que têm acesso pode ser trazido para ser utilizado na escola.

• Na vida escolar muitas possibilidades surgem a exigir a natural e desejável articulação entre as diversas áreas. Nas expressões, a relação é imediata quando se desenvolvem projectos que incluem máscaras, fantoches, sombras, adereços, cenários. Em variadíssimos momentos a relação da Língua Portuguesa, do Estudo do Meio, das Expressões — Plástica, Dramática e Musical, neste caso como exploração do mundo sonoro — é indissociável.

ESTUDO DO MEIO

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

Todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.

O meio local, espaço vivido, deverá ser o objecto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta.

No entanto, há que ter em conta que as crianças têm acesso a outros espaços que, podendo estar geograficamente distantes, lhes chegam, por exemplo, através dos meios de comunicação social. O interesse das crianças torna estes espaços afectivamente próximos, mas a compreensão de realidades que elas não conhecem directamente, só será possível a partir das referências que o conhecimento do meio próximo lhes fornece.

As crianças deste nível etário apercebem-se da realidade como um todo globalizado. Por esta razão, o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade.

Por outro lado, o Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas.

O programa de Estudo do Meio apresenta-se organizado em blocos de conteúdos antecedidos de um texto introdutório onde é definida a sua natureza e são dadas algumas indicações de carácter metodológico.

A ordem pela qual os blocos e os conteúdos são apresentados obedece a uma lógica, mas não significa que eles sejam abordados, com essa sequência, na sala de aula.

Assim, procurou-se que a estrutura do programa fosse aberta e flexível. Os professores deverão recrutar o programa, de modo a atender aos diversificados pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses e necessidades e às características do meio local. Deste modo, podem alterar a ordem dos conteúdos, associá-los a diferentes formas, variar o seu grau de aprofundamento ou mesmo acrescentar outros.

Para atingir o domínio dos conceitos não é necessário que todos os alunos tenham de percorrer os mesmos caminhos. No entanto, pretende-se que todos se vêm tornando observadores activos com capacidade para descobrir, investigar, experimentar e aprender. Com o Estudo do Meio os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada.

Assim, será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluem o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apercebendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos.

É ainda no confronto com os problemas concretos da sua comunidade e com a pluralidade das opiniões nela existentes que os alunos vão adquirindo a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca.

Ao professor cabe a orientação de todo este processo, constituindo, também, ele próprio, mais uma fonte de informação em conjunto com os outros recursos da comunidade, os livros, os meios de comunicação social e toda uma série de materiais e documentação indispensáveis na sala.

Os alunos serão ajudados a aprender a organizar a informação e a estruturá-la de forma que ela se constitua em conhecimento, facilitando o professor, de seguida, a sua comunicação e partilha.

NOTA: Os pontos do programa que aparecem assinalados:

- com um asterisco (*), só deverão ser apresentados quando a realidade local o justifique;
- com dois asteriscos (**), só deverão ser abordados se houver manifesto interesse por parte dos alunos.

OBJECTIVOS GERAIS

- 1 — Estruturar o conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de auto-estima e de autoconfiança e valorizando a sua identidade e raízes.
2. — Identificar elementos básicos do Meio Físico envolvente (relevo, rios, fauna, flora, tempo atmosférico... etc.).
- 3 — Identificar os principais elementos do Meio Social envolvente (família, escola, comunidade e suas formas de organização e actividades humanas) comparando e relacionando as suas principais características.
- 4 — Identificar problemas concretos relativos ao seu meio e colaborar em acções ligadas à melhoria do seu quadro de vida. Poderá haver recurso a ferramentas TIC, mas não é claro neste objectivo.
- 5 — Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal.
- 6 — Utilizar alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente (observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar, verificar), assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação.
- 7 — Selecionar diferentes fontes de informação (orais, escritas, observação... etc.) e utilizar diversas formas de recolha e de tratamento de dados simples (entrevistas, inquéritos, cartazes, gráficos, tabelas). e computador...
- 8 — Utilizar diferentes modalidades para comunicar a informação recolhida.



- 9 — Desenvolver hábitos de higiene pessoal e de vida saudável utilizando regras básicas de segurança e assumindo uma atitude atenta em relação ao consumo.
- 10 — Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação.

BLOCO 1 — À DESCOBERTA DE SI MESMO

Com este bloco pretende-se que os alunos estruturem o conhecimento de si próprios, desenvolvendo, ao mesmo tempo, atitudes de auto-estima e auto-confiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes.

O estudo da história pessoal será um bom ponto de partida para que os alunos vão estruturando a noção de tempo. Para isso deve iniciar-se a localização de acontecimentos da vida das crianças numa linha de tempo, que terá a mesma função dos mapas para as localizações no espaço.

As crianças desta faixa etária fantasiam muitas vezes sobre situações reais. Estas fantasias, fruto da sua imaginação, são importantes para o desenvolvimento equilibrado do ser humano, pelo que devem ser respeitadas e estimuladas.

É importante, ainda, realçar o cuidado e o bom senso que deverá existir no tratamento de todos os aspectos que, de algum modo, se relacionem com a vida privada dos alunos.

1.º ANO

1. A SUA IDENTIFICAÇÃO

- Conhecer:
 - nome(s), próprio(s), nome de família/apelido(s);
 - sexo, idade;
 - endereço.

2. OS SEUS GOSTOS E PREFERÊNCIAS

- Seleccionar jogos e brincadeiras, músicas, frutos, cores, animais... .
- Descrever lugares, actividades e momentos passados com amigos, com familiares, nos seus tempos livres... .

3. O SEU CORPO

- Identificar características familiares (parecenças com o pai e com a mãe, cor do cabelo, dos olhos...).
- Reconhecer modificações do seu corpo (peso, altura...).
- Reconhecer a sua identidade sexual.
- Reconhecer partes constituintes do seu corpo (cabeça, tronco e membros).

- Representar o seu corpo (desenhos, pinturas, modelagem...).
- Comparar-se com os outros:
 - com os colegas da escola (mais novo/mais velho, mais alto/mais baixo, louro/moreno...);
 - com os pais e irmãos.

4. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Reconhecer e aplicar normas de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, lavar os dentes...).
- Conhecer normas de higiene alimentar (importância de uma alimentação variada, lavar bem os alimentos que se consomem crus, desvantagem do consumo excessivo de doces, refrigerantes...).
- Reconhecer a importância de posturas correctas do exercício físico e do repouso para a saúde (estar bem sentado, brincar ao ar livre, deitar cedo...).
- Conhecer e aplicar normas de vigilância da sua saúde (idas periódicas ao médico, boletim individual de saúde).

5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (caminhar pela esquerda nas estradas, atravessar nas passadeiras, respeitar os semáforos...).
- Conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos:
 - cuidados a ter com objectos e produtos perigosos (cortantes, contundentes, inflamáveis, corrosivos, tóxicos...);
 - cuidados a ter com a electricidade;
 - sinalização relativa à segurança (venenos, electricidade...).

6. O SEU PASSADO PRÓXIMO

- Descrever a sucessão de actos praticados ao longo do dia, da semana...:
 - localizar no espaço;
 - localizar numa linha de tempo;
 - estabelecer relações de anterioridade, posteridade e simultaneidade (antes de, depois de, ao mesmo tempo que);
 - reconhecer unidades de tempo: dia e semana;
 - nomear os dias da semana.

7. AS SUAS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO PRÓXIMO

- O que irá fazer amanhã, no fim-de-semana, nas férias que estão próximas...:
 - exprimir aspirações;
 - enunciar projectos.

2.º ANO

1. O PASSADO MAIS LONGÍNQUO DA CRIANÇA

- Reconhecer datas e factos (data de nascimento, quando começou a andar e a falar...):
 - localizar, numa linha de tempo, datas e factos significativos;
 - reconhecer unidades de tempo: o mês e o ano;
 - identificar o ano comum e o ano bissexto.
- Localizar, em mapas, o local do nascimento, locais onde tenha vivido anteriormente ou tenha passado férias...

2. AS SUAS PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO MAIS LONGÍNQUO

- O que irá fazer nas férias grandes, no ano que vem:
 - exprimir aspirações;
 - enunciar projectos.

3. O SEU CORPO

- Os órgãos dos sentidos:
 - localizar, no corpo, os órgãos dos sentidos;
 - distinguir objectos pelo cheiro, sabor, textura, forma...;
 - distinguir sons, cheiros e cores do ambiente que o cerca (vozes, ruídos de máquinas, cores e cheiros de flores...).
- Reconhecer modificações do seu corpo (queda dos dentes de leite e nascimento da dentição definitiva...).

4. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Conhecer e aplicar normas de:
 - higiene do corpo (hábitos de higiene diária);
 - higiene alimentar (identificação dos alimentos indispensáveis a uma vida saudável, importância da água potável, verificação do prazo de validade dos alimentos...);

- higiene do vestuário;
- higiene dos espaços de uso colectivo (habitação, escola, ruas...).
- Identificar alguns cuidados a ter com a visão e a audição (não ler às escunas, ver televisão a uma distância correcta, evitar sons de intensidade muito elevada...).
- Reconhecer a importância da vacinação para a saúde.

5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (sinais de trânsito úteis para o dia-a-dia da criança: sinais de peões, pistas de bicicletas, passagens de nível...).
- Identificar alguns cuidados na utilização:
 - dos transportes públicos;
 - de passageiros de nível.
- Conhecer e aplicar regras de segurança na praia, nos rios, nas piscinas.

3.º ANO

1. A SUA NATURALIDADE E NACIONALIDADE

- Distinguir freguesia/concelho/distrito/país.

2. O SEU CORPO

- Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais:
 - digestão (sensação de fome, enfartamento...);
 - circulação (pulsão, hemorragias...);
 - respiração (movimentos respiratórios, falta de ar...).
- Conhecer as funções vitais (digestiva, respiratória, circulatória, excretora, reprodutora/sexual).
- Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, estômago, intestinos, coração, pulmões, rins, genitais):
 - localizar esses órgãos em representações do corpo humano.
- Reconhecer situações agradáveis e desagradáveis e diferentes possibilidades de reacção (calor, frio, fome, conforto, dor...).
- Reconhecer estados psíquicos e respectivas reacções físicas (alegria/riso, tristeza/choro, medo/tensão...).

- Reconhecer alguns sentimentos (amor, amizade...) e suas manifestações (carinho, ternura, zanga...).

3. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde.
- Identificar perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas.

4. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Conhecer algumas regras de primeiros socorros:
 - mordeduras de animais;
 - hemorragias.

4.º ANO

1. O SEU CORPO

- Os ossos:
 - reconhecer a existência dos ossos;
 - reconhecer a sua função (suporte e protecção);
 - observar em representações do corpo humano.
- Os músculos:
 - reconhecer a existência dos músculos;
 - reconhecer a sua função (movimentos, suporte...);
 - observar em representações dos músculos humanos.
- A pele:
 - identificar a função de protecção da pele.

2. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Identificar alguns cuidados a ter com a exposição ao sol.
- Conhecer algumas regras de primeiros socorros:
 - conhecer algumas medidas elementares a ter em conta em casos de queimaduras solares, fracturas e distensões.
- Conhecer e aplicar regras de prevenção de incêndios (nas habitações, locais públicos, florestas...).
- Conhecer regras de segurança anti-sísmicas (prevenção e comportamentos a ter durante e depois de um sismo).

BLOCO 2 — À DESCOBERTA DOS OUTROS E DAS INSTITUIÇÕES

O âmbito de estudo da criança vai alargar-se aos outros, primeiramente aos que lhe estão mais próximos e depois, progressivamente, aos mais distantes no tempo e no espaço.

Os alunos iniciar-se-ão no modo de funcionamento e nas regras dos grupos sociais, ao mesmo tempo que deverão desenvolver atitudes e valores relacionados com a responsabilidade, tolerância, solidariedade, cooperação, respeito pelas diferenças, comportamento não sexista, etc.

A escola, como instituição em que os alunos participam, é o lugar privilegiado para a vivência e aprendizagem do modo de viver em sociedade. É através da participação, directa e gradual, na organização da vida da classe e da escola que eles irão interiorizando os valores democráticos e de cidadania.

Embora as noções relativas ao tempo atravessem todo o programa, é fundamentalmente neste bloco que se agrupam os conteúdos referentes ao tempo histórico, partindo da história da família da criança para se alargar à história do meio local e às suas ligações com a história nacional.

Os factos da sua história familiar deverão ser assinalados em linhas de tempo (construídas pelos alunos e pelo professor). No que se refere à história local e nacional, os registos serão efectuados num friso cronológico da História de Portugal.

É importante que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições, etc.) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado. Pretende-se, assim, contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização.

1.º ANO

1. OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA

- Conhecer os nomes próprios, apelidos, sexo, idade.
- Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós).
- Representar a sua família (pinturas, desenhos...).

2. OUTRAS PESSOAS COM QUEM MANTÉM RELAÇÕES PRÓXIMAS

- Conhecer os nomes, idades, sexo de:
 - amigos da escola e de fora da escola;
 - vizinhos;
 - o(a) professor(a);
 - outros elementos da escola.

3. A SUA ESCOLA

- A sua classe:
 - conhecer o número de alunos, horários, regras de funcionamento, funções dos vários elementos da classe;
 - participar na organização do trabalho da sala (planificação, avaliação...);
 - participar na arrumação, arranjo e conservação da sala, do mobiliário e dos materiais;
 - participar na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma.
- O funcionamento da sua escola:
 - participar na elaboração de regras;
 - conhecer direitos e deveres dos alunos, professores e pessoal auxiliar.

2.º ANO

1. O PASSADO PRÓXIMO FAMILIAR

- Reconhecer datas e factos (aniversários, festas...):
 - localizar, numa linha de tempo, datas e factos significativos.
- Localizar, em mapas ou plantas: local de nascimento, habitação, trabalho, férias...

2. A VIDA EM SOCIEDADE

- Conhecer e aplicar algumas regras de convivência social.
- Respeitar os interesses individuais e colectivos.
- Conhecer e aplicar formas de harmonização de conflitos: diálogo, consenso, votação.

3. MODOS DE VIDA E FUNÇÕES DE ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE

(merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...)

- Contactar e descrever em termos de:
 - idade;
 - sexo;
 - o que fazem;
 - onde trabalham;
 - como trabalham...

4. INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS EXISTENTES NA COMUNIDADE

- Contactar e recolher dados sobre colectividades, serviços de saúde, correios, bancos, organizações religiosas, autarquias...

3.º ANO

1. OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA

- Estabelecer relações de parentesco (tios, primos, sobrinhos...):
 - construir uma árvore genealógica simples (até à 3.ª geração — avós).

2. O PASSADO FAMILIAR MAIS LONGÍNQUO

- Reconhecer datas e factos significativos da história da família:
 - localizar numa linha de tempo.
- Reconhecer locais importantes para a história da família:
 - localizar esses locais em mapas ou plantas.
- Conhecer unidades de tempo: a década.

3. O PASSADO DO MEIO LOCAL

- Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral...
- Conhecer factos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, batalhas, lendas históricas...).
- Conhecer vestígios do passado local:
 - construções (habitações, castelos, moinhos, antigas fábricas, igrejas, monumentos pré-históricos, pontes, solares, pelourinhos...);
 - alfaias e instrumentos antigos e actividades a que estavam ligados;

- costumes e tradições locais (festas, jogos tradicionais, medicina popular, trajes, gastronomia...);
- feriado municipal (acontecimento a que está ligado).
- Reconhecer a importância do património histórico local.

****4. CONHECER COSTUMES E TRADIÇÕES DE OUTROS POVOS**

5. RECONHECER SÍMBOLOS LOCAIS (BANDEIRAS E BRASÕES)

- Da freguesia.
- Do concelho.
- Do distrito.

6. CONHECER SÍMBOLOS REGIONAIS (BANDEIRAS E HINOS REGIONAIS)

- Dos Açores.
- Da Madeira.

7. OUTRAS CULTURAS DA SUA COMUNIDADE

- Conhecer aspectos da cultura das minorias que eventualmente habitem na localidade ou bairro (costumes, língua, gastronomia, música...).

4.º ANO

1. O PASSADO DO MEIO LOCAL

- Pesquisar sobre o passado de uma instituição local (escola, autarquia, instituições religiosas, associações...):
 - recorrer a fontes orais e documentais para a reconstituição do passado da instituição.

2. O PASSADO NACIONAL

- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalha ocorrida em local próximo, reis que concederam forais a localidades da região...).
- Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado.
- Recolher dados sobre aspectos da vida quotidiana de tempo em que ocorreram esses factos.

- Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal.
- Conhecer unidades de tempo: o século.

3. RECONHECER SÍMBOLOS NACIONAIS

- Bandeira nacional.
- Hino nacional.

BLOCO 3 — À DESCOBERTA DO AMBIENTE NATURAL

Este bloco comprehende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.

A curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples.

Os estudos a realizar terão por base a observação directa, utilizando todos os sentidos, a recolha de amostras, sem prejudicar o ambiente, assim como a experimentação.

Os alunos deverão utilizar, em situações concretas, instrumentos de observação e medida como, por exemplo, o termómetro, a bússola, a lupa, os binóculos...

É importante que, desde o início, os alunos façam registos daquilo que observam.

O professor deve fomentar nos alunos atitudes de respeito pela vida e pela Natureza, assim como sensibilizá-los para os aspectos estéticos do ambiente.

1.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Criar animais e cultivar plantas na sala de aula ou no recinto da escola.
- Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais.
- Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal (observar plantas e animais em diferentes fases da sua vida).

2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- O tempo que faz (registrar, de forma elementar e simbólica, as condições atmosféricas diárias).
- A noite e o dia (comparar a duração do dia e da noite ao longo do ano...).
- Reconhecer diferentes formas sob as quais a água se encontra na natureza (rios, ribeiros, poços...).

3. IDENTIFICAR CORES, SONS E CHEIROS DA NATUREZA

(das plantas, do solo, do mar, dos cursos de água, dos animais, do vento...)

2.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Observar e identificar algumas plantas mais comuns existentes no ambiente próximo:
 - plantas espontâneas;
 - plantas cultivadas;
 - reconhecer diferentes ambientes onde vivem as plantas;
 - conhecer partes constitutivas das plantas mais comuns (raiz, caule, folhas, flores e frutos);
 - registar variações do aspecto, ao longo do ano, de um arbusto ou de uma árvore.
- Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo:
 - animais selvagens;
 - animais domésticos;
 - reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar);
 - reconhecer características externas de alguns animais (corpo coberto de penas, pêlos, escamas, bico, garras...);
 - recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam....).

2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- O tempo que faz (registar as condições atmosféricas diárias).
- Reconhecer alguns estados do tempo (chuvisco, quente, frio, ventoso...).
- Relacionar as estações do ano com os estados do tempo característicos.
- Reconhecer a existência do ar (realizar experiências).
- Reconhecer o ar em movimento (vento, correntes de ar...).

****3. CONHECER ASPECTOS FÍSICOS E SERES VIVOS DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES**

3.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO AMBIENTE PRÓXIMO

- Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios, tais como: cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis... (constituição de um herbário).
- Realizar experiências e observar formas de reprodução das plantas (germinação das sementes, reprodução por estaca...).
- Reconhecer a utilidade das plantas (alimentação, mobiliário, fibras vegetais...).
- Comparar e classificar animais segundo as suas características externas e modo de vida.
- Identificar alguns factores do ambiente que condicionam a vida das plantas e dos animais (água, ar, luz, temperatura, solo) — realizar experiências.
- Construir cadeias alimentares simples.

2. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- Recolher amostras de diferentes tipos de solo:
 - identificar algumas das suas características (cor, textura, cheiro, permeabilidade);
 - procurar o que se encontra no solo (animais, pedras, restos de seres vivos).
- Recolher amostras de rochas existentes no ambiente próximo:
 - identificar algumas das suas características (cor, textura, dureza...);
 - reconhecer a utilidade de algumas rochas.
- Distinguir formas de relevo existentes na região (elevações, vales, planícies...):
 - observar directamente e indirectamente (fotografias, ilustrações...);
 - localizar em mapas.
- Distinguir meios aquáticos existentes na região (cursos de água, oceano, lagoas...):
 - localizar em mapas;
 - reconhecer nascente, foz, margem direita e esquerda, afluentes.

3. OS ASTROS

- Reconhecer o Sol como fonte de luz e calor.
- Verificar as posições do Sol ao longo do dia (nascente/sul/poente).

- Conhecer os pontos cardeais.
- Distinguir estrelas de planetas (Sol — estrela; Lua — planeta).

4.º ANO

1. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO

- Reconhecer e observar fenómenos:
 - de condensação (nuvens, nevoeiro, orvalho);
 - de solidificação (neve, granizo, geada);
 - de precipitação (chuva, neve, granizo).
- Realizar experiências que representem fenómenos de:
 - evaporação;
 - condensação;
 - solidificação;
 - precipitação.
- Compreender que a água das chuvas se infiltra no solo dando origem a lençóis de água.
- Reconhecer nascentes e cursos de água.

2. OS ASTROS

- Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações...
- Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases.
- Observar num modelo o sistema solar.

3. ASPECTOS FÍSICOS DE PORTUGAL

- Identificar os maiores rios (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado):
 - localizar no mapa de Portugal;
 - observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...).
- Identificar as maiores elevações (Pico, Serra da Estrela, Pico do Areeiro):
 - localizar no mapa de Portugal;
 - observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...).

BLOCO 4 — À DESCOBERTA DAS INTER-RELACÕES ENTRE ESPAÇOS

Embora as referências espaciais devam estar presentes ao longo de todo o programa (qualquer facto estudado deve ser sempre localizado no espaço), é fundamentalmente neste bloco que se agrupam os conteúdos relativos ao espaço.

A criança tem uma percepção subjetiva do espaço que foi adquirido ao longo da sua vida através das relações que estabeleceu com os objectos. É importante sublinhar que as noções de espaço se constroem através da acumulação de experiências práticas em todas as situações que envolvam deslocações, localizações, distâncias...

Desde o início da escolaridade o professor deverá programar actividades que permitam a objectivação e alargamento dessas noções.

O conhecimento dos espaços familiares permitirá à criança, por associação e comparação, compreender outros espaços mais longínquos.

Assim, é importante que os alunos representem os espaços que conhecem ou vão explorando, através de desenhos, plantas, maquetas, traçando itinerários...

Progressivamente deverão tomar contacto com diferentes tipos de plantas e mapas convencionais.

Pretende-se, igualmente, que os alunos tomem consciência de que não existem espaços isolados mas, pelo contrário, se estabelecem ligações e fluxos de várias ordem que vão desde a circulação de pessoas e bens à troca de ideias e informação.

1.º ANO

1. A CASA

- Reconhecer os diferentes espaços da casa (salas, quartos, cozinha...).
- Reconhecer as funções desses espaços.
- Representar a sua casa (desenhos, pinturas...).

2. O ESPAÇO DA SUA ESCOLA

- Reconhecer os diferentes espaços da sua escola (salas de aula, cantina, recreio, outras dependências).
- Reconhecer as funções desses espaços.
- Representar a sua escola (desenhos, pinturas...).

3. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas, tempos livres...).
- Representar os seus itinerários (desenhos, pinturas...).

4. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA

(perto de/longe de; em frente de/atrás de; dentro de/fora de; entre; ao lado de; à esquerda de/à direita de...)

2.º ANO

1. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas...).
- Localizar os pontos de partida e chegada.
- Traçar o itinerário na planta do bairro ou da localidade.

2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

- Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade.
- Conhecer outros tipos de transportes.
- Reconhecer tipos de comunicação pessoal (correio, telefone...).
- Reconhecer tipos de comunicação social (jornais, rádio, televisão...).

3.º ANO

1. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Descrever itinerários não diários (passeios, visitas de estudo, férias...).
- Localizar os pontos de partida e de chegada.
- Traçar os itinerários em plantas ou mapas.

2. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA

- Identificar processos de orientação (sol, bússola...).
- Conhecer os pontos cardeais.

3. OS DIFERENTES ESPAÇOS DO SEU BAIRRO OU DA SUA LOCALIDADE

(habitação, comércio, lazer...)

- Reconhecer as funções desses espaços.

- Representar esses espaços (desenhos, pinturas...).
- Localizar esses espaços numa planta do bairro ou da localidade.

4. DESLOCAÇÕES DOS SERES VIVOS

- Reconhecer que as pessoas se deslocam (para a escola, para o trabalho, para férias...).
- Reconhecer as deslocações dos animais (andorinhas, rolas, cegonhas...):
 - para onde vão, quando partem, quando voltam.

5. O COMÉRCIO LOCAL

- Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, sapataria, praça, feira...):
 - o que vendem;
 - onde se abastecem;
 - como se transportam os produtos;
 - como se conservam os produtos alimentares;
 - como se vendem (condições de armazenamento e manuseamento...);
 - reconhecer menções obrigatórias nos produtos (composição, validade, modo de emprego...);
 - reconhecer a importância do recibo e/ou factura.

6. MEIOS DE COMUNICAÇÃO

- Investigar sobre a evolução dos transportes.
- Investigar sobre a evolução das comunicações (pessoais e sociais).

4.º ANO

1. O CONTACTO ENTRE A TERRA E O MAR

- Observar directa ou indirectamente:
 - alguns aspectos da costa (praias, arribas, dunas, cabos...);
 - alguns aspectos da costa portuguesa («Ria» de Aveiro, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Estuário do Tejo e do Sado, Ponta de Sagres).
- Localizar no mapa de Portugal.
- Localizar em mapas ilhas e arquipélagos (Açores e Madeira).

- Localizar no planisférico e no globo os continentes e os oceanos.
- Reconhecer o Oceano Atlântico como fronteira marítima de Portugal.
- *• Observar a acção do mar sobre a costa.
- *• Observar as marés.
- *• Observar e recolher seres vivos e materiais encontrados na praia.
- *• Identificar a sinalização das costas (faróis, sinais sonoros, bóias de sinalização...).

2. OS AGLOMERADOS POPULACIONAIS

- Reconhecer aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades).
- Identificar as cidades do seu distrito:
 - localizar no mapa.
- Localizar no mapa a capital do País.
- Localizar as capitais de distrito.

3. PORTUGAL NA EUROPA E NO MUNDO

- Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisférico e no globo.
- Reconhecer a fronteira terrestre com a Espanha.
- Localizar no planisférico e no globo os países lusófonos.
- Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados.

BLOCO 5 — À DESCOBERTA DOS MATERIAIS E OBJECTOS

Apesar da atitude experimental estar sempre presente na abordagem dos conteúdos de outros blocos (conforme é referido), pretende-se fundamentalmente com este bloco desenvolver nos alunos uma atitude de permanente experimentação com tudo o que isso implica: observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões.

A exploração de materiais de uso corrente deverá assentar essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaqueem.

A manipulação de objectos e de instrumentos, os cuidados a ter na sua utilização e conservação, assim como a valorização do trabalho manual, são aspectos importantes deste bloco.

Os registos que ocorrem, a propósito das experiências realizadas, deverão ser adequados à idade dos alunos e ter em vista apenas a comunicação das descobertas por eles feitas.

1.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

(sal, açúcar, leite, madeira, barro, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)

- Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro...).
- Agrupar materiais segundo essas propriedades.

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA

- Realizar experiências que conduzem à conservação da capacidade/volume, independentemente da forma do objecto.
- Identificar algumas propriedades físicas da água (incolor, inodora, insípida).
- Reconhecer materiais que flutuam e não flutuam.
- Verificar experimentalmente o efeito da água nas substâncias (molhar, dissolver, tornar moldável...).

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM

- Identificar sons do seu ambiente imediato.
- Produzir sons (percutindo, soprando, abanando objectos e utilizando instrumentos musicais simples).

4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sachô, máquina de escrever, gravador, lupa, agrafador, furador...)

- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.

2.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

(sal, açúcar, vidro, madeira, barro, areia, cortiça, papel, cera, objectos variados...)

- Comparar materiais segundo algumas das suas propriedades (flexibilidade, resistência, solubilidade, dureza, transparência, combustibilidade...).
- Agrupar materiais segundo essas propriedades.
- Relacionar essas propriedades com a utilidade dos materiais.
- Identificar a sua origem (natural/artificial).

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR

- Reconhecer a existência do ar (balões, seringas...).
- Reconhecer que o ar tem peso (usar balões e bolas com ar e vazios).
- Experimentar o comportamento de objectos em presença de ar quente e de ar frio (objectos leves sobre um calorífero, balões de S. João...).

3. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sachô, serrote, máquina de escrever, gravador, lupa, agrafador, furador...)

- Reconhecer a sua utilidade.
- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização.

3.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A LUZ

- Identificar fontes luminosas.
- Observar a passagem da luz através de objectos transparentes (lentes, prismas, água...).
- Observar a intersecção da luz pelos objectos opacos — sombras.
- Realizar jogos de luz e sombra e sombras chinesas.
- Observar e experimentar a reflexão da luz em superfícies polidas (espelhos...).

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ÍMANES

- Realizar jogos com ímanes.
- Observar o comportamento dos materiais em presença de um íman (atração ou não atração, repulsão).
- Magnetizar objectos metálicos (pregos, alfinetes...).
- Construir uma bússola.

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS DE MECÂNICA

- Realizar experiências com alavancas, quebra-nozes, tesouras... (forças).
- Realizar experiências e construir balanças, baloiços, mobiles... (equilíbrio).
- Realizar experiências com roldanas e rodas dentadas (transmissão do movimento).
- Realizar experiências com molas e elásticos (elasticidade).
- Realizar experiências com pêndulos (movimentos).

4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, projector de diapositivos, lupa, bússola, microscópio...)

- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.
- Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.

4.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

(sal, açúcar, leite, madeira, barro, rochas, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)

- Classificar os materiais em sólidos, líquidos e gasosos segundo as suas propriedades.
- Observar o comportamento dos materiais face à variação da temperatura (fusão, solidificação, dilatação...).
- Realizar experiências que envolvam mudanças de estado.

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA

- Realizar experiências que permitam constatar o princípio dos vasos comunicantes (construir um repuxo).
- Observar os efeitos da temperatura sobre a água (ebulição, evaporação, solidificação, fusão e condensação).

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ELECTRICIDADE

- Produzir electricidade por fricção entre objectos.
- Realizar experiências simples com pilhas, lâmpadas, fios e outros materiais condutores e não condutores.
- Construir circuitos eléctricos simples (alimentados por pilhas).

4. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR

- Reconhecer, através de experiências, a existência do oxigénio no ar (combustões).
- Reconhecer, através de experiências, a pressão atmosférica (pipetas, conta-gotas, palhinhas de refresco...).

5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM

- Realizar experiências, de transmissão do som através dos sólidos, líquidos e gases (construir um telefone de cordel, campainha dentro de um recipiente com água...).

6. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, projector de diapositivos, lupa, bússola, microscópio...)

- Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.
- Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.

BLOCO 6 — À DESCOBERTA DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE A NATUREZA E A SOCIEDADE

Toda a actividade humana deixa marcas e provoca alterações na Natureza.

Essas alterações podem ser positivas quando o Homem, através da ciência e da técnica, consegue superar, de algum modo, obstáculos e adversidades naturais, ou negativas, quando produz desequilíbrios que podem levar ao esgotamento de recursos, à extinção de espécies, à destruição do ambiente.

Neste sentido, devem promover-se atitudes relacionadas com a conservação e melhoria do ambiente, o uso racional dos recursos naturais, assim como de uma participação esclarecida e activa na resolução de problemas ambientais.

O estudo das actividades económicas, dada a sua complexidade, deve relacionar-se com a realidade próxima dos alunos, partindo sempre da observação directa com recolha de informação através de entrevistas, recolha de imagens, etc.

Assim, os pontos do programa assinalados com asterisco apenas serão abordados quando forem significativos a nível local.

3.º ANO

***1. A AGRICULTURA DO MEIO LOCAL**

- Fazer o levantamento dos principais produtos agrícolas da região.
- Reconhecer a agricultura como fonte de matérias-primas (trigo/farinha, tomate/concentrado, uvas/vinho...).
- Identificar alguns factores naturais com influência na agricultura (clima, solo, relevo).
- Fazer o levantamento de algumas técnicas utilizadas pelo homem para superar dificuldades originadas por factores naturais (estufas, rega, socalcos, adubação...).
- Investigar algumas técnicas tradicionais e modernas e instrumentos que lhe estão associados (lavra-arado/tractor, rega/picota, nora/aspersão...).
- Observar o ritmo dos trabalhos agrícolas ao longo do ano (sementeiras, mondas, colheitas...).
- Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente resultantes do uso de produtos químicos na agricultura (cuidados a ter com o uso de pesticidas, herbicidas, adubos químicos...).

***2. A CRIAÇÃO DE GADO NO MEIO LOCAL**

- Fazer o levantamento das principais espécies animais criadas na região.
- Distinguir entre exploração pecuária familiar e industrial (n.º de animais, como vivem e se alimentam, cuidados sanitários...).
- Reconhecer a criação de gado como fonte de alimentos.
- Reconhecer a criação de gado como fonte de matérias-primas (lacticínios, salsicharia, cortumes...).
- Relacionar algumas actividades com a criação de gado (pastorícia, tosquia...).
- Identificar alguns problemas de poluição provocados pela criação de gado.

***3. A EXPLORAÇÃO FLORESTAL DO MEIO LOCAL**

- Fazer o levantamento das principais espécies florestais da região.
- Identificar alguns produtos derivados da floresta da região.
- Reconhecer a floresta como fonte de matérias-primas (madeira, resina, corteça...).
- Relacionar algumas actividades com a exploração florestal (serrações, descorticagem...).
- Conhecer algumas normas de prevenção de incêndios florestais.

***4. A ACTIVIDADE PISCATÓRIA NO MEIO LOCAL**

- Fazer o levantamento de locais de pesca da região (mar, rios, lagoas, albufeiras).
- Fazer o levantamento das principais espécies pescadas na região (peixes, crustáceos, bivalves...).
- Reconhecer a pesca como fonte de alimentos.
- Reconhecer a pesca como fonte de matérias-primas (conservas, farinha de peixe...).
- Reconhecer formas de criação de peixes em cativeiro (viveiros de trutas, achigãs...).
- Identificar alguns factores que podem pôr em perigo as espécies aquáticas (poluição, pesca excessiva...).
- Fazer o levantamento de algumas técnicas de pesca (tipo de barcos, de redes...).
- Reconhecer formas de comercialização e conservação do pescado (lotas, redes de frio...).

- Fazer o levantamento de outras actividades ligadas aos meios aquáticos (extracção de sal, apanha de algas).

*5. A EXPLORAÇÃO MINERAL DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento de locais de exploração mineral (mina, pedreiras, areeiros...).
- Fazer o levantamento dos principais produtos minerais da região.
- Reconhecer a exploração mineral como fonte de matérias-primas (construção, indústria...).
- Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente decorrentes da exploração mineral (poluição provocada pelas pedreiras, silicose dos mineiros...).

*6. A INDÚSTRIA DO MEIO LOCAL

- Fazer o levantamento das indústrias existentes no meio local.
- Identificar algumas matérias-primas usadas nessas indústrias (de onde vêm, como vêm...).
- Identificar fontes de energia utilizadas na sua transformação.
- Identificar a mão-de-obra e observar a maquinaria utilizada.
- Identificar para onde vão e como vão os produtos finais.
- Reconhecer as indústrias como fontes de poluição (atmosférica, aquática, sonora...).

*7. O TURISMO NO MEIO LOCAL

- Identificar alguns factores de atracção turística (praias, parques naturais, termas, monumentos...).
- Reconhecer algumas infra-estruturas turísticas da região (hotéis, parques de campismo, restaurantes...).
- Discutir vantagens e desvantagens do turismo para a região.

*8. AS CONSTRUÇÕES DO MEIO LOCAL

- Observar edifícios construídos e em diversas fases de construção.
- Identificar materiais utilizados na sua construção.
- Identificar profissões envolvidas na sua construção.
- Reconhecer funções dos edifícios (habitação, comércio, teatro, locais de culto, indústrias...).

- Reconhecer outras construções (pontes, estradas, portos, caminhos-de-ferro, barragens...).
- Reconhecer a importância e a necessidade do saneamento básico e do abastecimento de água.
- Reconhecer a importância e a necessidade dos espaços de lazer (jardins, recintos desportivos, cinemas...).

****9. INVESTIGAR SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES**

4.º ANO

1. PRINCIPAIS ACTIVIDADES PRODUTIVAS NACIONAIS

- Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como actividades económicas importantes em Portugal.
- Identificar os principais produtos agrícolas portugueses (vinho, azeite, frutos, cereais, cortiça...).
- Identificar os principais produtos da floresta portuguesa (madeira, resina...).
- Identificar os principais produtos ligados à pecuária (produção de carne, ovos, leite...).
- Identificar os principais produtos da indústria portuguesa (têxteis, calçado, pasta de papel, conservas, derivados de cortiça...).

2. A QUALIDADE DO AMBIENTE

- A qualidade do ambiente próximo:
 - identificar e observar alguns factores que contribuem para a degradação do meio próximo (lixeiras, indústrias poluentes, destruição do património histórico...);
 - enumerar possíveis soluções;
 - identificar e participar em formas de promoção do ambiente.
- A qualidade do ar:
 - reconhecer os efeitos da poluição atmosférica (efeito de estufa, a rarefacção do ozono, chuvas ácidas...);
 - reconhecer a importância das florestas para a qualidade do ar.

- A qualidade da água:
 - reconhecer algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, fluentes industriais, marés negras...).
- Reconhecer algumas formas de poluição sonora (fábricas, automóveis, motos...):
 - identificar alguns efeitos prejudiciais do ruído.
- Identificar alguns desequilíbrios ambientais provocados pela actividade humana:
 - extinção de recursos;
 - extinção de espécies animais e vegetais;
 - reconhecer a importância das reservas e parques naturais para a preservação do equilíbrio entre a Natureza e a Sociedade.

LÍNGUA PORTUGUESA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A apresentação de programas de Língua Portuguesa para o Ensino Básico implica que se explicitem os seus pressupostos.

O conjunto dos objectivos para o ensino do Português, neste nível, é definido em acordo com os princípios estabelecidos na Lei de Bases do Sistema Educativo e no projecto curricular em que se integra a disciplina.

Reconhece-se a Língua Materna como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia. Tem-se, como seguro, que a restrição da competência linguística impede a realização integral da pessoa, isola da comunicação, limita o acesso ao conhecimento, à criação e à fruição da cultura e reduz ou inibe a participação na práxis social. Entende-se que o domínio da Língua Materna, como factor de transmissão e apropriação dos diversos conteúdos disciplinares, condiciona o sucesso escolar.

Optou-se por um conjunto de directrizes pedagógicas e por uma estrutura de programas que visam a coerência do ensino, ao longo da escolaridade básica. Pretendeu-se, deste modo, constituir referenciais organizados e permanentes para alunos e professores.

*O programa apresenta, os domínios **COMUNICAÇÃO ORAL, COMUNICAÇÃO ESCRITA, FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA — ANÁLISE E REFLEXÃO**, em três blocos distintos, mas pressupondo uma prática integrada. Os conteúdos actualizam os diferentes domínios, operacionalizando-se num processo pedagógico centrado nos alunos que, em interacção na turma, com o professor, constroem a sua aprendizagem.*

Progressivamente, pelo uso da Língua, pela valorização de vivências, conhecimentos, referências e interesses, pela reflexão oportuna e integrada sobre o funcionamento da Língua, o aluno evolui para práticas mais normatizadas da comunicação oral e escrita.

Considera-se essencial que, na aprendizagem da Escrita e da Leitura, se mobilizem situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente a curiosidade de aprender; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever.

O ritmo de aprendizagem dos alunos e a avaliação contínua dos níveis de progressão serão os indicadores e os reguladores do processo de aprendizagem. O recurso a estratégias diversificadas deve permitir o atendimento de necessidades individuais. As actividades de avaliação devem ser sempre desenvolvidas num sentido construtivo e encorajador.

A adopção desta perspectiva pedagógica contribuirá para que o aluno, ao longo do Ensino Básico, na Língua em que pensa, fala, lê e escreve, construa a sua identidade e a sua relação com o mundo e se afirme como ser afectuoso e interveniente, autónomo e solidário.

OBJECTIVOS GERAIS

1. Exprimir-se oralmente, com progressiva autonomia e clareza, em função de objectivos diversificados.
2. Comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação.
3. Utilizar a Língua como instrumento de aprendizagem e de planificação de actividades (discussões, debates, leituras, notas, resumos, esquemas).
4. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral.
5. Experimentar percursos individuais ou em grupo que proporcionem o prazer da escrita.
6. Praticar a escrita como meio de desenvolver a compreensão na leitura.
7. Promover a divulgação dos escritos como meio de os enriquecer e de encontrar sentidos para a sua produção.
8. Produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas.
9. Aperfeiçoar a competência de escrita pela utilização de técnicas de auto e de heterocorrecção.
10. Utilizar a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da Língua).

11. Apropriar-se do texto lido, recriando-o em diversas linguagens.
12. Desenvolver a competência de leitura relacionando os textos lidos com as suas experiências e conhecimento do mundo.
13. Utilizar diferentes recursos expressivos com uma determinada intenção comunicativa (dramatizações, banda desenhada, cartazes publicitários).
14. Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua, a partir de situações de uso.

BLOCO 1 — COMUNICAÇÃO ORAL

As crianças que, com 5-6 anos, entram para a escola, fizeram já, de um modo informal, aquisições linguísticas muito importantes no meio onde vivem e onde intervêm, tendo alargado, consideravelmente, competências que lhes permitem comunicar com os outros.

É sabido que o domínio do oral se constrói e se alarga progressivamente pelas trocas linguísticas que se estabelecem numa partilha permanente da fala entre as crianças e entre as crianças e os adultos.

Na Escola, cabe ao professor criar condições materiais e humanas de verdadeira comunicação para que as crianças possam manifestar os seus interesses e necessidades, exprimir sentimentos, trocar experiências e saberes.

Quando narra, informa, esclarece, pergunta, responde, convence, o aluno inicia-se nas regras de comunicação oral, enquanto descobre o prazer de comunicar com os outros.

A fala, permanentemente partilhada entre as crianças e entre elas e o professor, não deve ser interrompida com correcções inibidoras. Os «erros» podem ser explorados pelo professor em enunciados correctos e integrados, funcionalmente, nas trocas comunicativas.

1.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza

- Exprimir-se por iniciativa própria:
 - em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos);
 - em pequeno ou em grande grupo:
 - * para organização e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos ou de actividades em curso (apresentar sugestões, pedir esclarecimentos, informar...).
- Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...
- Descrever desenhos e pinturas (realizadas pelo aluno), fotografias, locais visitados...

- Comunicar, oralmente, descobertas realizadas pelo aluno.
- Contar histórias.
- Participar, em grupo, na elaboração de histórias e de relatos.
- Contar histórias inventadas.
- Completar histórias (imaginar o desenlace ou desenlaces de histórias).
- Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo (estudos realizados, desenhos, pinturas...).
- Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos...).
- Regular a participação nas diferentes situações comunicativas (aguardar a vez de falar, ouvir e respeitar a fala dos outros).

2. Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral

- Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (uma ordem, um pedido, duas ordens seguidas, um recado).
- Identificar intervenientes (em contos orais).
- Reter informações a partir de um enunciado oral (um recado, um aviso).
- Formular perguntas e respostas.
- Responder a questionários.
- Dramatizar cenas do quotidiano, situações vividas ou imaginadas.
- Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonoras...) e vice-versa.
- Experimentar variações expressivas da Língua oral (variar a entoação de uma frase, dizendo-a como quem ri, como quem chora, como quem pede, como quem manda, como quem pergunta).

3. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral

- Recolher produções do património literário oral (lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos, cantares).
- Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, cantares).
- Reconhecer elementos sonoros comuns e diferentes (em rimas, lengalengas, trava-línguas).
- Construir rimas, cantilenas...

2.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. *Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza*

- Exprimir-se por iniciativa própria:
 - em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos...);
 - em pequeno ou grande grupo:
 - * para organização e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos ou de actividades em curso (apresentar sugestões, pedir esclarecimentos, informar...).
- Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...
- Descrever desenhos, pinturas (realizadas pelo aluno), fotografias, quadros...
- Comunicar, oralmente, descobertas (realizadas pelo aluno).
- Contar histórias.
- Participar, em grupo, na elaboração de histórias e de relatos.
- Contar histórias inventadas.
- Completar histórias (imaginar o desenlace ou desenlaces possíveis, construir uma história da qual conhece apenas o desenlace ou as personagens).
- Construir histórias a partir de ilustrações.
- Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo (estudos realizados, pinturas, desenhos...).
- Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar as opiniões dos outros, intervir oportunamente).

2. *Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral*

- Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (uma ordem, um pedido, duas ordens seguidas, um recado, um aviso).
- Identificar intervenientes (em contos orais).

- Reter informações a partir de um enunciado oral (recados, avisos).
- Formular perguntas e respostas, recados, avisos.
- Responder a questionários.
- Dramatizar cenas da vida quotidiana, situações vividas ou imaginadas.
- Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora...) e vice-versa.
- Experimentar variações expressivas da Língua oral (variar a entoação de uma frase, dizendo-a como quem ri, como quem chora, como quem pede, como quem manda...).

3. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral

- Recolher produções do património literário oral (lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos, cantares).
- Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, adivinhas).
- Participar na produção de rimas, cantilenas...
- Reconhecer elementos sonoros comuns e diferentes em rimas, lengalengas...
- Construir rimas, lengalengas...

3.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza

- Exprimir-se por iniciativa própria:
 - em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates):
 - * no âmbito da turma para organização, gestão e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos e de actividades em curso (apresentar sugestões, apreciar sugestões, pedir esclarecimentos, informar).
- Formular recados, avisos, instruções.
- Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...
- Contar histórias.

- Contar histórias inventadas.
- Participar, em grupo, na elaboração de histórias, de relatos.
- Completar histórias (imaginar desenlaces possíveis, imaginar cenários, lugar, tempo, personagens, acções).
- Recriar histórias (transformar personagens — animais em pessoas e vice-versa — em objectos fantásticos).
- Apresentar e apreciar trabalhos individuais ou de grupo, dar sugestões para os melhorar ou continuar (estudos realizados, ou em curso, desenhos, pinturas).
- Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente).

2. Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral

- Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (recados, avisos, instruções...).
- Reter informações a partir de um enunciado oral (recados, avisos, instruções).
- Formular recados, avisos, instruções...
- Responder a questionários.
- Dramatizar textos próprios ou de outros, sequências de situações...
- Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora, pictórica).
- Experimentar variações expressivas da Língua oral (variar a entoação de frases, pronunciando-as com intencionalidades diferentes...).
- Interpretar e recriar em linguagem verbal mensagens não verbais (sons, gestos, imagens).

3. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral

- Recolher e seleccionar produções do património literário oral (contos, lendas, cantares, quadras populares, lengalengas, trava-línguas...).
- Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, adivinhas, cantares, contos).
- Comparar versões diferentes dos mesmos contos.
- Participar na produção de rimas, lengalengas.

4.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza

- Exprimir-se por iniciativa própria:
 - em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates).
 - * no âmbito da turma para organização, gestão e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos e de actividades em curso (apresentar sugestões, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar...).
- Formular recados, avisos, instruções.
- Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos, sonhos.
- Contar histórias inventadas.
- Contar, resumidamente, histórias.
- Participar na elaboração oral de histórias, relatos, resumos.
- Completar histórias (a partir do seu desenlace, criando cenários, lugar, tempo, acções, personagens).
- Recriar histórias (transformando personagens: animais em pessoas, em animais fantásticos, em pessoas fantásticas...).
- Imaginar uma história (a partir da ilustração da capa de um livro, a partir do título de uma história, a partir da descrição das personagens) e compará-la com o texto original.
- Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo, dar sugestões para os continuar ou melhorar, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar.
- Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente).

2. Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral

- Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (avisos, instruções).

- Identificar intervenientes e acções, referenciando-os no espaço e no tempo.
- Reter informações a partir de um enunciado oral (avisos, instruções).
- Formular avisos, instruções.
- Distinguir factos de opiniões.
- Responder a questionários.
- Dramatizar cenas do quotidiano, textos próprios ou textos de outros.
- Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora, pictórica).
- Verificar experimentalmente características da Língua oral (variar a entoação de frases, dizendo-as com intencionalidades diferentes).
- Interpretar e recriar em linguagem verbal mensagens não verbais (sons, gestos, imagens).

3. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral

- Recolher e seleccionar produções do património literário oral (contos, lendas, cantares, quadras populares, lengalengas, trava-línguas).
- Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, adivinhas, contos...).
- Comparar versões diferentes dos mesmos contos.
- Participar na produção de rimas e de lengalengas, introduzindo-lhes novos elos.
- Colaborar na produção de contos (com companheiros, com o professor...).

BLOCO 2 — COMUNICAÇÃO ESCRITA

Ao entrar para a escola, todas as crianças construíram já ideias acerca da escrita e da leitura.

Importa, assim, que elas experimentem, ao longo do 1.º ciclo do Ensino Básico, percursos integradores do que já sabem e propiciadores da descoberta da escrita e da leitura.

Torna-se, para isso, necessário que na sala de aula surjam múltiplas ocasiões de convívio com a escrita e com a leitura e se criem situações e projectos diversificados que integrem, funcionalmente, as produções das crianças em circuitos comunicativos.

Dar aos alunos a possibilidade de escrever, encontrar com eles os sentidos implícitos nas suas tentativas de escrita (garatujas, letras isoladas, ou agrupadas em estruturas que se assemelham a palavras e outros escritos cada vez mais elaborados), partir de e apoiar-se nas suas produções, significa construir com as crianças um percurso de descoberta e de redescoberta da Língua. Estes escritos podem sempre valorizar-se e ampliar-se no intercâmbio com outros grupos e com a comunidade.

Para aprender a escrever e a ler é preciso não só escrever e ler muito, mas, principalmente, é preciso que a prática da escrita e da leitura esteja associada a situações de prazer e de reforço da autoconfiança.

Escrever e ler sem receio de censura, com a certeza de poder contar com os apoios necessários ao aperfeiçoamento das produções, permitirá a descoberta do prazer de escrever e de ler e o entendimento de que todas as produções podem ser melhoradas, reformuladas, transformadas.

Para aprender a escrever, as crianças têm de realizar, sobre a escrita que produzem, uma série de acções semelhantes às que realizam sobre um objecto físico, isto é, têm de descobrir como, porquê e em que situações a escrita funciona.

Diversificar os contextos de produção, multiplicar práticas de escrita, encontrar em grupo soluções para os problemas que a construção do texto exige, permite aprofundar a compreensão da leitura, acelerar aprendizagens, organizar e desenvolver o pensamento.

1.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- Contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...).
- Experimentar múltiplas situações que despertem e desenvolvam o gosto pela Língua escrita (actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes).
- Ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos.
- Manifestar interesse por situações ou por personagens de histórias.
- Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir das suas ilustrações.
- Comparar as hipóteses levantadas com o conteúdo original (que ouve ler).
- Localizar, em jornais, notícias, a partir de imagens.
- Comparar, em diferentes jornais, as mesmas notícias e as imagens que as ilustram.
- Localizar, em jornais, as páginas que indicam programas de televisão..., programas infantis...
- Descobrir e localizar, em jornais e revistas, e através das imagens, um programa de televisão de que gosta.
- Experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de produção de escrita (recados, avisos, descobertas realizadas, convites, correspondência interescolar, correspondência com autarquias, bibliotecas, museus...).

2. Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura

- Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura (participar no registo escrito de experiências vividas ou imaginadas, correspondência...).
- Experimentar diferentes tipos de escrita requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de actividades e de projectos em curso (escrita do nome próprio, nome completo, nomes dos companheiros, registo de presenças, de tarefas, de aniversários, etiquetas, avisos, recados, convites, correspondência, relatos de visitas de estudo).

- Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (cada aluno ter um caderno onde possa fazer tentativas de escrita, garatujar, escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Relacionar produções orais dos alunos com a sua forma escrita (discursos do quotidiano, histórias).
- Experimentar múltiplas situações de descoberta, de análise e de síntese, a partir de textos, de frases, de palavras.
- Reconstruir o texto com expressões ou com palavras recortadas, em presença do modelo, sem a presença do modelo, no quadro de pregas, no flanelógrafo, nos cadernos.
- Descobrir expressões iguais ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções.
- Reconhecer expressões ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções.
- Coleccionar as palavras descobertas e reconhecidas.
- Construir novos textos com expressões ou palavras já recortadas.
- Comparar textos, expressões e palavras, a fim de descobrir semelhanças e diferenças nos aspectos gráfico e sonoro.
- Descobrir elementos comuns a várias palavras.
- Construir palavras por combinatória de elementos conhecidos.
- Construir listas de palavras que contenham elementos conhecidos (a mesma sílaba, inicial... média, ou final...).
- Construir rimas ou cantilena a partir de palavras conhecidas.
- Realizar jogos de substituição de letras ou de sílabas para formar outras palavras (com letras móveis, sem letras móveis).
- Realizar jogos de comutação de letras para formar outras palavras.
- Produzir textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, discursos do quotidiano, de carácter utilitário, a partir de palavras ou de imagens).
- Praticar o aperfeiçoamento de textos, em grupo, com o professor, e integrá-los em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar...).
- Ler textos produzidos por iniciativa própria (para toda a turma, para um grupo, para um companheiro, para o professor).
- Ler textos produzidos pelos companheiros, pelos correspondentes (para o professor, para um grupo, para um companheiro).

- Relacionar textos lidos com as suas vivências escolares e extra-escolares.
- Ler livros ou textos adequados à sua idade e nível de competência de leitura.
- Identificar personagens e acções.
- Recriar textos em várias linguagens (recontar histórias, dramatizar histórias).

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Recolher documentação (gravuras, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de encyclopédias, textos...).
- Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Construir um dicionário ilustrado (imagem/palavra), organizando-o segundo critérios combinados (por temas, por ordem alfabética...).
- Consultar listas de palavras organizadas segundo critérios diversificados.
- Consultar ficheiros de imagens.
- Consultar o dicionário ilustrado.

2.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- Contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...).
- Experimentar múltiplas situações que despertem e desenvolvam o gosto pela língua escrita (actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes).
- Ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos.
- Manifestar interesse por situações ou por personagens de histórias.
- Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos, a partir das suas ilustrações, do título, da capa.
- Comparar hipóteses levantadas com o conteúdo original (que ouviu ler).

- Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original.
- Descobrir em jornais, que apresentam programas de televisão, o que há para além desses programas.
- Referenciar o tipo de jornal onde os programas estão inseridos (semanário, diário, jornal ou revistas da especialidade).
- Comparar, naqueles jornais, os lugares atribuídos a um determinado programa (tipo de letra e tamanho de letra, página, ilustrações).
- Experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de comunicação escrita (recados, avisos, decisões tomadas, convites, correspondência interescolar, correspondência com autarquias, museus, bibliotecas).

2. Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura

- Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura (participar no registo escrito de experiências vividas ou imaginadas, em correspondência, em actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes).
- Experimentar diferentes tipos de escrita requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de actividades e de projectos em curso (avisos, recados, convites, correspondência, registo de presenças, de tarefas, de aniversários, decisões...).
- Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa fazer tentativas de escrita, escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Produzir textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, sugeridos a partir de uma imagem, de imagens em sequência ou desordenadas, a partir de palavras dadas...).
- Praticar o aperfeiçoamento de textos produzidos, em grupo, com o professor e integrá-los em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal de turma ou de escola).
- Reconstruir textos com frases em desordem.
- Apreender o sentido de um texto eliminando uma frase fora do contexto («frase pirata»).
- Apreender o sentido de um texto com lacunas.
- Praticar jogos de palavras (palavras com letras ou sílabas desordenadas para formar palavras com sentido, palavras com uma letra «pirata» e formar uma palavra com letras «piratas»).

- Construir rimas e cantilenas a partir de palavras dadas.
- Fazer jogos de substituição, de comutação e de combinatória de letras e de sílabas (a partir de enganos, de trocas de letras, explorar situações de «nonsense»).
- Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para toda a turma, para um grupo, para o professor).
- Ler e apreciar textos produzidos pelos companheiros, pelos correspondentes (para a turma, para um grupo, para o professor).
- Ler, na versão integral, histórias, livros, poemas, de extensão e complexidade progressivamente alargadas, adequadas à sua idade e ao seu nível de competência de leitura.
- Relacionar o que leu com as suas vivências escolares e extra-escolares.
- Identificar personagens e acções.
- Recriar personagens e acções.
- Recriar textos em várias linguagens (recontar histórias, dramatizar histórias, transformar histórias em banda desenhada).

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, photocópias de páginas de encyclopédias, textos...).
- Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Construir um dicionário ilustrado, organizando-o segundo critérios combinados (temática, ordem alfabética...).
- Consultar listas de palavras organizadas segundo critérios diversos.
- Consultar ficheiros de imagens.
- Consultar o dicionário ilustrado.

3.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).

- Escrever individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras...).
- Experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso (avisos, recados, notícias, convites, relatos de visitas de estudo, relatos de experiências, correspondência, jornais de turma, de escola).
- Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos e histórias completas).
- Organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (temática, prosa, poesia).
- Seleccionar, em livros, textos que correspondem às temáticas das produções por iniciativa própria.
- Registar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir.
- Praticar a leitura por prazer (actividades de biblioteca de turma, de escola, municipais, itinerantes).
- Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para o grupo, para um companheiro, para o professor).
- Responder às perguntas dos ouvintes.
- Ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e complexidade progressivamente alargadas.
- Manifestar preferência por personagens e situações da história.
- Recontar um livro ou um texto que leu individualmente, em casa ou na biblioteca.
- Relacionar livros e outros textos com as suas vivências escolares e extra-escolares, com os seus gostos e preferências.
- Ler, na versão integral e por escolha própria, livros e outros textos.
- Fazer jogos de pesquisa de sentido (antecipar o desenlace de narrativas, propor um título para um texto, escolher, entre vários títulos, o mais adequado a um texto).
- Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir da capa, do título, das personagens.
- Comparar hipóteses levantadas com o conteúdo original.
- Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original.

- Ler e interpretar textos narrativos e poéticos.
- Estabelecer relações de sinonímia e antónimia para aprofundar a compreensão do texto.
- Descobrir, num contexto, o sentido de palavras desconhecidas.
- Estabelecer a sequência de acontecimentos.
- Localizar a acção no espaço e no tempo.
- Praticar a leitura dialogada, distinguindo as intervenções das personagens.
- Apreender o sentido de um texto no qual foram apagadas ou semiapagadas palavras ou letras.
- Conhecer em jornais, que apresentam programas de televisão, os símbolos que assinalam uma emissão de qualidade, medíocre ou má.
- Comparar, em dois jornais diferentes, os símbolos que classificam o mesmo programa.

2. Desenvolver as competências da Escrita e da Leitura

- Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (com toda a turma, em pequeno grupo), questionando o autor do texto, emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.
- Participar na reescrita do texto, confrontando hipóteses múltiplas, tendo em vista o seu aperfeiçoamento (organização das ideias, supressão de repetições desnecessárias, adequação do vocabulário, adjectivação, formas básicas da ortografia, da acentuação, do discurso directo).
- Participar na comparação entre o texto original e o texto trabalhado.
- Registar (por cópia ou por ditado, na imprensa, no limógrafo, no computador...) o texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica, e integrá-lo em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar).
- Construir livros de histórias com os seus textos, com textos de companheiros, de correspondentes, de escritores...
- Exercitar-se, em momentos de trabalho individual, na superação de dificuldades detectadas (organização das ideias, pontuação, vocabulário, ortografia...), através de fichas autocorrectivas ou outras.

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, photocópias de páginas de enciclopédias, textos).
- Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Organizar um índice da documentação.
- Construir materiais de informação, consulta e estudo, listas de palavras, dicionários ilustrados, prontuários ortográficos para a recolha de regularidades e de excepções da Língua «descobertas» no trabalho de aperfeiçoamento do texto.
- Recorrer à consulta de prontuários para procurar soluções para dúvidas levantadas na produção de escritos.
- Descobrir critérios de organização de dicionários.
- Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...

4.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).
- Escrever, individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras).
- Experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso (avisos, recados, notícias, convites, relatos de visitas de estudo, relatos de experiências, correspondência, jornais de turma, de escola...).
- Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos ou histórias completas).
- Organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (temática, prosa, poesia).
- Seleccionar, em livros, textos que correspondam às temáticas das produções por iniciativa própria.

- Registar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir.
- Praticar a leitura por prazer (actividades de biblioteca de turma, de escola, municipais, itinerantes).
- Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para um grupo, para um companheiro, para o professor).
- Responder às perguntas dos ouvintes.
- Confrontar opiniões próprias com as de outros.
- Ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e de complexidade progressivamente alargadas.
- Manifestar preferência por personagens e situações da história.
- Recontar um livro ou um texto que leu individualmente (em casa ou na biblioteca).
- Relacionar livros e outros textos com as suas vivências escolares e extra-escolares, com os seus gostos e preferências.
- Ler, na versão integral e por escolha própria, livros e outros textos.
- Fazer jogos de pesquisa de sentido (anticipar o desenlace de narrativas, propor um título para um texto, recolher, entre vários títulos, o mais adequado a um texto).
- Descobrir, num contexto, o sentido de palavras desconhecidas.
- Estabelecer a sequência de acontecimentos.
- Localizar a acção no espaço e no tempo.
- Praticar a leitura dialogada distinguindo as intervenções das personagens.
- Apreender o sentido de um texto no qual foram apagadas ou semiapagadas palavras ou frases.
- Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos, a partir do título, das personagens...
- Comparar as hipóteses levantadas com o conteúdo original.
- Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original.
- Conhecer, em jornais que apresentam programas de televisão, os símbolos que assinalam uma emissão de qualidade, medíocre ou má.
- Comparar, em dois jornais diferentes, os símbolos que classificam o mesmo programa.

2. Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura

- Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (em colectivo, em pequeno grupo), questionando o autor, emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.
- Participar na reescrita do texto, confrontando hipóteses múltiplas, tendo em conta o seu aperfeiçoamento (organização das ideias, supressão de repetições desnecessárias, adequação do vocabulário, adjectivação, formas básicas da ortografia, da acentuação e do discurso directo).
- Participar na comparação entre o texto original e o texto trabalhado.
- Registar (por cópia ou por ditado na imprensa, no limógrafo, no computador) o texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica, e integrá-lo em circuitos comunicativos (correspondência interescholar, jornais de turma ou de escola).
- Construir livros de leitura com os seus textos, com textos de companheiros e correspondentes, com textos de escritores.
- Construir livros de histórias.
- Exercitarse, em momentos de trabalho individual, na superação de dificuldades detectadas (organização das ideias, pontuação, vocabulário, ortografia) através de fichas autocorrectivas ou outras.

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, photocópias de páginas de encyclopédias, textos).
- Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Organizar um índice da documentação.
- Construir materiais de informação, consulta e estudo, listas de palavras, dicionários ilustrados, segundo critérios diversificados (temática, ordem alfabética...), prontuários ortográficos para recolha de regularidades e de exceções da Língua «descobertas» no trabalho de aperfeiçoamento do texto).
- Consultar listas de palavras.
- Recorrer à consulta de prontuários para ampliar conhecimentos e para procurar soluções para as dúvidas levantadas nas produções escritas.
- Descobrir critérios de organização de dicionários.
- Treinar a consulta de dicionários, encyclopédias infantis, prontuários...

BLOCO 3 — FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA, ANÁLISE E REFLEXÃO

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, o Módulo Funcionamento da Língua — Análise e Reflexão deve ser entendido como um instrumento de descoberta e de desenvolvimento das possibilidades de uso da Língua e de aprendizagem da Escrita e da Leitura.

Aponta, assim, para um percurso integrado de Comunicação Oral, de Comunicação Escrita e de Reflexão sobre a Língua.

Tal pressupõe que os alunos experimentem, explorem, funcional e ludicamente, várias formas diferentes de dizer as mesmas coisas, se sirvam dos seus erros e inadequações para descobrir regularidades e irregularidades da Língua.

A multiplicidade de práticas de análise e de reflexão sobre as falas e sobre a escrita que vão construindo, em interacção com a leitura, permitirá um progressivo domínio da estrutura da Língua.

Não se espera que, durante este ciclo, os alunos venham a dominar a nomenclatura correspondente a todo o trabalho realizado.

A consolidação desse trabalho de memorização será realizada ao longo do 2.º ciclo do ensino Básico.

3.º ANO

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA — ANÁLISE E REFLEXÃO

Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso

- Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, teatro, texto oral).
- Distinguir, em frases simples, os elementos fundamentais (por extensão e por redução).
- Verificar a mobilidade de alguns elementos da frase.
- Distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por transformação).
- Estabelecer relações de significado entre as palavras (sinonímia, antónima).
- Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados).

- Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita: ponto final, ponto de interrogação, vírgula apenas na enumeração (no decurso de aperfeiçoamento de texto e em momentos de trabalho individual, ficheiros autocorrectivos e outros).
- Identificar nomes.
- Distinguir nomes comuns, próprios e colectivos.
- Identificar o género, o número e o grau dos nomes pelas marcas e pelo contexto.
- Identificar adjetivos.
- Substituir adjetivos por outros de sentido equivalente num determinado contexto.
- Aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso.
- Identificar verbos.
- Identificar diferentes sons da Língua (vogais e consoantes).
- Combinar, ludicamente, diferentes sons da Língua.
- Comparar onomatopeias com os sons que imitam ou sugerem.
- Estabelecer relações entre sons e letras (fonemas e grafemas correspondentes).
- Decompor palavras em sílabas (para efeitos de translineação).
- Distinguir sílaba tónica e sílaba átona.
- Exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação (acentos agudo, grave, circunflexo, til).

4.º ANO

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA — ANÁLISE E REFLEXÃO

1. *Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso*

- Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, texto oral).
- Distinguir, em frases, os elementos fundamentais (por expansão e por redução).
- Verificar a mobilidade de alguns elementos da frase.

- Explorar diferenças semânticas e estéticas resultantes da mobilidade de elementos da frase.
- Transformar frases (afirmativa-negativa e interrogativa directa).
- Estabelecer relações de significado entre palavras (sinonímia, antónimia).
- Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados).
- Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula apenas na enumeração, travessão, dois pontos (no decurso do aperfeiçoamento do texto e em momentos de trabalho individual, ficheiros autocorrectivos e outros).
- Identificar nomes.
- Distinguir nomes próprios, comuns e colectivos.
- Identificar o género, o número e o grau dos nomes pelas marcas e pelo contexto.
- Verificar a regra geral e as excepções mais frequentes do género e do número.
- Identificar adjetivos.
- Substituir adjetivos por outros de sentido equivalente num determinado contexto.
- Seleccionar e comparar adjetivos que, num determinado contexto, qualifiquem um animal, uma pessoa, uma situação.
- Aplicar os diferentes graus do adjetivo estabelecendo comparações, diversificando a superlativização.
- Identificar numerais cardinais e ordinais.
- Substituir elementos da frase por determinantes possessivos e demonstrativos.
- Aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso.
- Identificar verbos.
- Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ser, estar, ter).
- Distinguir sons vocálicos e consonânticos.
- Combinar, ludicamente, diferentes sons da língua.
- Comparar onomatopeias com sons que imitam ou sugerem.
- Inventar onomatopeias.
- Nomear, por ordem, as letras do alfabeto.

- Decompor palavras em sílabas.
- Distinguir sílaba tónica e sílaba átona.
- Estabelecer a diferença entre acento gráfico e acento fónico.
- Exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação (acento agudo, acento grave, acento circunflexo, til).

MATEMÁTICA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A tarefa principal que se impõe aos professores é conseguir que as crianças, desde cedo, aprendam a gostar de Matemática.

Caberá ao professor organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria Matemática constitui para elas.

Só assim a Matemática se tornará aliciante e poderão as crianças continuar activas, questionadoras e imaginativas como é da sua natureza.

Só assim esta disciplina deixará de ser um factor de selecção para se tornar num instrumento de desenvolvimento de todos os alunos.

As grandes finalidades do ensino da Matemática para o conjunto dos três ciclos do Ensino Básico,

- *desenvolver a capacidade de raciocínio,*
- *desenvolver a capacidade de comunicação,*
- *desenvolver a capacidade de resolver problemas,*

devem estar presentes ao longo dos quatro anos que constituem o 1.º ciclo, de modo a assegurar a articulação vertical do processo de ensino e aprendizagem desta disciplina fundamental para a estruturação do pensamento e da acção.

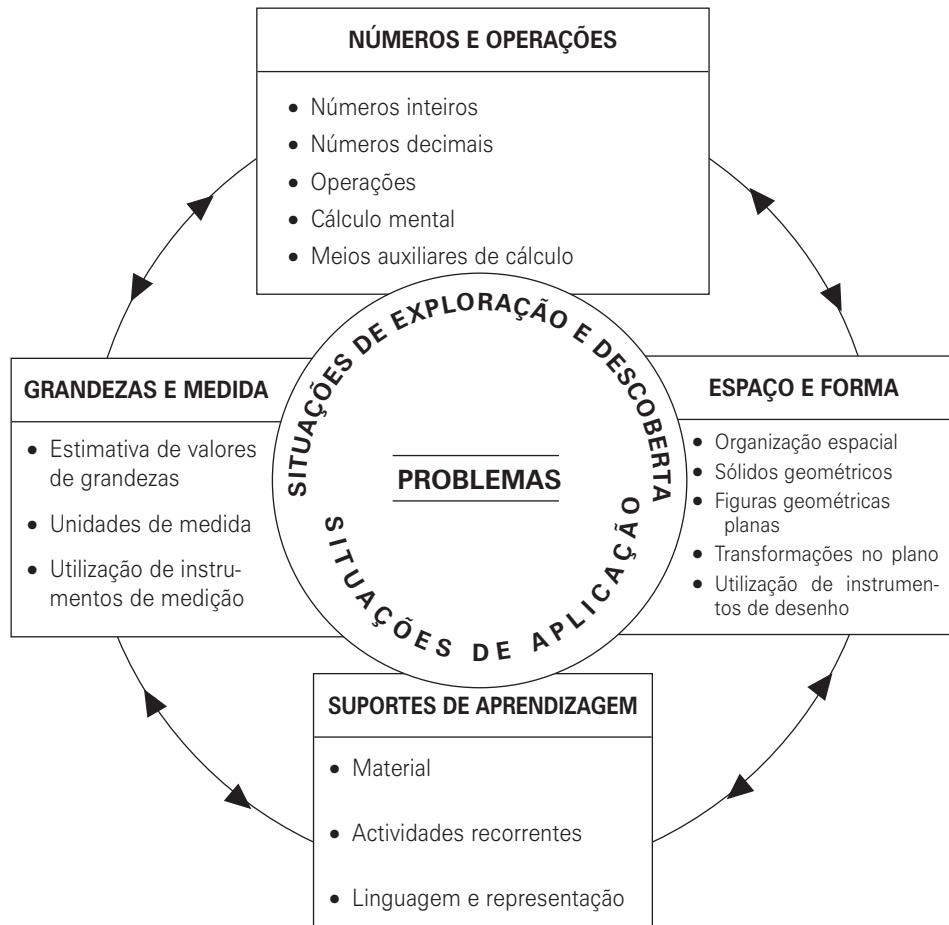
O programa está organizado em três blocos de conteúdos, a que se junta uma componente de suportes de aprendizagem. Desenvolve-se a partir da actividade considerada fundamental — a resolução de problemas. Esta organização não deve ser entendida como uma proposta de trabalho compartmentada e sequenciada no tempo. Considera-se, pelo contrário, que os tópicos de cada bloco devem ser abordados de forma integrada ao longo do ano.

Na verdade, não só as aquisições em cada domínio favorecem e são favorecidas pelos progressos, conseguidos nos outros domínios, como a mudança e diversificação de actividades serão mais estimulantes para os alunos.

A focalização do programa na resolução dos problemas decorre da concepção de que a resolução de situações problemáticas (numéricas e não numéricas) deverá constituir a actividade central desta área e estar presente no desenvolvimento de todos os tópicos. Sendo esta actividade promotora do desenvolvimento do raciocínio e da comunicação, deverá, nestas idades, ancorar em operações lógicas elementares e apoiar-se em materiais e linguagem gráfica que constituam uma ponte entre o real e as abstracções matemáticas.

A resolução de problemas coloca o aluno em atitude activa de aprendizagem, quer dando-lhe a possibilidade de construir noções como resposta às interrogações levantadas (exploração e descoberta de novos conceitos), quer incitando-o a utilizar as aquisições feitas e a testar a sua eficácia.

Em esquema, representa-se a organização do programa, evidenciando os grandes blocos que integram os conteúdos e tipos de actividade a desenvolver nesta área.



OBJECTIVOS GERAIS

1. Manifestar curiosidade e gosto pela exploração e resolução de problemas simples do universo familiar.
2. Recolher dados simples e organizá-los de forma pessoal recorrendo a diferentes tipos de representação.
3. Efectuar medições, escolhendo instrumentos adequados, para resolver problemas simples da vida corrente.
4. Fazer e utilizar estimativas em situações de cálculo ou de medição.
5. Explorar, construir e transformar modelos geométricos e estabelecer relações entre eles.
6. Explicar e confrontar as suas ideias com as dos companheiros, justificar as suas opiniões e descrever processos utilizados na realização de actividades.
7. Desenvolver estratégias pessoais de resolução de problemas e assumir progressivamente uma atitude crítica perante os resultados.
8. Resolver situações e problemas do dia-a-dia, aplicando as operações aritméticas e as noções básicas de geometria, utilizando algoritmos e técnicas de cálculo mental.

PROBLEMAS

A resolução de problemas, quer na fase de exploração e descoberta, quer na fase de aplicação, deverá constituir a actividade fundamental desta disciplina e estar presente no desenvolvimento de todos os seus capítulos. Na ver-

dade, só há aprendizagem quando a criança reage dinamicamente a uma questão que suscite o seu interesse e responda à sua curiosidade.

A resolução de problemas exige, necessariamente, a utilização de conhecimentos e o domínio de técnicas que, deste modo, se tornam significativas.

Nesta fase do seu desenvolvimento, as crianças interessam-se, sobretudo, por jogos, adivinhas e histórias (vividas ou de fantasia) que apresentem questões interessantes para resolver e que constituem verdadeiros problemas à medida da sua idade.

Interessam-se, também, por problemas práticos se estes se relacionarem com a sua vida na escola ou resultarem da abertura desta à comunidade.

A resolução de um problema deve constituir um momento especial de interacção e de diálogo.

O professor, como moderador, acolhe as respostas, pergunta «porquê», lança pistas, aproveita o erro para formular novas perguntas e pede estimativas antes de ser encontrada a solução. Competirá ainda ao professor estimular a partilha das diversas estratégias para a obtenção de um resultado se na sua busca foram percorridos caminhos diferentes.

O domínio progressivo das técnicas adequadas e o desenvolvimento da leitura permitirão que, paralelamente a esta abordagem, os alunos do 1.º ciclo possam ser confrontados com problemas escritos que tenham de resolver individualmente ou em pequenos grupos.

SUPORTES DE APRENDIZAGEM

Como o nome indica, não se trata de um bloco distinto com conteúdos próprios.

Nesta rubrica sugerem-se **«meios»** e **«ferramentas»** que ajudarão os alunos a formar e a desenvolver as suas capacidades matemáticas ao longo do seu percurso e no contexto de todos os blocos de conteúdos.

A sua utilização requer do professor uma escolha criteriosa e ajustada aos níveis de desenvolvimento dos alunos, aos tópicos a tratar e aos conceitos a adquirir.

MATERIAL

Na aprendizagem da matemática, como em qualquer outra área, as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.

Sendo os objectos da Matemática entes abstractos, é importante que os conceitos e relações a construir possam ter um suporte físico.

Se por um lado a manipulação de material pode permitir a construção de certos conceitos, por outro lado, pode servir, também, para a representação de modelos abstractos permitindo, assim, uma melhor estruturação desses conceitos.

Para estes fins poderá ser utilizado:

- o próprio corpo;
- material disponível na sala de aula: lápis, caixas, papéis, mesas, etc.;
- material não estruturado recolhido pelos próprios alunos e pelos professores;
- material estruturado ou construído com objectivos específicos (blocos lógicos, ábacos, geoplano...);
- o computador — linguagem Logo (quando possível).

Convém ainda realçar a importância que alguns jogos podem ter no desenvolvimento de competências necessárias à resolução de problemas. Os tradicionais jogos de «pedrinhas» e «pauzinhos», os dominós, o rapa, os jogos de dados e de cartas, os jogos de construções e os jogos de estratégia (batalha naval, damas, xadrez, «mastermind», etc.), são exemplos de jogos que favorecem:

- a capacidade de aceitar e seguir uma regra;
- o desenvolvimento da memória;
- a agilidade de raciocínio;
- o gosto pelo desafio;
- a construção de estratégias pessoais.

A par de enorme prazer que proporcionam constituem ainda, como todos os jogos, um importante factor de crescimento emocional e social.

A partir de jogos simples já conhecidos, o professor deverá estimular as crianças a inventarem novos jogos.

ACTIVIDADES «RECORRENTES»

Entende-se por actividades recorrentes aquelas que, promovendo o desenvolvimento de competências lógicas elementares, são fundamentais não apenas para a compreensão de ideias matemáticas mas também para a apreensão de noções de outras áreas, nomeadamente na Língua Portuguesa e do Estudo do Meio.

Estas actividades deverão decorrer de observações e manipulações concretas e de experiências de exploração e interacção e estar presentes com frequência ao longo dos quatro anos deste ciclo, embora variando o grau de complexidade.

Na abordagem de vários tópicos de todos os capítulos as crianças deverão realizar actividades que lhes permitam:

- reconhecer propriedades num objecto;
- comparar propriedades em diferentes objectos;
- reconhecer uma propriedade comum a vários objectos;
- escolher um critério de classificação;
- descobrir o critério utilizado numa classificação;
- agrupar objectos segundo um critério estabelecido;
- reconhecer se um objecto pertence ou não a um dado agrupamento;
- descobrir propriedades comuns aos elementos de um agrupamento;
- ordenar objectos segundo um critério dado ou escolhido pelo aluno;
- descobrir o critério utilizado numa dada ordenação,
- estabelecer relações de diferentes tipos: entre objectos; entre factos; entre acções;
- hierarquizar factos e situações;
- prever o resultado possível de uma accção ou acontecimento.

LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO

É necessário que, desde muito cedo, as crianças se apercebam de que a Matemática é também uma linguagem que traduz ideias sobre o mundo que as rodeia. Uma das dificuldades mais sentidas por crianças destas idades é a tradução do real e da linguagem comum para a linguagem simbólica da matemática.

A criação de sinais, desenhos e esquemas individuais constitui um suporte importante para a descoberta e construção pessoal de linguagens convencionais.

Quando o aluno explora uma situação deverá traduzi-la na representação mais adequada para evitar ambiguidades ao referir-se a um objecto, a uma grandeza, a uma relação. A utilização de **setas, diagramas, tabelas, esquemas e gráficos**, por exemplo, contribuirão para:

- comunicar e registar ideias de forma mais simples e clara;
- ler e interpretar informação com maior facilidade.

Ao longo dos 4 anos deste ciclo a utilização dos símbolos convencionais deverá decorrer a par das seguintes actividades:

- Criar sinais convencionados com os companheiros e desenhos que expressem situações.
- Inventar e utilizar esquemas.
- Representar objectos por pontos.
- Explorar situações através de diagramas.
- Representar relações por setas.
- Construir e utilizar tabelas.
- Construir e utilizar gráficos de barras.

BLOCO 1 — NÚMEROS E OPERAÇÕES

A construção progressiva do conceito de número, a compreensão do sistema de numeração decimal e o domínio das operações aritméticas elementares constituem um dos aspectos mais importantes da aprendizagem da Matemática no 1.º Ciclo.

Sendo importantes as experiências pessoais anteriores, serão determinantes as experiências e actividades que a criança tiver na escola.

Para que estas aquisições sejam verdadeiras construções e descobertas individuais as crianças devem:

- Realizar muitas experiências de manipulação de objectos em situações da vida escolar (agrupar, separar, ordenar, quantificar, contar, distribuir, etc.).
- Estabelecer relações entre os números e ir accedendo gradualmente à estrutura lógica do sistema decimal.
- Ser confrontadas com situações estimulantes que contemplem o seu enorme gosto pela actividade lúdica e nas quais os cálculos apareçam com uma finalidade significativa.
- Dialogar com os colegas e com o professor sobre os seus pontos de vista na procura de soluções.

No 1.º ciclo deve ser dada especial importância ao cálculo mental. A criança deve habituar-se, desde o início, a considerá-lo como o primeiro dos recursos a utilizar para obter um resultado. Ao calcular mentalmente, a criança aprende:

- a lidar com o número como parte de uma estrutura e não a vê-lo como um símbolo de uma quantidade;
- a utilizar as propriedades das operações com um objectivo útil;
- a fazer estimativas que irão contribuir para se tornar crítica relativamente aos resultados dos cálculos obtidos, utilizando algoritmos ou a máquina de calcular.

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

Para efectuarem cálculos, as crianças, sobretudo no 1.º e 2.º anos, precisam de suportes que as ajudem a pensar.

Assim, na sala de aula deve haver **materiais de apoio** e o professor permitirá que cada criança utilize, com liberdade, o que lhe for mais conveniente.

Os **algoritmos** usuais das operações aritméticas elementares, «contas de papel e lápis», constituem, sem dúvida, um dos meios auxiliares do cálculo de maior importância e devem ser iniciados no 1.º Ciclo, embora com a consciênc-

cia de que a verdadeira aprendizagem é pouco significativa quando o objectivo é apenas o treino de uma habilidade.

Deste modo, a aprendizagem dos algoritmos deve surgir, sempre, como o resultado de um longo trabalho com os números e as operações.

A sua introdução, ao longo dos quatro anos, aparece sequenciada em função do desenvolvimento do cálculo mental e do seu grau de dificuldade.

A máquina de calcular não pode deixar de ter lugar no 1.º Ciclo, não só pela sua vulgarização, mas sobretudo pela segurança que dá como auxiliar em cálculos morosos e pelas possibilidades de exploração e descoberta que pode permitir quando utilizada com imaginação.

1.º ANO

- Realizar manipulações que apelem à apreensão da noção de invariância da quantidade.
- Quantificar agrupamentos.
- Descobrir, progressivamente, os números (tendo em conta as possibilidades e ritmos individuais dos alunos).
- Ler e escrever números.
- Efectuar contagens.
- Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a respectiva simbologia $>$, $<$, $=$.
- Ordenar números.
- Colocar números numa recta graduada e orientada.
- Ler e escrever os números por ordem crescente e decrescente.
- Efectuar contagens 2 a 2, 3 a 3, etc.
- Explorar situações que conduzam à descoberta da adição e subtração.
- Calcular somas e diferenças (tendo em conta as possibilidades e ritmos individuais dos alunos).
- Compor e decompor números em somas e diferenças.
- Utilizar os sinais «+» e «-» na representação de somas e diferenças (representação horizontal $a + b$, $a - c$).
- Representar relações que envolvam adições e subtrações através de diagramas de setas.
- Praticar o cálculo mental com números pequenos.
- Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo.

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

Utilizar material de apoio, estruturado e não estruturado.

2.º ANO

- Reconhecer o aspecto ordinal do número através de seriações.
- Ler e escrever os numerais ordinais 1.^º, 2.^º... 10.^º.
- Efectuar contagens por ordem crescente e decrescente.
- Descobrir regularidades nas contagens de 5 em 5, 10 em 10.
- Ler e escrever números.
- Estabelecer relações de ordem entre os números e utilizar a simbologia: <, >, =.
- Representar números numa recta graduada.
- Ordenar números inteiros em sequências crescentes e decrescentes.
- Numa recta graduada, dado o número correspondente a um ponto, atribuir o número correspondente a outros pontos.
- Descobrir o mecanismo da numeração de posição do sistema decimal.
- Relacionar a dezena e a centena com a unidade.
- Explorar situações que levem ao reconhecimento da subtracção como operação inversa da adição.
- Explorar e usar regularidades e padrões na adição e na subtracção.
- Construir tabelas da adição e utilizá-las para a subtracção.
- Explorar situações que conduzam à descoberta da multiplicação a partir da adição de parcelas iguais.
- Utilizar o sinal «×» na representação de produtos (representação horizontal a × b).
- Determinar quantidades dispostas em forma rectangular utilizando a multiplicação.

...

...

$$3 \times 4 = 12 \text{ ou } 4 \times 3 = 12$$

...

- Decompor os números em somas, diferenças e produtos.
- Utilizar, consecutivamente, operadores numéricos.
- Construir tabelas de duas entradas para a multiplicação.
- Descobrir a regra para calcular o produto de um número por 0,1 e 10.
- Memorizar as tabuadas da multiplicação por 2, 3, 4, 5 e 10.
- Habituar-se a avaliar ordens de grandeza de um resultado antes de efectuar o cálculo.
- Praticar o cálculo mental.
- Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo (utilizando intuitivamente as propriedades das operações).
- Explicitar, oralmente, os passos seguidos ao efectuar um cálculo.
- Identificar números pares e números ímpares.
- Reconhecer o operador «metade de...» como inverso de «o dobro de...».
- Repartir uma quantidade em 2, 4 e 3 quantidades iguais.
- Utilizar a notação $\frac{1}{2} \times$ e $2 \times$ para representar «metade de» e o «dobro de».
- Reconhecer $\frac{1}{4} \times$ como o inverso de $4 \times$.

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

ALGORITMOS

- *Algoritmo da adição, sem e com transporte (para calcular somas de 2 ou 3 números inteiros, com 3 algarismos, no máximo).*
- *Algoritmo da subtração, sem empréstimo (para calcular diferenças entre números inteiros, com 3 algarismos).*
- *Algoritmo da multiplicação (para calcular produtos de números inteiros de 2 algarismos por um número de 1 algarismo).*

MATERIAL DE APOIO

- *Utilizar materiais de apoio estruturados e não estruturados.*

3.º ANO

- Ler e escrever os numerais ordinais até 30.^º.
- Ordenar números inteiros em sequências crescentes e decrescentes.
- Ler e escrever números.
- Utilizar a numeração romana para representar números (até MM).
- Explorar situações que levem à descoberta de números decimais.
- Ler e escrever números decimais (com um máximo de 2 algarismos à direita da vírgula).
- Numa recta graduada, dado o número correspondente a um ponto, atribuir o número correspondente a outros pontos.
- Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a simbologia $>$, $<$, $=$.
- Relacionar dezena, centena, milhar, décima e centésima com a unidade e entre si.
- Explorar e usar regularidades e padrões na adição, subtração e multiplicação.
- Decompor os números em somas, diferenças e produtos.
- Fazer a composição de dois operadores numéricos.
- Estimar ordens de grandeza de um resultado antes de efectuar o cálculo.
- Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo (utilizando, espontaneamente, as propriedades das operações).
- Explicitar oralmente e representar por escrito os passos seguidos ao efectuar cálculos.
- Construir e memorizar as tabuadas da multiplicação por 6, 7, 8 e 9.
- Reconhecer o múltiplo de um número natural.
- Utilizar subtrações sucessivas para a repartição de quantidades.
- Descobrir a existência de resto em certas repartições.
- Explorar situações que envolvam a divisão (subtrações sucessivas, adições e produtos).
- Utilizar o sinal « \div » na representação de quocientes (representação horizontal a : b).
- Utilizar a notação $\frac{1}{3} \times$, $\frac{1}{5} \times$ e $\frac{1}{10} \times$ para representar o inverso de $3 \times$, $5 \times$, $10 \times$.

- Reconhecer a equivalência entre:

$$:2 \text{ e } \frac{1}{2} \times ;$$

$$:3 \text{ e } \frac{1}{3} \times ;$$

$$:4 \text{ e } \frac{1}{4} \times ;$$

$$:5 \text{ e } \frac{1}{5} \times .$$

- Explorar situações que levem a reconhecer que a operação inversa da multiplicação é a divisão.
- Reconhecer a equivalência entre $\frac{1}{10} \times$, $0,1 \times$ e $:10$.
- Descobrir a regra para calcular o produto de um número por $0,1$.
- Descobrir a regra para calcular o produto de um número por 100 e por 1000 .

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

ALGORITMOS

- *Algoritmo da adição*
(para calcular somas de números inteiros e decimais, com 4 algarismos, no máximo).
- *Algoritmo da subtração, sem empréstimo*
(para calcular diferenças entre números inteiros e decimais, com 4 algarismos, no máximo).
- *Algoritmo da subtração, com empréstimo*
(para calcular diferenças entre números inteiros, com 3 algarismos).
- *Algoritmo da multiplicação*
(para calcular produtos de números inteiros de 4 algarismos, no máximo, por números de 2 algarismos).
- *Algoritmo da divisão*
(para calcular quocientes de números inteiros de 2 algarismos por números de 1 algarismo).

MATERIAL DE APOIO

Utilizar material de apoio estruturado e não estruturado.

4.º ANO

- Ler e escrever os números ordinais até ao 50.^º.
- Ler e escrever os números ordinais 100.^º e 1000.^º.
- Identificar ordens e classes da milésima ao milhão.
- Ler e escrever números.
- Ordenar números em sequências crescentes e decrescentes.
- Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a simbologia $<$, $>$, $=$.
- Representar números decimais numa recta graduada (até à décima).
- Numa recta graduada, dado o número correspondente a um ponto, atribuir o número correspondente a outro ponto.
- Fazer a composição de operadores numéricos.
- Utilizar tabelas de duas entradas da multiplicação para a divisão.
- Estimar a ordem de grandeza de um resultado antes de efectuar o cálculo.
- Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo.
- Explicitar oralmente e representar por escrito os passos seguidos ao efectuar cálculos.
- Reconhecer múltiplos de um número natural.
- Reconhecer a equivalência entre:
 - $\times 0,01$ e : 100
 - $\times 0,001$ e : 1000
- Descobrir a regra para calcular o quociente de um número por 100 e 1000.
- Descobrir a regra para calcular o produto de um número por 0,01 e 0,001.
- Reconhecer a equivalência entre:
 - : 0,1 e $\times 10$
 - : 0,01 e $\times 100$
 - : 0,001 e $\times 1000$

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

ALGORITMOS

- *Algoritmo da adição e da subtracção
(para calcular somas ou diferenças de números inteiros ou decimais).*

- *Algoritmo da multiplicação*
(para calcular produtos de números inteiros ou decimais de 4 algarismos por números de 3 algarismos, no máximo).
- *Algoritmo da divisão*
(para calcular o quociente e o resto da divisão de números inteiros ou decimais de 4 algarismos no máximo, por números de 2 algarismos).

MÁQUINA DE CALCULAR

OUTROS MATERIAIS DE APOIO

BLOCO 2 — FORMA E ESPAÇO (INICIAÇÃO À GEOMETRIA)

A iniciação à geometria, ao longo dos quatro anos do 1.º Ciclo, deve centrar-se nas actividades de:

- *manipular;*
- *explorar;*
- *construir;*
- *transformar;*
- *relacionar.*

O grande número de experiências, à descoberta do espaço e da forma, que a criança fez antes de entrar para a escola, é factor de interesse e empenhamento nas actividades que esta área da Matemática lhe pode proporcionar.

As capacidades que desenvolveu e os conhecimentos que adquiriu intuitivamente, em interacção com o meio, devem ser alargados na escola da mesma forma activa e dinâmica.

Assim, é importante que as crianças encontrem na escola ambiente, oportunidade e material para se dedicarem a jogos e a brincadeiras que concorram para o desenvolvimento de noções geométricas.

As actividades de exploração do espaço e das formas fazem apelo à criatividade e sentido estético das crianças e respondem à sua natural e progressiva procura de equilíbrio e harmonia.

A manipulação e exploração de objectos, a observação que, gradualmente, se torna mais pormenorizada, a utilização de materiais e instrumentos na construção e desenho de modelos geométricos permitirão muitas descobertas e desenvolverão as capacidades de relacionar, classificar e transformar.

Através do diálogo com o professor e com os companheiros sobre as suas realizações e interrogações a criança poderá interpretar e compreender melhor o mundo das formas que a rodeia e irá adquirindo o vocabulário e noções elementares de geometria.

MATERIAL DE APOIO

Utilizar material de apoio não estruturado e estruturado. Deste último evidencia-se:

- *papel quadriculado — nos dois primeiros anos o papel indicado nas actividades tem a quadricula com 1 cm de lado;*
- *régua, compasso, esquadro, transferidor;*
- *sólidos geométricos;*
- *geoplano.*

1.º ANO

- Manipular objectos.
- Situar-se no espaço em relação aos outros e aos objectos.
- Reconhecer o interior, o exterior de um domínio limitado por uma linha ou por uma superfície fechadas.
- Estabelecer relações entre objectos segundo a sua posição no espaço.
- Conhecer e utilizar o vocabulário: em cima, atrás, à frente, entre, dentro, fora, à esquerda, à direita, sobre, antes, depois,...
- Comparar objectos segundo algumas das suas propriedades.
- Fazer e desfazer objectos utilizando materiais moldáveis.
- Transformar e cortar objectos de materiais moldáveis.
- Fazer e desfazer construções com objectos (tubos, caixas, bolas, tacos, paus, materiais de encaixe, etc.).
- Reconhecer em objectos vários e em modelos geométricos, superfícies planas e não planas.
- Reconhecer e nomear, nos sólidos geométricos, figuras planas: quadrado, rectângulo, triângulo e círculo.
- Desenhar figuras contornando superfícies planas de sólidos geométricos.
- Fazer composições com figuras geométricas (utilizando diferentes meios e instrumentos: recorte e colagem, dobragem, geoplano, tangram, «puzzles»).
- Desenhar em papel quadriculado:
 - livremente;
 - seguindo regras simples (por ex.: n.º de quadriculações);
 - reproduzindo figuras simples.
- Reconhecer figuras geométricas em diversas posições.
- Representar figuras geométricas planas utilizando materiais diversificados.
- Explorar simetrias utilizando livremente espelhos.

- Construir figuras simétricas através de dobragens e recortes.
- Deslocar-se num espaço determinado e representar o seu percurso.
- Deslocar-se segundo algumas regras.
- Traçar itinerários no chão.
- Traçar itinerários entre dois pontos:
 - numa grelha desenhada no chão;
 - numa grelha desenhada no quadro;
 - em papel quadriculado.
- Comparar itinerários.

2.º ANO

- Comparar sólidos geométricos e fazer classificações simples.
- Transformar e cortar objectos de materiais moldáveis.
- Fazer e desfazer construções com objectos (tubos, caixas, bolas, tacos, paus, etc.).
- Reconhecer, a partir da observação de objectos, linhas curvas e linhas rectas.
- Comparar as seguintes figuras planas: quadrado, rectângulo, triângulo e círculo.
- Fazer composições com figuras geométricas (utilizando diferentes meios e instrumentos: recorte e colagem, dobragem, geoplano, tangram, «puzzles»).
- Fazer desenhos decorativos:
 - frisos em papel quadriculado;
 - rosáceas contornando a base circular de um objecto.
- Representar, no geoplano, figuras geométricas.
- Desenhar figuras simétricas, em papel quadriculado, escolhendo um eixo de simetria.
- Traçar itinerários entre dois pontos numa grelha desenhada no quadro e/ou em papel quadriculado.
- Comparar o comprimento de itinerários traçados entre dois pontos.
- Desenhar o itinerário mais curto entre dois pontos.
- Desenhar livremente representações no plano, plantas e mapas (da sala de aula, da escola, da rua, de percursos seguidos em passeios...) sem exigência de rigor ou realismo.
- Fazer livremente construções a partir de representações no plano (aldeias, pistas para carros,...)

3.º ANO

- Comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro e paralelepípedo.
- Transformar sólidos geométricos feitos em materiais moldáveis.
- Construir o cubo através do recorte e colagem de quadrados geometricamente iguais.
- Construir os seguintes sólidos em materiais moldáveis: esfera, cilindro e paralelepípedo.
- Reconhecer, a partir da observação de sólidos, rectas paralelas e rectas perpendiculares.
- Reconhecer lados paralelos nas figuras geométricas.
- Reconhecer lados perpendiculares nas figuras geométricas.
- Desenhar livremente utilizando a régua.
- Fazer transformações de figuras geométricas planas (utilizando diferentes meios e materiais: recorte e colagem, dobragem, geoplano, trangram).
- Utilizar livremente o compasso.
- Distinguir círculo de circunferência.
- Desenhar frisos e rosáceas.
- Fazer uma composição a partir de um padrão dado.
- Desenhar em superfícies curvas (bolas, balões, rolos...).
- Representar livremente, no geoplano, figuras geométricas simples e reproduzi-las em papel ponteado.
- Representar, no geoplano, triângulos, rectângulos e quadrados em diferentes posições e reproduzi-los em papel ponteado.
- Desenhar triângulos, rectângulos e quadrados em diferentes posições em papel quadriculado.
- Representar rectas paralelas (por dobragens sucessivas de uma folha de papel e em papel quadriculado).
- Desenhar, em papel quadriculado, a figura simétrica de uma figura em relação a um eixo horizontal.
- Procurar, numa grelha quadriculada, pontos equidistantes de um dado ponto.
- Construir maquetas simples (por ex., a rua, um jardim, a sala de aula,...).

4.º ANO

- Comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro, paralelepípedo, cone e pirâmide.
- Transformar sólidos geométricos feitos em materiais moldáveis.
- Construir caixas em papel, cartolina ou cartão.
- Desmontar um cubo de cartão e procurar fazer a planificação da sua superfície.
- Construir um cubo a partir de uma dada planificação.
- Reconhecer ângulos em figuras geométricas planas e nos objectos.
- Comparar a amplitude de ângulos e reconhecer: ângulo recto, ângulo agudo e ângulo obtuso.
- Fazer transformações de figuras geométricas planas segundo algumas regras (utilizando diferentes meios e materiais: dobragens, geoplano...).
- Desenhar livremente com o compasso.
- Desenhar frisos e rosáceas.
- Desenhar livremente utilizando a régua.
- Fazer uma composição a partir de um dado padrão.
- Desenhar figuras geométricas simples em superfícies curvas.
- Desenhar figuras geométricas simples com algumas regras.
- Representar, no geoplano, figuras geométricas e reproduzi-las em papel ponteado.
- Procurar, numa grelha quadriculada, os pontos de uma recta equidistantes de um dado ponto.
- Esboçar a planta da sala de aula.
- Fazer a leitura da planta da escola.

BLOCO 3 — GRANDEZAS E MEDIDA

Ajudar as crianças a perceberem a utilidade prática da matemática na vida do dia-a-dia nem sempre é fácil. As actividades essencialmente práticas deste bloco darão um contributo importante nesse sentido: fazer medições, comparar valores de grandezas, estabelecer relações temporárias, fazer estimativas simples, lidar com dinheiro... são acções muito habituais no meio familiar de todas as crianças.

A curiosidade pela medida e o gosto em dar palpites sobre medidas extravagantes deve ser estimulado. As estimativas que as crianças fizerem serão tanto mais próximas do real quanto mais medições fizerem dos objectos que os cercam.

Comparar resultados de medições e discuti-los com os companheiros levará à necessidade de fazer arredondamentos e de ter a noção da possível margem de erro existente numa medição.

Considerando o desenvolvimento cognitivo das crianças de seis anos, as experiências a realizar no 1.º ano de escolaridade deverão ter em conta a construção progressiva da noção de conservação de grandezas e sua seriação.

Os problemas que envolvam cálculos com medidas devem decorrer de acções relacionadas com a vida escolar ou de actividades do Estudo do Meio e as medidas deverão ser expressas em unidades da mesma ordem.

1.º ANO

- Estabelecer relações de grandeza entre objectos.
- Conhecer e utilizar o vocabulário corrente, utilizando nestas relações (alto/baixo, comprido/curto, largo/estreito, pesado/leve...).
- Fazer experiências que conduzam à noção de invariância das seguintes grandezas:
 - Comprimento independente da disposição dos objectos, da matéria.
 - Capacidade-volume, independente da forma do objecto e do conteúdo (água e diferentes líquidos, areia, grãos...).
 - Massa, independente do volume e do número de objectos.
- Fazer experiências utilizando diferentes materiais e objectos que conduzam à comparação:
 - de comprimentos;
 - de capacidade e volumes;
 - de massas.

- Ordenar objectos segundo um critério que envolva a noção de.
 - comprimento;
 - capacidade;
 - massa.
- Efectuar medições com unidades de medida, de escolha livre.
- Estabelecer relações entre factos e acções que levem à distinção de noções temporais:
 - antes/entre/depois;
 - ontem/hoje/amanhã;
 - agora/já;
 - muito tempo/pouco tempo;
 - ao mesmo tempo.
- Relacionar dia/semana.
- Reconhecer o carácter cíclico de alguns fenómenos e actividades (noite/dia, refeições, dias da semana...).
- Conhecer as moedas em uso.

2.º ANO

- Reconhecer a necessidade de escolha de uma unidade para efectuar medições.
- Construir instrumentos de medida.
- Efectuar medições com esses instrumentos e registá-las.
- Construir sistemas provisórios de medida e dentro de cada sistema relacionar as diferentes unidades.
- Fazer a recobertura de superfícies, tendo escolhido previamente uma unidade.
- Determinar o número de unidades necessárias para a recobertura dessas superfícies.
- Desenhar, em papel quadriculado, figuras com uma determinada área, tomando como unidade a área de uma (ou mais) quadrículas.
- Preencher um volume por empilhamento de objectos de igual volume e contar as unidades necessárias.
- Utilizar a balança para comparar massas.
- Comparar capacidades (utilizando recipientes de várias formas).

- Identificar recipientes com a mesma capacidade.
- Reconhecer, progressivamente, a utilidade prática de algumas unidades convencionais, através do contacto directo com o meio (metro, quilograma, litro).
- Efectuar medições utilizando o metro, o quilograma e o litro.
- Fazer estimativas de medidas em casos simples.
- Estabelecer relações entre os factos e acções que envolvam noções temporais.
- Relacionar hora/dia/semana/mês/ano.
- Reconhecer o carácter cílico de alguns fenómenos e actividades:
 - entrada/saída da escola;
 - aulas/férias;
 - estações do ano, etc.
- Registar a duração de algumas actividades.
- Assinalar, no calendário, datas e acontecimentos.
- Conhecer as notas e as moedas em uso.

3.º ANO

- Relacionar o metro, o decímetro e o centímetro.
- Construir o metro e graduá-lo em decímetros.
- Graduar o decímetro em centímetros.
- Fazer medições utilizando o metro, a fita métrica, a régua e registá-las.
- Medir o perímetro de polígonos.
- Calcular o perímetro de polígonos.
- Desenhar quadrados em papel quadriculado a partir de um perímetro dado.
- Reconhecer o cm^2 como unidade de medida de área (papel quadriculado — quadrícula de 1 cm de lado).
- Determinar, em cm^2 , a área de polígonos desenhados em papel quadriculado.
- Desenhar polígonos em papel quadriculado a partir de uma área dada em cm^2 .
- Construir o dm^2 em papel quadriculado e utilizá-lo em medições de áreas.
- Relacionar o dm^2 e o cm^2 .

- Comparar volumes de objectos por empilhamento de objectos de igual volume.
- Medir a capacidade de recipientes (utilizando o litro e o decilitro).
- Determinar numa balança de pratos a massa de objectos, utilizando as massas marcadas mais comuns:
1 kg; 500 g – 1/2 kg; 250 g – 1/4 kg; 125 g e registá-las.
- Relacionar o quilograma e o grama.
- Ler e escrever números referentes às medições realizadas.
- Fazer estimativas com base em unidades familiares: altura da sala de aula, capacidade de um determinado recipiente, etc.
- Comparar os resultados obtidos em medições que fez com os resultados obtidos pelos colegas.
- Relacionar a hora, o minuto e o segundo.
- Utilizar instrumentos da vida corrente relacionados com o tempo.
- Ler e escrever as horas.
- Reconhecer o carácter cíclico de alguns fenómenos (fases da Lua).
- Registar e comparar a duração de algumas actividades (tempo gasto a percorrer determinada distância...)
- Representar valores monetários em euros.

4.º ANO

- Relacionar o metro, decímetro, centímetro e milímetro.
- Construir o decâmetro e o hectómetro e utilizá-las para fazer medições (do corredor da escola, do pátio, do caminho da escola a casa...).
- Relacionar o quilómetro, hectómetro, decâmetro, metro, decímetro, centímetro e milímetro.
- Calcular o perímetro de polígonos.
- Desenhar polígonos a partir de um perímetro dado.
- Medir o perímetro da base circular de um objecto.
- Medir o diâmetro e o raio de uma circunferência.
- Construir, colectivamente, o metro quadrado com quadrados de 1 dm de lado feitos em papel quadriculado.
- Relacionar o m^2 , o dm^2 e o cm^2 .

- Descobrir as fórmulas para o cálculo das áreas do quadrado e do rectângulo.
- Calcular áreas de quadrados e de rectângulos utilizando a fórmula.
- Construir o decímetro cúbico a partir do decímetro quadrado.
- Projectar a construção do metro cúbico.
- Medir a capacidade de recipientes.
- Relacionar as unidades de medida de capacidade.
kl, hl, dal, l, dl, cl, ml.
- Determinar massas em balanças de vários tipos.
- Relacionar as unidades de medida de massa:
kg, hg, dag, g, dg, cg, mg.
- Construir um esquema de referência de forma a realçar:
 - a relação entre duas unidades consecutivas dentro do mesmo sistema de medida;
 - a repetição dos prefixos dos múltiplos e submúltiplos em todos os sistemas.
- Fazer estimativas de medidas com base em unidades familiares.
- Comparar os resultados obtidos em medições que fez com os resultados obtidos pelos colegas.
- Utilizar instrumentos da vida corrente relacionados com o tempo: relógios, calendários, horários.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA EVANGÉLICA

PROGRAMA DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

"À DESCOPERTA DE UM MUNDO DIFERENTE"

OBJECTIVOS GERAIS:

1. Tomar consciência da existência de Deus.
2. Reconhecer a Criação como uma Obra inteligente e perfeita de Deus Criador.
3. Reconhecer o interesse de Deus na sua Criação.
4. Reconhecer o interesse e o Amor de Deus para com o ser humano.
5. Identificar a Bíblia como a expressão do pensamento e da vontade de Deus.
6. Conhecer a Bíblia na sua estrutura e conteúdo, em termos genéricos e adequados.
7. Compreender a actualidade da Bíblia, na problemática espiritual que ela descobre, e o seu impacto nos indivíduos e na sociedade, hoje e sempre.
8. Conhecer aspectos fundamentais da figura de Jesus Cristo, através da Bíblia: a Sua vida e a Sua Mensagem.
9. Conhecer os pontos básicos da sua Obra de Salvação como Filho de Deus e a dinâmica que Cristo desencadeia no Indivíduo, na Sociedade e no Mundo.

10. Conhecer os momentos mais importantes da História da Igreja Cristã, a começar no Livro dos Actos dos Apóstolos.
11. Reconhecer a importância da Família como núcleo fundamental da Sociedade e na qual o ser humano naturalmente se integra e valoriza.
12. Identificar algumas áreas fundamentais da responsabilidade do indivíduo para consigo mesmo e para com os outros, com base na liberdade e na dignidade do ser humano.
13. Identificar algumas áreas importantes em que o indivíduo tem responsabilidades para com a Sociedade.
14. Conhecer algumas personagens da Bíblia, particularmente crianças e jovens, como referência de valores básicos e reflexão sobre os comportamentos/attitudes do ser humano para com Deus, para consigo e para com os outros.
15. Compreender mensagens que expressem a atitude e/ou a relação de diversos tipos de pessoas com Deus.
16. Produzir mensagens que expressem a sua própria relação com Deus.
17. Identificar várias áreas de comportamentos e de serviços à comunidade e aos outros indivíduos, que expressem a sua relação com Deus.

1.ª Unidade Temática

A Bíblia — O que é a Bíblia? Que quer dizer “Palavra de Deus”?

Objectivos Específicos

- Constatar que Deus se exprime de várias formas acessíveis à mente humana.
- Identificar a Bíblia como uma das formas de expressão racionalizada de Deus e do Seu pensamento e vontade.
- Conhecer a história da formação e a estrutura da Bíblia.
- Verificar, de forma adequada, o papel, as vantagens e os riscos das traduções bíblicas.

Conteúdos

- Nós falamos. A Natureza também “fala”? Se sim, como? E quem a criou também se expressa? Como?
- O que é a Bíblia? Como posso constatar que ela é inspirada por Deus? (Evidências mais acessíveis).
- Como apareceu e se formou a Bíblia? (Nas suas linhas gerais). Porque está ela assim constituída?
- Em que língua e de que maneira falou Deus originalmente? (A problemática das traduções).

Sugestões de Actividades

- Reflexão com os alunos nesta 1.ª Unidade sobre a razão de ser desta disciplina, na Escola, em termos adequados ao grupo de educandos e abordagem sucinta dos seus objectivos e da sua temática.
- Recolha de sugestões sobre perguntas a fazer e actividades de estratégia para a obtenção de possíveis respostas.
- Recolha organizada de formas de expressão humana diversificadas e de formas como a Natureza também se expressa.
- Reflexão em conjunto ou em grupos sobre o que é a Bíblia e resposta às questões dos alunos sobre esse assunto.

- Leitura, em conjunto, de textos seleccionados da Bíblia, suportando a temática da Unidade.
- Uso do sistema de referências bíblicas, utilizando edições que as tenham.
- Memorização de alguns textos fundamentais.
- Uso de algumas obras de apoio e de consulta sobre a Bíblia, adequadas ao nível etário e ao desenvolvimento cognitivo dos alunos.
- Uso e elaboração, em grupos, de esquemas expondo a estrutura da Bíblia, eventualmente com utilização do computador.
- Projecção de filmes (em vídeo e outros), de diaporamas e de fotografias referentes à temática da Unidade.
- Elaboração de um álbum/*dossier* sobre a Bíblia, com arquivo organizado tematicamente, de imagens, desenhos, textos e outros documentos coligidos e elaborados pelos alunos.

2.ª Unidade Temática

Deus “Quem é Deus? Como posso conhecê-Lo?”

Objectivos Específicos

- Reconhecer a existência de Deus através de várias evidências.
- Conhecer o Pensamento de Deus para com o ser humano, expresso através da Bíblia.
- Conhecer o Plano de Deus de Salvação.
- Expor, em termos simples e adequados, o Plano de Deus e da Salvação.
- Conhecer as fases principais da história da formação da Igreja Cristã.
- Identificar a Criação como Obra de Deus que deve gerir com respeito, empenho e sabedoria.

Conteúdos

- Podemos ter evidências de que Deus existe? Quais? (Referências ao que está criado e à acção de Deus na vida humana).
- Qual é o plano de Deus revelado na Bíblia, para com o ser humano?
- A Salvação, o que é? Salvação de quê? Como e através de quem?
- Que pretende Deus da Igreja? Qual o futuro dela? (A Igreja e a Sociedade; a Igreja e a Eternidade com Deus).
- Que é o Tempo? E a Eternidade? (Abordagens muito simples e adequadas). Que quer dizer a expressão: “Deus é eterno”?
- O que é que se considera “Criação” de Deus? Porquê? Como devo respeitá-la e geri-la?

Sugestão de Actividades

- Reflexão e organização, por escrito, eventualmente ao computador, das evidências da existência de Deus (textos, imagens, desenhos, poesias, etc.).
- Estudo e elaboração de esquemas, com utilização do computador, pelos alunos, sobre o “Plano divino de Salvação”.

- Coleccionamento de imagens, de frases, de desenhos, de pequenas histórias, de ilustrações, etc., que tentem figurar e simbolizar o que é o Tempo e o que é a Eternidade, em termos muito simples.
- Reflexão e debate sobre a Igreja e o seu papel, presente e futuro.
- Utilização de programas informatizados sobre a Igreja: história, função, etc.

3.^a Unidade Temática

Jesus Cristo
“Quem foi Jesus Cristo?”
“Foi Salvador de quem? De quê? Porquê?”

Objectivos Específicos

- Conhecer a Pessoa de Jesus Cristo e a sua Mensagem, através da Bíblia.
- Reconhecer a importância da Mensagem de Jesus Cristo na História.
- Saber, em termos simples e genéricos, o significado de dois conceitos fundamentais: o Pecado e a Salvação.
- Saber qual o significado da Ressurreição de Cristo.
- Identificar algumas referências a Cristo no Velho Testamento.
- Reconhecer a importância da Mensagem de Jesus Cristo na sua vida pessoal, e através de si na sociedade.
- Identificar a segunda Vinda de Cristo como um facto vindouro importante para o futuro da Humanidade.

Conteúdos

- Como e o que é que podemos conhecer de Cristo e da sua Mensagem? Que confiança merecem os relatos evangélicos?
- Jesus Cristo foi importante na História da Humanidade após a sua vida. Como? Porquê?
- O que é o Pecado? O que é o Diabo? O que é a Salvação?
- Porque é que Cristo ressuscitou? Tinha mesmo de ressuscitar? Porquê?
- No Velho Testamento já se fala de Cristo? Como? Por quem? Em que situações?
- A Pessoa e a Mensagem de Jesus Cristo são necessárias para sabermos o que é que na vida tem valor e como devemos comportar-nos? Porquê? Como?
- Como se dará a 2.^a Vinda de Cristo? Porquê? Que se passará depois?

Sugestões de Actividades

- Pesquisa, em grupos, de textos na Bíblia, que apresentem, de forma sucinta e de fácil compreensão, os diversos pontos desta Unidade.
- Reflexão e debate sobre os textos encontrados.
- Pesquisa, em grupos de situações e de factos históricos que traduzam a importância de Cristo na História, seguida de reflexão e debate sobre os textos encontrados.
- Ordenamento cronológico, eventualmente ao computador, das situações e dos factos encontrados.
- Visionamento de filmes e documentários (em vídeo ou outros) sobre a temática desta Unidade.
- Utilização de programas informatizados, adequados ao nível etário dos educandos, sobre a Vida, Obra e Mensagem de Cristo.
- Leitura, comentada em grupo, na aula, de textos, contos, bandas desenhadas, desenhos, pinturas, etc., sobre Jesus Cristo, a sua Vida, Obra e Mensagem.
- Encenação, simples, de alguns momentos fulcrais da Vida de Cristo.
- Expressão, em cânticos ou coros, com letras sobre a Vida de Cristo.
- Confecção de desenhos e de bandas de desenhos sobre a Vida de Cristo.
- Elaboração de um álbum/*dossier* sobre Cristo, a sua Vida, Obra e Mensagem, coligindo textos, imagens, desenhos, bandas desenhadas, reproduções de pinturas e documentação histórica ou outra e organização temática desse material.

4.ª Unidade Temática

**O povo de Deus: Israel. A Igreja.
“Quem foram os judeus? O que é a Igreja?
Que importância isso tem?”**

Objectivos Específicos

- Conhecer sumariamente a História do povo judeu e o seu papel nos Planos de Deus.
- Conhecer sumariamente a História da Igreja Cristã.
- Saber qual é o papel da Igreja, para si e para a sociedade.
- Saber pôr em confronto o povo de Israel e o povo Cristão, segundo os Planos de Deus.
- Identificar a oposição entre ser uma criatura de Deus e ser filho de Deus.
- Saber a diferença entre o papel do Pastor e o de um Sacerdote.
- Explicar as razões da existência de várias Igrejas e Confissões.

Conteúdos

- Quem são os Judeus? Qual a sua história através da Bíblia?
- O que é a Igreja? O povo de Israel e a Igreja: que diferenças há? Porquê? O que é e para que serviu a Lei Judaica? Que pretendeu Deus dos Judeus? Que pretende Deus dos crentes Cristãos?
- A Igreja cristã é importante na Sociedade? Porquê? Em que áreas? De que formas?
- A Igreja foi importante na História da Humanidade?
- Qual o meu papel face à Igreja e, nela, para com a Sociedade e para com Deus?
- O que é ser crente? E ser filho de Deus? Há diferença entre ser criatura e ser filho de Deus?
- O que são os Pastores? Porque não são Sacerdotes ou vice-versa? Qual é a diferença?
- Porque é que há tantas Igrejas e tantas Confissões religiosas? Porque é que há Católicos e Protestantes? O que é que têm em comum e o que é

que têm de diferente? (genérica e adequadamente ao nível do cognitivo dos alunos e sem espírito de polémica).

Sugestões de Actividades

- Pesquisa, reflexão e debate subsequente, em grupos, sobre textos bíblicos fundamentais do povo de Israel.
- Pesquisa em meios de consulta, adequados ao nível cognitivo dos formandos, sobre a História da Igreja Cristã.
- Reflexão e debate em grupos, sobre o papel da Igreja, em termos adequados ao grupo de aprendedores/formandos, na sociedade e para com Deus, sobre o que é ser crente e sobre a estrutura da Igreja.
- Visionamento de filmes (em vídeo e outros), diaporamas e fotografias, sobre a temática desta Unidade.
- Utilização de programas informatizados sobre a Igreja, a sua história e o seu papel no mundo.
- Elaboração de um álbum/*dossier*, em grupos, com arquivo de documentação, imagens e outros materiais sobre o povo Judeu e a Igreja.
- Encenação de pequenos quadros sobre o povo de Israel e a Igreja.

5.ª Unidade Temática

O ser Humano, os Outros e a Família “É importante a Família? Porque há Homens e Mulheres? Pode viver-se sozinho?”

Objectivos Específicos

- Identificar a função da Família.
- Reconhecer o carácter de ser social do indivíduo.
- Identificar razões que explicam a maldade no mundo.
- Reconhecer o papel diferenciado e complementar do homem e da mulher.
- Reconhecer a importância de atitudes de solidariedade activa e empenhada.

Conteúdos

- O que é a Família? Se Deus criou o ser humano para estar acompanhado, em dependência e em solidariedade activa com outros, porque é ele tão egoísta? Porque há tantos conflitos? Porque há guerras?
- Está bem o Homem e a Mulher juntarem-se sem ser para constituírem uma Família? Porquê? Que diz a Bíblia sobre isso? Quais são as minhas obrigações para com a minha família? Que benefícios recebo eu dela?
- Que posso eu fazer para lutar contra tantos males que há à minha volta? De onde vêm esses males? O que é que leva, também, muita gente a praticar actos bons e a serem boas pessoas? Mas isso chega para uma relação perfeita com Deus?

Sugestões de Actividades

- Pesquisa e leitura, seguida de reflexão e debate, de textos bíblicos e não bíblicos, em prosa ou poéticos, postos em confronto, sobre a Família e do papel do Homem e da Mulher na Família.
- Pesquisa de exemplos paradigmáticos e acessíveis à compreensão dos formandos, actuais e do passado, sobre o papel do ser humano, Homem e Mulher, na Sociedade: acções meritórias de intervenção e de solidariedade, postas eventualmente em confronto com algumas outras de sentido negativo (confronto antitético), seguida de reflexão e debate.

- Visionamento de filmes, em vídeo ou outros, sobre figuras notáveis pela sua intervenção e acção na Sociedade, através da História.
- Utilização de programas informatizados sobre a temática da Família.
- Entoação de canções com textos de apelo à intervenção social e ao testemunho cristão activo, adequados ao nível etário e cognitivo dos educandos, com estudo prévio e debate sobre as respectivas letras.
- Elaboração de um álbum/*dossier*, com documentação em imagens, textos e demais material, sobre a temática desta Unidade, organizado por assuntos e temas.

BIBLIOGRAFIA

O Professor deve procurar a bibliografia que melhor possa apoiá-lo, a mais adequada às suas necessidades lectivas, pessoais e específicas.

As Acções de Formação da COMACEP que for frequentando procurarão informá-lo, actualizá-lo e propor-lhe pistas nesse domínio.

A maioria dos Institutos de Formação Bíblica e Teológica estão certamente à sua disposição para o ajudar. O contacto directo e os catálogos das Livrarias Evangélicas poderão ser-lhe úteis.

Um bom Dicionário Bíblico e um bom Comentário Bíblico são também instrumentos indispensáveis.

Propõem-se, entretanto, alguns títulos de livros e revistas.

- A BÍBLIA, nas diversas traduções, clássicas e em linguagem actualizada, (versões portuguesas e estrangeiras).
- O Catecismo de Heidelberg.
- A Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro.
- Programa de "Desenvolvimento Pessoal e Social", para o Ensino Básico e Secundário (ed. do M.E. e do I.N.E., s/d.).
- ANDRADE, Júlio Vaz de *Os Valores na Formação Pessoal e Social*. Texto Editora, 1992.
- BALCHIN, John *O que crêem os Cristãos*. Queluz Núcleo, 1984.
- FORD, Leroy *Planeamento do Ensino e Treinamento*. Rio de Janeiro, JUERP, 1991.
- GEISLER, Norman L., *Ética Cristã, Alternativas e Questões Contemporâneas*. Edição Vida, s/d.
- GRIGGS, Donald L. *Ensinando Professores a Ensinar*. São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, s/d.
- KNOWLES, Andrew *Cristianismo na Vida*. Queluz Núcleo, 1984.
A Descoberta da Fé. Idem.
A Descoberta da Oração. Idem.

Manuais da COMACEP para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica:

- REIS, Ana *As histórias do Nelinho.* Comissão para a Acção Educativa nas Escolas Públicas, Lisboa, 2001.
- RODRIGUES, Ana *Gasparinho meu amigo.* Comissão para a Acção Educativa nas Escolas Públicas, Lisboa, 2003

Esta bibliografia será actualizada posteriormente, pelo que todas as sugestões dos professores serão bem-vindas.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICO-MOTORA, MUSICAL, DRAMÁTICA E PLÁSTICA

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICO-MOTORA

- BELBENOIT, G. (1976) – *O desporto na escola, técnica de educação*. Lisboa: Editorial Estampa.
- BENTO, J. (1987) – *Desporto “matéria” de ensino*. Lisboa: Ed. Caminho.
- BENTO, J. (1987) – *Para uma formação desportivo-cultural na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CABRAL, A. (1987) – *Jogos Populares no Ensino*. Vila Real. Centro Cultural Regional de Vila Real.
- Desporto Escolar (1995) – *Expressão e Educação Físico-Motora*. Programa ilustrado do 1.º CEB.
- LABAN, R. (1987) – *Domínio do movimento*. S. Paulo: Summus.
- WIERTSEMA, H. (1993) – *Cem Jogos de Movimento*. Lisboa: Colecções Práticas Pedagógicas, Edições ASA.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL

- CORTEZ, Maria Ritta Ortigão Pinto (1994) – *Cancioneiro de Serpa*. Serpa: Ed. da Câmara Municipal de Serpa.
- GUERREIRO, Carlos; MORAIS, D.; CAIADO, J. P. (1978) – *Sons para construir*. Lisboa: Plátano Editora.
- KANER, Etta (1993) – *Ciências com sons*. Lisboa: Godiva Júnior.
- MARTINS, Maria de Lurdes (1991) – *A criança e a Música – O livro do professor*. Livros Horizonte.
- MARTINS, Maria de Lurdes (1991) – *Canções tradicionais infantis*. Lisboa: Livros Horizonte.
- UNICEF (1991) – *Canções tradicionais infantis*. Lisboa: Ed. OIKOS.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO DRAMÁTICA

- BEJA, F. & Outros (1995) – *Drama pois!* Lisboa: Porto Editora.
- BARRET, Gisele (1997) – *Teatro Educação*. Lisboa: ASA Editora.
- COSTA, I. A. & BAGANHA, F. (1989) – *O Fantoche que ajuda a crescer*. Lisboa: ASA Editora.
- FAURE, G. & LASCAR, S. (1982) – *O jogo dramático na Escola Primária*. Lisboa: Estampa.
- LEQUEEUX, P. (1977) – *A criança criadora de espectáculos*. Porto: Família 2000.
- LEENHART, P. (1979) – *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Estampa.
- MATOS, M. G. (1994) – *Corpo, movimento e Socialização*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- RINGAERT, J. P. (1981) – *O jogo dramático no Meio Escolar*. Coimbra: Centelha.
- SOUZA, A. (1986) – *Expressão Dramática*. Porto: Básica Editora.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA

- BANK-JENSEN, J. – *Vamos Brincar com Papel*. Plátano Editora.
- GLOTON, R. (1978) – *A actividade criadora da criança*. Lisboa: Estampa.
- GONÇALVES, E. (1991) – *A Arte descobre a criança*. Lisboa: Raiz Editora.
- MUNARI, Bruno. – *Fantasia, invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Colecção “Dimensões”, Editorial Presença.
- READ, H. (1982) – *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- SCHMITT-MENZEL, Isolde – *Tecelagem com Papel e Lã*. Colecção “Mãos à Obra”, Verbo Difusão.
- STERN, A. (1974) – *Aspectos e técnicas da pintura da criança*. Lisboa: Livros Horizonte.

ESTUDO DO MEIO

- DUARTE, A. (1993) – *Educação patrimonial – guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. Lisboa: Porto Editora.
- DUCAMP, J. (1997) – *Os direitos do homem contados às crianças*. Lisboa: Terramar.
- FERNANDES, J . A. (1985) – *Manual da educação ambiental*. Lisboa: CNA-GEPE.
- GOLD, C. (1995) – *Viagem pela ciência*. Lisboa: Gradiva.
- LEITE, E. & Outros (1990) – *Trabalho de projecto I e II*. Porto: Edições Afrontamento.
- ROLDÃO, M.^a C. (1995) – *O estudo do meio no 1.º ciclo: fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.
- SÁ, J. (1994) – *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das Ciências da Natureza*. Lisboa: Porto Editora.
- WILLIAMS, R. & Outros (1995) – *Ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.
- WOLLARD, K. & SOLOMON, D. (1995) – *Sabes porquê? O grande circo da Ciência*. Lisboa: Gradiva.

LÍNGUA PORTUGUESA

- CASTRO NEVES, M. & ALVES MARTINS, M. (1992) – *Materiais de Apoio aos Novos Programas: leitura e escrita, 1.º ano, 1.º ciclo*. Lisboa: Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário.
- CASTRO NEVES, M. & ALVES MARTINS, M. (1992) – *Materiais de Apoio aos Novos Programas: leitura e escrita, 2.º ano, 1.º ciclo*. Lisboa: Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário.
- CASTRO NEVES, M. & ALVES MARTINS, M. (1994) – *Descobrindo a Linguagem escrita: uma experiência de aprendizagem da leitura e escrita numa escola de intervenção prioritária*. Lisboa: Escolar Editora.
- JOLIBERT, J. (1991) – *Formar crianças Leitoras*. Porto: Edições ASA.
- JOLIBERT, J. (1994) – *Formando Crianças Escritoras*. Porto Alegre: Edições Afrontamento.
- NIZA, S. (Coord.) (1998) – *Da produção da escrita ao gosto pela leitura*. Lisboa: Ed. ME.

- PENNAC, D. (1993) – *Como um Romance*. Porto: Edições ASA.
- SMOLKA, A. (1991) – *A Criança na fase inicial da escrita*. S. Paulo: Cortez Editora.

MATEMÁTICA

- GUSMANN, M. (1990) – *Aventuras Matemáticas*. Lisboa: Colecção O prazer da Matemática.
- Institut National de Recherches Pédagogiques (1995) – *À descoberta dos números. Contar, cantar e calcular*. Lisboa: Edições ASA.
- National Council Teachers of Mathematics (1994) – *Normas Profissionais para o ensino da Matemática*. Lisboa: APM, IIE.
- PIRES, I. V. (1992) – *Sistema de Numeração*. ESE de Setúbal.
- PIRES, I. V. (1992) – *Resolução de Problemas e Operações Aritméticas*. ESE de Setúbal.
- PIRES, I. V. (1994) – *Matemática, Medições de Grandezas*. ESE de Setúbal.
- SÁ, A. J. & LEITE, F. M. (1994) – *Clube de Matemática, Aventura da Descoberta*. Colecção Práticas pedagógicas. Edições ASA.
- SERRAZINA, M. L. (1992) – *Ensino da Geometria*. ESE de Setúbal.
- VOLKER, H. (1980) – *Como ensinar Matemática*. Lisboa: Livros Horizonte.

PUBLICAÇÕES DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/DEB

- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1997). *Relatório do projecto de "reflexão participada sobre os currículos do ensino básico"*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1998). *Gestão flexível do currículo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *Gestão curricular no 1.º ciclo. Monodocência-coadjuvação*. Actas do “encontro de reflexão”, Viseu, 11-12 Dezembro, 2000. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *Reorganização curricular do ensino básico. Princípios, medidas e implicações*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *Gestão flexível do currículo. As escolas partilham experiências*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2001). *Curriculum nacional do ensino básico – competências essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (2002). *Gestão flexível do currículo. Reflexões de formadores e investigadores*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- ABRANTES, P., FIGUEIREDO, C. E SIMÃO, A. (1999). *Novas áreas curriculares*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- ABRANTES, P., SERRAZINA, I. E OLIVEIRA, I. (1999). *A matemática na educação básica*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- FÉLIX, N. (1998). *A história na educação básica*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- NIZA, S., coord. (1998). *Criar o gosto pela escrita – formação de professores*. Lisboa: Departamento da Educação Básica
- ROLDÃO, M. C. (1999). *Gestão curricular – fundamentos e práticas*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- SIM-SIM, I., DUARTE, I. E FERRAZ, M. J. (1997). *A língua materna na educação básica*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- V. A. A. (2002). *Avaliação das aprendizagens. Das concepções às práticas*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Nota: Sugere-se a consulta da bibliografia constante do «Curriculum Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais»

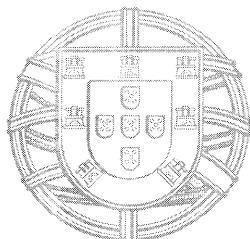
- **DECRETO-LEI N.º 6/2001 E DECLARAÇÃO
DE RECTIFICAÇÃO N.º 4-A/2001**
- **DECRETO-LEI N.º 209/2002**
- **DECRETO-LEI N.º 329/1998**

Quinta-feira, 18 de Janeiro de 2001

Número 15

I - A
SÉRIE

Esta I.ª Série do Diário da República é constituída pelas partes A e B



DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 6/2001:

Aprova a reorganização curricular do ensino básico . . . 258

reorganização assume particular relevo a consagração no currículo de três novas áreas curriculares não disciplinares, bem como a obrigatoriedade do ensino experimental das ciências, o aprofundamento da aprendizagem das línguas modernas, o desenvolvimento da educação artística e da educação para a cidadania e o reforço do núcleo central do currículo nos domínios da língua materna e da matemática.

A preparação desta intervenção legislativa de política educativa foi objecto de um longo e continuado trabalho com as escolas e com as comunidades educativas, de que se destaca o lançamento, no ano lectivo de 1996-1997, do projecto de reflexão participada sobre os currículos do ensino básico.

Realizado o diagnóstico, foram de imediato lançadas medidas de combate à exclusão no âmbito do ensino básico, nomeadamente os currículos alternativos, a constituição de territórios educativos de intervenção prioritária e os cursos de educação e formação profissional inicial.

Paralelamente, foram lançadas outras medidas com impacte directo na qualidade das aprendizagens e na vida das escolas, designadamente o Programa de Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar, concebido como primeira etapa da educação básica, e o novo regime de autonomia, administração e gestão das escolas, o qual, de forma inovadora, assumiu como condição estrutural a plena inclusão do 1.º ciclo.

De todo este processo foi emergindo a necessidade de ultrapassar uma visão de currículo como um conjunto de normas a cumprir de modo supostamente uniforme em todas as salas de aula e de ser apoiado, no contexto da crescente autonomia das escolas, o desenvolvimento de novas práticas de gestão curricular. Neste sentido, ensaiando as potencialidades de um novo desenho curricular, as escolas foram convidadas a apresentar projectos de gestão flexível do currículo.

As escolas envolvidas neste projecto têm vindo a construir processos de gestão curricular no quadro de uma flexibilidade que procura encontrar respostas adequadas aos alunos e aos contextos concretos em que os professores trabalham diariamente. Tais projectos têm considerado como pressuposto fundamental a assunção pelas escolas de uma maior capacidade de decisão relativamente ao desenvolvimento e gestão das diversas componentes do currículo e a uma maior articulação entre elas, bem como um acréscimo de responsabilidade na organização das ofertas educativas.

O Documento Orientador das Políticas para o Ensino Básico, publicado pelo Ministério da Educação em 1998, sintetizou os aspectos a considerar na reorganização curricular do ensino básico, sublinhando que a escola precisa de se assumir como um espaço privilegiado de educação para a cidadania e de integrar e articular, na sua oferta curricular, experiências de aprendizagem diversificadas, nomeadamente mais espaços de efectivo envolvimento dos alunos e actividades de apoio ao estudo.

Em consonância com estas perspectivas e como resultado da reflexão e dos debates realizados, assim como da experiência adquirida, importa reequacionar a organização curricular do ensino básico.

O presente decreto-lei estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional, entendido como o conjunto de aprendizagens e competências, integrando os conhecimentos, as capacidades,

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 6/2001

de 18 de Janeiro

O Programa do Governo assume como objectivo estratégico a garantia de uma educação de base para todos, entendendo-a como início de um processo de educação e formação ao longo da vida, objectivo que implica conceder uma particular atenção às situações de exclusão e desenvolver um trabalho de clarificação de exigências quanto às aprendizagens cruciais e aos modos como as mesmas se processam.

De entre as medidas identificadas para a concretização do objectivo referido assume especial relevância a que se refere à necessidade de proceder a uma reorganização do currículo do ensino básico, no sentido de reforçar a articulação entre os três ciclos que o compõem, quer no plano curricular quer na organização de processos de acompanhamento e indução que assegurem, sem perda das respectivas identidades e objectivos, uma maior qualidade das aprendizagens. Nesta

as atitudes e os valores, a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com os objectivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo para este nível de ensino.

No quadro do desenvolvimento da autonomia das escolas estabelece-se que as estratégias de desenvolvimento do currículo nacional, visando adequá-lo ao contexto de cada escola, deverão ser objecto de um projecto curricular de escola, concebido, aprovado e avaliado pelos respectivos órgãos de administração e gestão, o qual deverá ser desenvolvido, em função do contexto de cada turma, num projecto curricular de turma, concebido, aprovado e avaliado pelo professor titular de turma ou pelo conselho de turma, consoante os ciclos.

O diploma define os princípios orientadores a que deve obedecer a organização e gestão do currículo, nomeadamente a coerência e sequencialidade entre os três ciclos do ensino básico e a articulação destes com o ensino secundário, a integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem e a existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes, e estabelece os parâmetros a que deve obedecer a organização do ano escolar.

No âmbito da organização curricular do ensino básico, para além das áreas curriculares disciplinares, o diploma determina a criação de três áreas curriculares não disciplinares — área de projeto, estudo acompanhado e formação cívica.

O diploma consagra a educação para a cidadania, o domínio da língua portuguesa e a valorização da dimensão humana do trabalho, bem como a utilização das tecnologias de informação e comunicação como formações transdisciplinares, no âmbito do ensino básico, abordando de forma integrada a diversificação das ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, definindo um quadro flexível para o desenvolvimento de actividades de enriquecimento do currículo.

Especial relevância assumem as disposições relativas à avaliação das aprendizagens, entendida como um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelos alunos ao longo do ensino básico, bem como à avaliação do desenvolvimento do currículo nacional.

Foi ouvido o Conselho Nacional de Educação.

Foram ouvidos os órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas.

Foram observados os procedimentos decorrentes da Lei n.º 23/98, de 26 de Maio.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido na alínea e) do n.º 1 do artigo 59.º da Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, na redacção que lhe foi dada pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

CAPÍTULO I

Princípios gerais

Artigo 1.º

Objecto e âmbito

1 — O presente diploma estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do

ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional.

2 — Os princípios orientadores definidos no presente diploma aplicam-se às demais ofertas formativas relativas ao ensino básico, no âmbito do sistema educativo.

Artigo 2.º

Curriculum

1 — Para efeitos do disposto no presente diploma, entende-se por currículo nacional o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos ao longo do ensino básico, de acordo com os objectivos consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo para este nível de ensino, expresso em orientações aprovadas pelo Ministro da Educação, tomando por referência os desenhos curriculares anexos ao presente decreto-lei.

2 — As orientações a que se refere o número anterior definem ainda o conjunto de competências consideradas essenciais e estruturantes no âmbito do desenvolvimento do currículo nacional, para cada um dos ciclos do ensino básico, o perfil de competências terminais deste nível de ensino, bem como os tipos de experiências educativas que devem ser proporcionadas a todos os alunos.

3 — As estratégias de desenvolvimento do currículo nacional, visando adequá-lo ao contexto de cada escola, são objecto de um projecto curricular de escola, concebido, aprovado e avaliado pelos respectivos órgãos de administração e gestão.

4 — As estratégias de concretização e desenvolvimento do currículo nacional e do projecto curricular de escola, visando adequá-los ao contexto de cada turma, são objecto de um projecto curricular de turma, concebido, aprovado e avaliado pelo professor titular de turma, em articulação com o conselho de docentes, ou pelo conselho de turma, consoante os ciclos.

Artigo 3.º

Princípios orientadores

A organização e a gestão do currículo subordinam-se aos seguintes princípios orientadores:

- a) Coerência e sequencialidade entre os três ciclos do ensino básico e articulação destes com o ensino secundário;
- b) Integração do currículo e da avaliação, assegurando que esta constitua o elemento regulador do ensino e da aprendizagem;
- c) Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes;
- d) Integração, com carácter transversal, da educação para a cidadania em todas as áreas curriculares;
- e) Valorização das aprendizagens experimentais nas diferentes áreas e disciplinas, em particular, e com carácter obrigatório, no ensino das ciências, promovendo a integração das dimensões teórica e prática;
- f) Racionalização da carga horária lectiva semanal dos alunos;
- g) Reconhecimento da autonomia da escola no sentido da definição de um projecto de desenvolvimento do currículo adequado ao seu con-

- texto e integrado no respectivo projecto educativo;
- h)* Valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e actividades de aprendizagem, em particular com recurso a tecnologias de informação e comunicação, visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspectiva de formação ao longo da vida;
 - i)* Diversidade de ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, por forma a assegurar que todos possam desenvolver as competências essenciais e estruturantes definidas para cada um dos ciclos e concluir a escolaridade obrigatória.

Artigo 4.º

Organização do ano escolar

1 — O ano escolar é entendido como o período compreendido entre o dia 1 de Setembro de cada ano e o dia 31 de Agosto do ano seguinte.

2 — O ano lectivo corresponde a um mínimo de 180 dias efectivos de actividades escolares.

3 — O calendário escolar anual é definido por despacho do Ministro da Educação, ouvidos os parceiros educativos.

CAPÍTULO II

Organização e gestão do currículo nacional

Artigo 5.º

Organização

1 — São aprovados os desenhos curriculares dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico constantes dos anexos I, II e III ao presente diploma e do qual fazem parte integrante.

2 — Os desenhos curriculares dos três ciclos do ensino básico integram áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, bem como, nos 2.º e 3.º ciclos, a carga horária semanal de cada uma delas.

3 — Para efeito do número anterior, consideram-se as seguintes áreas curriculares não disciplinares:

- a)* Área de projeto, visando a concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos;
- b)* Estudo acompanhado, visando a aquisição de competências que permitam a apropriação pelos alunos de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens;
- c)* Formação cívica, espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.

4 — O desenvolvimento das áreas curriculares não disciplinares assume especificidades próprias, de acordo com as características de cada ciclo, sendo da responsabilidade do professor titular de turma, no caso do 1.º ciclo, e do conselho de turma, no caso dos 2.º e 3.º ciclos.

5 — As escolas, no âmbito da sua autonomia, devem desenvolver outros projectos e actividades que contribuam para a formação pessoal e social dos alunos, nas quais se inclui, nos termos da Constituição e da lei, a Educação Moral e Religiosa, de frequência facultativa.

6 — As orientações para as diversas áreas curriculares dos três ciclos do ensino básico, incluindo os conteúdos programáticos das áreas disciplinares, são homologadas por despacho do Ministro da Educação.

7 — No respeito pelos limites constantes dos desenhos curriculares a que se refere o n.º 1 do presente artigo, compete à escola, no desenvolvimento da sua autonomia e no âmbito do seu projecto curricular, definir as cargas horárias a atribuir às diversas componentes do currículo.

Artigo 6.º

Formações transdisciplinares

1 — A educação para a cidadania bem como a valorização da língua portuguesa e da dimensão humana do trabalho constituem formações transdisciplinares, no âmbito do ensino básico.

2 — Constitui ainda formação transdisciplinar de carácter instrumental a utilização das tecnologias de informação e comunicação, a qual deverá conduzir, no âmbito da escolaridade obrigatória, a uma certificação da aquisição das competências básicas neste domínio.

Artigo 7.º

Línguas estrangeiras

1 — As escolas do 1.º ciclo podem, de acordo com os recursos disponíveis, proporcionar a iniciação a uma língua estrangeira, com ênfase na sua expressão oral.

2 — A aprendizagem de uma língua estrangeira inicia-se obrigatoriamente no 2.º ciclo e prolonga-se no 3.º ciclo, de modo a proporcionar aos alunos o domínio da língua num crescendo de adequação e fluência.

3 — A aprendizagem de uma segunda língua estrangeira é obrigatória no 3.º ciclo.

Artigo 8.º

Língua portuguesa como segunda língua

As escolas devem proporcionar actividades curriculares específicas para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não seja o português.

Artigo 9.º

Actividades de enriquecimento do currículo

As escolas, no desenvolvimento do seu projecto educativo, devem proporcionar aos alunos actividades de enriquecimento do currículo, de carácter facultativo e de natureza eminentemente lúdica e cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação.

Artigo 10.º

Educação especial

1 — Aos alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente é oferecida a modalidade de educação especial.

2 — Para efeitos do presente diploma, consideram-se alunos com necessidades educativas especiais de carácter permanente os alunos que apresentem incapacidade ou incapacidades que se reflectam numa ou mais áreas de realização de aprendizagens, resultantes de deficiências de ordem sensorial, motora ou mental, de perturbações da fala e da linguagem, de perturbações graves da personalidade ou do comportamento ou graves problemas de saúde.

3 — O disposto nos números anteriores é objecto de regulamentação própria.

Artigo 11.º

Diversificação das ofertas curriculares

1 — Visando assegurar o cumprimento da escolaridade obrigatória e combater a exclusão, as escolas dispõem de dispositivos de organização e gestão do currículo, destinados especialmente a alunos que revelem insucesso escolar repetido ou problemas de integração na comunidade educativa, os quais, para além da formação escolar, podem conferir um certificado de qualificação profissional.

2 — Compete às escolas, no desenvolvimento da sua autonomia e no âmbito do seu projecto educativo, conceber, propor e gerir outras medidas específicas de diversificação da oferta curricular.

3 — As orientações relativas à diversificação das ofertas curriculares constam de despacho do Ministro da Educação ou de despacho conjunto dos Ministros da Educação e do Trabalho e da Solidariedade quando, para além da certificação escolar, confiram um certificado de qualificação profissional.

CAPÍTULO III

Avaliação

Artigo 12.º

Avaliação das aprendizagens

1 — A avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico.

2 — Na avaliação das aprendizagens dos alunos intervêm todos os professores envolvidos, assumindo particular responsabilidade neste processo o professor titular de turma, no 1.º ciclo, e os professores que integram o conselho de turma, nos 2.º e 3.º ciclos.

3 — A escola deve assegurar a participação dos alunos e dos pais e encarregados de educação no processo de avaliação das aprendizagens, em condições a estabelecer no respectivo regulamento interno.

4 — Podem, ainda, ter intervenção no processo de avaliação das aprendizagens dos alunos os serviços especializados de apoio educativo, os órgãos de administração e gestão da escola ou do agrupamento de escolas, bem como outras entidades, nomeadamente serviços centrais e regionais da administração da educação, de

acordo com o disposto na lei e no regulamento interno da escola.

5 — No âmbito da sua autonomia, compete à escola, em articulação com os serviços centrais e regionais da administração da educação, desenvolver e divulgar instrumentos de informação para os alunos, pais e encarregados de educação e demais elementos da comunidade educativa.

6 — As medidas de desenvolvimento do disposto no presente diploma em matéria de avaliação das aprendizagens dos alunos são aprovadas por despacho do Ministro da Educação.

Artigo 13.º

Modalidades

1 — A avaliação das aprendizagens compreende as modalidades de avaliação diagnóstica, de avaliação formativa e de avaliação sumativa.

2 — A avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade, devendo articular-se com estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional.

3 — A avaliação formativa assume caráter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, adequados à diversidade das aprendizagens e aos contextos em que ocorrem, tendo como uma das funções principais a regulação do ensino e da aprendizagem.

4 — A avaliação sumativa realiza-se no final de cada período lectivo, utiliza a informação recolhida no âmbito da avaliação formativa e traduz-se na formulação de um juízo globalizante sobre as aprendizagens realizadas pelos alunos.

5 — No 1.º ciclo do ensino básico, a avaliação sumativa exprime-se de forma descriptiva, incidindo sobre as diferentes áreas curriculares.

6 — Nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, a avaliação sumativa exprime-se numa escala de 1 a 5 nas áreas curriculares disciplinares, assumindo formas de expressão qualitativa nas áreas curriculares não disciplinares.

Artigo 14.º

Efeitos da avaliação

1 — A evolução do processo educativo dos alunos no ensino básico assume uma lógica de ciclo, progredindo ao ciclo imediato o aluno que tenha desenvolvido as competências a que se refere o n.º 2 do artigo 2.º do presente diploma.

2 — Em situações de não realização das aprendizagens definidas no projecto curricular de turma para um ano não terminal de ciclo que, fundamentalmente, comprometam o desenvolvimento das competências definidas para um ciclo de escolaridade, o professor titular de turma, no 1.º ciclo, ouvidos os competentes conselhos de docentes, ou o conselho de turma, nos 2.º e 3.º ciclos, poderá determinar a retenção do aluno no mesmo ano de escolaridade, excepto no caso do 1.º ano de escolaridade.

3 — Em situações de retenção, compete ao professor titular de turma, no 1.º ciclo, e ao conselho de turma, nos 2.º e 3.º ciclos, identificar as aprendizagens não realizadas pelo aluno, as quais devem ser tomadas em

consideração na elaboração do projecto curricular da turma em que o referido aluno venha a ser integrado no ano escolar subsequente.

Artigo 15.º

Conclusão e certificação do ensino básico

1 — Aos alunos que concluem com aproveitamento o ensino básico é passado o diploma do ensino básico pelo órgão de direcção executiva da respectiva escola.

2 — A requerimento dos interessados, podem, ainda, ser emitidas, pelo órgão de direcção executiva da escola, em qualquer momento do percurso escolar do aluno, certidões das habilitações adquiridas, as quais podem discriminar as disciplinas e áreas curriculares não disciplinares concluídas e respectivos resultados de avaliação.

Artigo 16.º

Avaliação do desenvolvimento do currículo nacional

O desenvolvimento do currículo nacional, bem como a aquisição pelos alunos das competências essenciais e estruturantes nos diversos ciclos do ensino básico, é objecto de avaliação, recorrendo a uma diversidade de técnicas e de instrumentos.

Artigo 17.º

Provas nacionais de aferição

1 — As provas nacionais de aferição constituem um dos instrumentos de avaliação do desenvolvimento do currículo nacional e destinam-se a fornecer informação relevante aos professores, às escolas e à administração educativa, não produzindo efeitos na progressão escolar dos alunos.

2 — O enquadramento do processo de realização das provas nacionais de aferição é objecto de despacho do Ministro da Educação, sendo a sua realização da responsabilidade de serviços centrais do Ministério da Educação.

CAPÍTULO IV

Disposições finais e transitórias

Artigo 18.º

Formação de professores

1 — Na organização dos cursos de formação inicial de professores do ensino básico são respeitados os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo do ensino básico constantes do presente diploma, de acordo com os perfis de qualificação para a docência decorrentes do disposto na Lei de Bases do Sistema Educativo.

2 — A organização de acções de formação contínua de professores deve tomar em consideração as necessidades reais de cada contexto escolar, nomeadamente através da utilização de modalidades de formação centradas na escola e nas práticas profissionais, e dar uma particular atenção às áreas curriculares não disciplinares.

3 — A organização de acções de formação especializada de professores deve dar uma particular atenção às áreas de desenvolvimento curricular, de supervisão pedagógica e de orientação educativa.

Artigo 19.º

Grupos de docência e distribuição de serviço

1 — Por portaria do Ministro da Educação são reorganizados os grupos de docência, por forma a corresponder aos princípios orientadores da organização e da gestão do currículo constantes do presente diploma.

2 — Até à publicação da portaria a que se refere o número anterior, a distribuição de serviço aos docentes em cada escola deve obedecer a uma lógica de gestão integrada de recursos humanos, no respeito pelos princípios orientadores da organização e da gestão do currículo constantes do presente diploma.

3 — A adequação da componente lectiva dos docentes à nova organização da carga horária dos alunos, de acordo com o previsto nos anexos II e III ao presente diploma, é definida por despacho do Ministro da Educação, no respeito pelo disposto no artigo 77.º do Estatuto da Carreira Docente, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 139-A/90, de 28 de Abril, na redacção que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 1/98, de 2 de Janeiro.

Artigo 20.º

Produção de efeitos

1 — O presente diploma produz efeitos no ano lectivo de 2001-2002 no que respeita a todos os anos de escolaridade dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico.

2 — O presente diploma produz efeitos a partir do ano lectivo de:

- a) 2002-2003 no que respeita ao 7.º ano de escolaridade;
- b) 2003-2004 no que respeita ao 8.º ano de escolaridade;
- c) 2004-2005 no que respeita ao 9.º ano de escolaridade.

3 — Os mecanismos de transição para os desenhos curriculares aprovados pelo presente diploma são definidos por despacho do Ministro da Educação.

Artigo 21.º

Norma revogatória

É revogado o Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto, em tudo o que se refere ao ensino básico, de acordo com a calendarização definida no artigo anterior.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 2 de Novembro de 2000. — Jorge Paulo Sacadura Almeida Coelho — Guilherme d’Oliveira Martins — Joaquim Augusto Nunes Pina Moura — Eduardo Luís Barreto Ferro Rodrigues — Augusto Ernesto Santos Silva — Alberto de Sousa Martins.

Promulgado em 6 de Janeiro de 2001.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendado em 11 de Janeiro de 2001.

O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres.

ANEXO

1.º ciclo

Componentes do currículo

Educação para a cidadania	Áreas curriculares disciplinares:
	Língua Portuguesa. Matemática. Estudo do Meio. Expressões: Artísticas; Físico-motoras.
	Formação pessoal e social
	Áreas curriculares não disciplinares (a): Área do projecto. Estudo acompanhado. Formação cívica.
	<i>Total: 25 horas.</i>
	Educação Moral e Religiosa (b).
	Actividades de enriquecimento (c).

(a) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação e constar explicitamente do projecto curricular de turma.

(b) Área curricular disciplinar de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º

(c) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º, incluindo uma possível iniciação a uma língua estrangeira, nos termos do n.º 1 do artigo 7.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas, nomeadamente no ensino das ciências.

ANEXO II

2.º ciclo

Componentes do currículo

Carga horária semanal ($\times 90$ min.) (a)

	5.º ano	6.º ano	Total ciclo
Educação para a cidadania			
Áreas curriculares disciplinares: Línguas e Estudos Sociais	5	5,5	10,5
Língua Portuguesa. Língua Estrangeira. História e Geografia de Portugal.			
Matemática e Ciências	3,5	3,5	7
Matemática. Ciências da Natureza.			
Educação Artística e Tecnológica	3	3	6
Educação Visual e Tecnológica (b). Educação Musical.			
Educação Física	1,5	1,5	3
Formação pessoal e social			
Áreas curriculares não disciplinares (c)	3	2,5	5,5
Área de projecto. Estudo acompanhado. Formação cívica.			
Total	16	16	32
A decidir pela escola	0,5	0,5	1
Educação Moral e Religiosa (d)	0,5	0,5	1

Componentes do currículo			Carga horária semanal ($\times 90$ min.) (a)		
			5.º ano	6.º ano	Total ciclo
Educação para a cidadania	Formação pessoal e social	Máximo global	17	17	34
		Actividades de enriquecimento (e).			

(a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos, assumindo a sua distribuição por anos de escolaridade um carácter indicativo. Em situações justificadas, a escola poderá propor uma diferente organização de carga horária semanal dos alunos, devendo contudo respeitar os totais por área curricular e ciclo, assim como o máximo global indicado para cada ano de escolaridade.

(b) A lecionação de Educação Visual e Tecnológica estará a cargo de dois professores.

(c) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação e constar explicitamente do projeto curricular de turma. A área de projecto e o estudo acompanhado são assegurados por equipas de dois professores de turma, preferencialmente de áreas científicas diferentes.

(d) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º

(e) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

ANEXO III

3.º ciclo

Componentes do currículo			Carga horária semanal ($\times 90$ min.) (a)			
			7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total ciclo
Educação para a cidadania	Formação pessoal e social	Áreas curriculares disciplinares: Língua Portuguesa	2 3	2 2,5	2 2,5	6 8
		LE1. LE2.				
		Ciências Humanas e Sociais	2	2,5	2,5	7
		História. Geografia.				
		Matemática	2	2	2	6
		Ciências Físicas e Naturais	2	2	2,5	6,5
		Ciências Naturais. Físico-Química.				
		Educação Artística: Educação Visual	(c) 1	(c) 1	(d) 1,5	5,5
		Outra disciplina (oferta da escola) (b)				
		Educação Tecnológica	(c) 1	(c) 1		
		Educação Física	1,5	1,5	1,5	4,5
		Formação pessoal e social	Área curriculares não disciplinares (e)	2,5	2,5	7,5
			Áreas de projecto. Estudo acompanhado. Formação cívica.			
			Total	17	17	51
		A decidir pela escola	0,5	0,5	0,5	1,5
		Educação Moral e Religiosa (f)	0,5	0,5	0,5	1,5

Componentes do currículo		Carga horária semanal (x 90 min.) (a)			
		7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total ciclo
educação para a cidadania	Formação pessoal e social	Máximo global	18	18	18
		Actividades de enriquecimento (g).			54

(a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos, assumindo a sua distribuição por anos de escolaridade um carácter indicativo. Em situações justificadas, a escola poderá propor uma diferente organização de carga horária semanal dos alunos, devendo contudo respeitar os totais por área curricular e ciclo, assim como o máximo global indicado para cada ano de escolaridade.

(b) A escola deve oferecer outras disciplinas da área da Educação Artística (Educação Musical, Teatro, Dança, etc.).

(c) Nos anos 8.º e 9.º os alunos têm i) Educação Visual ao longo do ano lectivo e ii), numa organização equitativa ao longo de cada ano, uma outra disciplina da área da Educação Artística ou Técnica.

(d) No 9.º ano os alunos escolhem livremente uma única disciplina, entre as ofertas da escola nos domínios artístico e tecnológico.

(e) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação e constar explicitamente do projecto curricular de turma. A área de projeto e o estudo acompanhado são assegurados por uma equipa de dois professores da turma, preferencialmente com formação complementar.

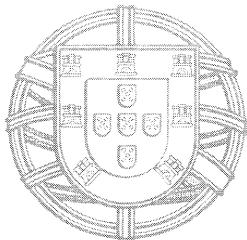
(f) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º

(g) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

Quarta-feira, 28 de Fevereiro de 2001

Número 50
2º SUPLEMENTO



I-A
SÉRIE

DIÁRIO DA REPÚBLICA

2.º SUPLEMENTO

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Declaração de Rectificação n.º 4-A/2001:

De ter sido rectificado o Decreto-Lei n.º 6/2001, do Ministério da Educação, que aprova a reorganização curricular do ensino básico, publicado no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 15, de 18 de Janeiro de 2001

1122-(4)

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Declaração de Rectificação n.º 4-A/2001

Para os devidos efeitos se declara que o Decreto-Lei n.º 6/2001, publicado no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 15, de 18 de Janeiro de 2001, cujo original se encontra arquivado nesta Secretaria-Geral, saiu com as seguintes inexactidões, que assim se rectificam:

No quinto parágrafo do preâmbulo, onde se lê «concebido» deve ler-se «concebida».

Os anexos n.ºs 1, 2 e 3 saíram com inexactidões, pelo que se procede de novo à sua publicação:

ANEXO I

1.º Ciclo

Componentes do currículo

<i>Educação para a cidadania</i> <i>Formação Pessoal e Social</i>	Áreas curriculares disciplinares Lingua Portuguesa Matemática Estudo do Meio Expressões - artísticas - físi-co-motoras
	Áreas curriculares não disciplinares^a Área de Projecto Estudo Acompanhado Formação Cívica
	Total: 25 horas
	Educação Moral e Religiosa^b
	Actividades de enriquecimento^c

— O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas, nomeadamente no ensino das ciências.

^a Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação e constar explicitamente do projecto curricular de turma.

^b Área curricular disciplinar de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º.

^c Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º, incluindo uma possível iniciação a uma língua estrangeira, nos termos do n.º 1 do artigo 7.º.

ANEXO II

2.º Ciclo

Componentes do currículo		Carga horária semanal (x 90 min.) ^a		
		5.º ano	6.º ano	Total ciclo
<i>Educação para a cidadania</i>	Áreas curriculares disciplinares			
	Línguas e Estudos Sociais	5	5,5	10,5
	Língua Portuguesa			
	Língua Estrangeira			
	História e Geografia de Portugal			
	Matemática e Ciências	3,5	3,5	7
	Matemática			
	Ciências da Natureza			
	Educação Artística e Tecnológica	3	3	6
	Educação Visual e Tecnológica ^b			
<i>Formação Pessoal e Social</i>	Educação Musical			
	Educação Física	1,5	1,5	3
	Áreas curriculares não disciplinares^c	3	2,5	5,5
	Área de Projecto			
	Estudo Acompanhado			
	Formação Cívica			
	total	16	16	32
	a decidir pela escola	0,5	0,5	1
	Educação Moral e Religiosa^d	0,5	0,5	1
	Máximo global	17	17	34
Actividades de enriquecimento^e				

— O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

^a A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos, assumindo a sua distribuição por anos de escolaridade um carácter indicativo.

Em situações justificadas, a escola poderá propor uma diferente organização da carga horária semanal dos alunos, devendo contudo respeitar os totais por área curricular e ciclo, assim como o máximo global indicado para cada ano de escolaridade.

^b A lecionação de Educação Visual e Tecnológica estará a cargo de dois professores.

^c Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação e constar explicitamente do projecto curricular de turma. A área de projecto e o estudo acompanhado são assegurados por equipas de dois professores da turma, preferencialmente de áreas científicas diferentes.

^d Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º.

^e Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º.

ANEXO III

3.º Ciclo

		Carga horária semanal (x 90 min.) ^a			
Componentes do currículo		7º ano	8º ano	9º ano	Total ciclo
<i>Educação para a Cidadania</i>	Áreas curriculares disciplinares				
	Língua Portuguesa	2	2	2	6
	Línguas Estrangeiras	3	2,5	2,5	8
	LE1				
	LE2				
	Ciências Humanas e Sociais	2	2,5	2,5	7
	História				
	Geografia				
	Matemática	2	2	2	6
	Ciências Físicas e Naturais	2	2	2,5	6,5
	Ciências Naturais				
	Físico-Química				
<i>Formação Pessoal e Social</i>	Educação Artística				
	Educação Visual	1 ^c	1 ^c		
	outra disciplina (oferta da escola) ^b	1 ^c	1 ^c	1,5 ^o	5,5
	Educação Tecnológica				
	Educação Física	1,5	1,5	1,5	4,5
	Áreas curriculares não disciplinares^e	2,5	2,5	2,5	7,5
	Área de Projecto				
	Estudo Acompanhado				
	Formação Cívica				
	total	17	17	17	51
	a decidir pela escola	0,5	0,5	0,5	1,5
	Educação Moral e Religiosa	0,5	0,5	0,5	1,5
	Máximo global	18	18	18	54
	Actividades de enriquecimento^g				

— O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

^a A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos, assumindo a sua distribuição por anos de escolaridade um carácter indicativo.

Em situações justificadas, a escola poderá propor uma diferente organização da carga horária semanal dos alunos, devendo contudo respeitar os totais por área curricular e ciclo, assim como o máximo global indicado para cada ano de escolaridade.

^b A escola deve oferecer outras disciplinas da área da Educação Artística (Educação Musical, Teatro, Dança, etc.).

^c Nos 7.º e 8.º anos, os alunos têm (i) Educação Visual ao longo do ano lectivo e (ii), numa organização equitativa ao longo de cada ano, uma outra disciplina da área da Educação Artística e Educação Tecnológica.

^d No 9.º ano, os alunos escolhem livremente uma única disciplina, entre as ofertas da escola nos domínios artístico e tecnológico.

^e Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação e constar explicitamente do projecto curricular de turma. A área de projecto e o estudo acompanhado são assegurados por uma equipa de dois professores da turma, preferencialmente de áreas científicas diferentes.

^f Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5º

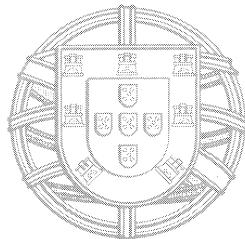
^g Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º

Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, 28 de Fevereiro de 2001. — O Secretário-Geral, *Alexandre Figueiredo*.

Quinta-feira, 17 de Outubro de 2002

Número 240

I - A
SÉRIE



Esta 1.ª série do Diário da República é apenas constituída pela parte A

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 209/2002:

Altera o artigo 13.º e os anexos I, II e III do Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, que estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional	6807
--	------

Decreto-Lei n.º 209/2002

de 17 de Outubro

O Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, rectificado pela Declaração de Rectificação n.º 4-A/2001, de 28 de Fevereiro, aprovou a organização curricular do ensino básico, estabelecendo os princípios orientadores da organização e da gestão curricular desse nível de ensino, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional.

Nos termos do referido diploma, foram aprovados os desenhos curriculares dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, constantes dos anexos I, II e III, os quais integram áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, bem como, nos 2.º e 3.º ciclos, a carga horária semanal de cada uma delas.

Sendo uma preocupação do Governo rentabilizar os recursos existentes nas escolas, introduzir a avaliação

sumativa externa, as tecnologias de informação e comunicação como área curricular disciplinar, bem como classificar as orientações constantes nas matrizes curriculares de forma a conferir-lhes um melhor equilíbrio pedagógico, torna-se necessária a alteração do artigo 13.º e dos anexos I, II e III do referido diploma.

Foram ouvidos os órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas.

Foi ouvido o Conselho Nacional de Educação.

Assim:

No desenvolvimento do regime jurídico estabelecido na alínea e) do n.º 1 do artigo 59.º da Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, na redacção que lhe foi dada pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Alteração ao artigo 13.º

O artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, passa a ter a seguinte redacção:

«Artigo 13.º

Modalidades

- 1 —
2 —
3 —

4 — A avaliação sumativa traduz-se na formulação de um juízo globalizante sobre as aprendizagens realizadas pelos alunos, tendo como funções principais o apoio ao processo educativo e a sua certificação, e inclui:

- a) A avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e da escola, que se realiza no final de cada período lectivo utilizando a informação recolhida no âmbito da avaliação formativa;
- b) A avaliação sumativa externa, da responsabilidade dos serviços centrais do Ministério da Educação, que compreende a realização de exames nacionais no 9.º ano, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

5 — No 1.º ciclo do ensino básico, a avaliação sumativa interna exprime-se de forma descriptiva, incidindo sobre as diferentes áreas curriculares.

6 — Nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, a avaliação sumativa interna exprime-se numa escala de 1 a 5 nas áreas curriculares disciplinares, assumindo formas de expressão qualitativa nas áreas curriculares não disciplinares.

7 — No 3.º ciclo do ensino básico, a avaliação sumativa externa é feita nos termos previstos no n.º 4, alínea b).»

Artigo 2.º

Aditamento

É aditado ao Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, o seguinte artigo:

«Artigo 19.º-A

Regiões Autónomas

A aplicação do presente diploma às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira faz-se sem prejuízo das competências dos órgãos de governo próprio em matéria de educação.»

Artigo 3.º

Alteração aos anexos I, II e III

Os anexos I, II e III do Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, passam a ter a redacção constante dos anexos ao presente diploma, que dele fazem parte integrante.

Artigo 4.º

Entrada em vigor

O presente diploma entra em vigor no dia imediatamente a seguir ao da sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 1 de Agosto de 2002. — José Manuel Durão Barroso — Maria Manuela Dias Ferreira Leite — José David Gomes Justino — António José de Castro Bagão Félix.

Promulgado em 25 de Setembro de 2002.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendado em 4 de Outubro de 2002.

O Primeiro-Ministro, José Manuel Durão Barroso.

ANEXO I

1.º ciclo

Componentes do currículo

educação para a Cidadania	Áreas curriculares disciplinares de frequência obrigatória: Língua Portuguesa; Matemática; Estudo do Meio; Expressões: Artísticas; Físico-motoras.
Formação Pessoal e Social	Áreas curriculares não disciplinares (a): Área de projecto; Estudo acompanhado; Formação cívica. Total: 25 horas.

Componentes do currículo			
Educação para a Cidadania	Formação Pessoal e Social	Área curricular disciplinar de frequência facultativa (b):	
		Educação Moral e Religiosa (b).	
			Total: 1 hora.
			Total: 26 horas.
Actividades de enriquecimento (c).			

(a) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular de turma.
 (b) Nos termos do n.º 5 do artigo 5.º
 (c) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º, incluindo uma possível iniciação a uma língua estrangeira, nos termos do n.º 1 do artigo 7.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas, nomeadamente no ensino das ciências.

ANEXO II

2.º ciclo

Componentes do currículo		Carga horária semanal (x 90 min.) (a)		
		5.º ano	6.º ano	Total ciclo
Educação para a Cidadania	Áreas curriculares disciplinares: Línguas e Estudos Sociais	5	5,5	10,5
	Língua Portuguesa; Língua Estrangeira; História e Geografia de Portugal.			
	Matemática e Ciências	3,5	3,5	7
	Matemática; Ciências da Natureza.			
	Educação Artística e Tecnológica	3	3	6
	Educação Visual e Tecnológica (b); Educação Musical.			
	Educação Física	1,5	1,5	3
	Formação Pessoal e Social	Educação Moral e Religiosa (c)	0,5	0,5
		Áreas curriculares não disciplinares (d)	3	2,5
		Área de Projecto; Estudo Acompanhado; Formação Cívica.		5,5
		Total	16 (16,5)	16 (16,5) 32 (33)
		A decidir pela escola	0,5	0,5 1
		Máximo global	17	17 34
		Actividades de enriquecimento (e).		

(a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos, assumindo a sua distribuição por anos de escolaridade um carácter indicativo. Em situações justificadas, a escola poderá adoptar uma diferente organização da carga horária semanal dos alunos, devendo contudo respeitar os totais por área curricular e ciclo, assim como o número de horas destinadas a cada ano de escolaridade.

(b) A lecionação de Educação Visual e Tecnológica estará a cargo de dois professores.

(c) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º

(d) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e da comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular de turma. A área de projecto e o estudo acompanhado são assegurados por equipas de dois professores da turma, preferencialmente de áreas científicas diferentes.

(e) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

ANEXO III

3.º ciclo

Componentes do currículo	Carga horária semanal ($\times 90$ min.) (a)			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total ciclo
Educação para a Cidadania.				
Áreas curriculares disciplinares:				
Língua Portuguesa	2	2	2	6
Línguas Estrangeiras	3	2,5	2,5	8
LE1;				
LE2.				
Ciências Humanas e Sociais	2	2,5	2,5	7
História; Geografia.				
Matemática	2	2	2	6
Ciências Físicas e Naturais	2	2	2,5	6,5
Ciências Naturais; Físico-Química.				
Educação Artística:				
Educação Visual	(c) 1	(c) 1		
Outra disciplina (oferta da escola) (b)			(d) 1,5	5,5
(c) 1	(c) 1			
Educação Tecnológica				
Educação Física	1,5	1,5	1,5	4,5
Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação			1	1
Formação Pessoal e Social.				
Educação Moral e Religiosa (e)	0,5	0,5	0,5	1,5
Áreas curriculares não disciplinares (f)	2,5	2,5	2	7
Área de Projecto; Estudo Acompanhado; Formação Cívica.				
Total	17 (17,5)	17 (17,5)	17,5 (18)	51,5(53)
A decidir pela escola	0,5	0,5		1
Máximo global	18	18	18	54
Actividades de enriquecimento (g).				

(a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90 minutos.

(b) A escola poderá oferecer outra disciplina da área da Educação Artística (Educação Musical, Teatro, Dança, etc.) se, no seu quadro docente, existirem professores para a sua docência.

(c) Nos 7.º e 8.º anos, os alunos têm: i) Educação Visual ao longo do ano lectivo; e ii) numa organização equitativa com a Educação Tecnológica, ao longo de cada ano lectivo, uma outra disciplina da área da Educação Artística. No caso de a escola não oferecer uma outra disciplina, a Educação Tecnológica terá uma carga horária igual à disciplina de Educação Visual.

(d) No 9.º ano, do conjunto das disciplinas que integram os domínios artístico e tecnológico, os alunos escolhem uma única disciplina das que frequentaram nos 7.º e 8.º anos.

(e) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do n.º 5 do artigo 5.º

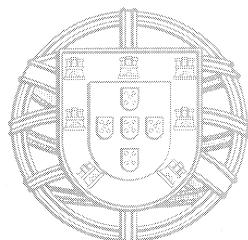
(f) Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si e com as áreas disciplinares, incluindo uma componente de trabalho dos alunos com as tecnologias da informação e comunicação, e constar explicitamente do projecto curricular de turma. A área de projecto e a área de estudo acompanhado são asseguradas, cada uma, por um professor.

(g) Actividades de carácter facultativo, nos termos do artigo 9.º

O trabalho a desenvolver pelos alunos integrará, obrigatoriamente, actividades experimentais e actividades de pesquisa adequadas à natureza das diferentes áreas ou disciplinas, nomeadamente no ensino das ciências.

Segunda-feira, 2 de Novembro de 1998

Número 253/98



I - A
SÉRIE

Esta 1.ª série do *Diário da República* é apenas constituída pela parte A

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 329/98:

Regula o ensino da disciplina de Educação Moral e Religiosa, de diversas confissões religiosas, em regime de permanência e em alternativa à disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, e altera o Decreto-Lei n.º 407/89, de 16 de Novembro, relativo ao ensino de Educação Moral e Religiosa Católica	5688
---	------

Assim:

Nos termos da alínea *a)* do n.º 1 do artigo 198.º e do n.º 5 do artigo 112.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Disciplina de Educação Moral e Religiosa

A frequência da disciplina de Educação Moral e Religiosa nas escolas públicas é facultativa, nos termos da legislação em vigor, e encontra-se subordinada ao princípio constitucional da inviolabilidade da liberdade de consciência, religião e culto.

Artigo 2.º

Regime legal

1 — A lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa das confissões religiosas com implantação em Portugal, introduzida em regime de experiência pedagógica pelo Despacho Normativo n.º 104/89, de 16 de Novembro, passa, a partir da entrada em vigor do presente diploma, a ser feita em regime de permanência e generalização nas escolas dos ensinos básico e secundário.

2 — A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica rege-se pelo disposto no Decreto-Lei n.º 407/89, de 16 de Novembro, e regulamentação complementar.

Artigo 3.º

Leccionação

1 — Nas escolas públicas dos ensinos básico e secundário podem ser ministradas aulas de Educação Moral e Religiosa de cada uma das confissões religiosas com implantação em Portugal.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, cada confissão religiosa, através da autoridade própria, mandatada para o efeito, deve requerer a necessária autorização de lecionação ao Ministro da Educação, identificando a escola ou escolas onde pretende que sejam ministradas as respectivas aulas.

3 — A autorização de lecionação apenas pode ser recusada no caso de as orientações morais e religiosas do ensino que se pretende ministrar serem contrárias à lei ou à ordem pública do Estado Português.

4 — A lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa de cada confissão depende da verificação na própria escola dos requisitos para a constituição de turmas, nos termos do artigo 6.º do presente diploma, considerando-se a respectiva matrícula, até esse momento, como realizada condicionalmente.

Artigo 4.º

Frequência

1 — A disciplina de Educação Moral e Religiosa é frequentada em alternativa à disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, segundo opção do aluno, devendo o encarregado de educação ou o aluno maior de 16 anos ser informado, no âmbito do processo da matrícula ou da sua renovação, de tal faculdade de opção.

2 — A opção referida no número anterior deve ser feita de forma expressa e com identificação da respectiva confissão religiosa, no caso da opção pela disciplina de Educação Moral e Religiosa.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 329/98

de 2 de Novembro

A Constituição da República Portuguesa consagra no seu artigo 41.º a inviolabilidade da liberdade de consciência, de religião e de culto, garantindo a liberdade de ensino de qualquer religião praticado no âmbito da respectiva confissão.

A consagração de tais direitos obriga a que o Estado, na salvaguarda do princípio da igualdade, crie condições de tratamento idêntico às confissões religiosas implantadas no País, de acordo com a sua expressão social, com vista a garantir o ensino dos seus princípios orientadores, de ordem moral e religiosa.

Por outro lado, o Despacho Normativo n.º 104/89, de 16 de Novembro, definiu, em regime de experiência pedagógica, as condições que têm permitido a lecionação nas escolas dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário dos princípios morais e religiosos das confissões religiosas que, para além da Igreja Católica, se encontram implantadas em Portugal.

Todavia, concluída a fase experimental, importa agora converter tal lecionação em regime de permanência e de generalização em todo o ensino básico e no ensino secundário, assegurando plenamente, em articulação com as respectivas autoridades, o cumprimento da liberdade religiosa e a livre opção de famílias e estudantes no tocante à frequência das disciplinas de Educação Moral e Religiosa, de acordo com os princípios constitucionais, introduzindo ainda as alterações no regime que a experiência mostrou aconselhável.

O Decreto-Lei n.º 407/89, de 16 de Novembro, que garante a frequência, em regime facultativo, de uma disciplina de formação católica, veio criar nas escolas dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e nas escolas do ensino secundário lugares para professores desta disciplina e definir a forma como serão preenchidos esses lugares.

Após sete anos de aplicação do referido diploma, há que proceder a alguns ajustamentos pontuais ao regime então aprovado que confirmaram uma maior adequação ao actual corpo docente daquela disciplina, considerando o princípio da igualdade e a salvaguarda do direito dos docentes em exercício de funções.

Foram ouvidas a Comissão Episcopal de Educação Cristã (COMACEP) e o Secretariado Nacional da Educação Cristã.

3 — A frequência da disciplina de Educação Moral e Religiosa fica sujeita ao regime de faltas em vigor.

Artigo 5.º

Matrícula

Para efeitos de matrícula e da opção prevista no artigo anterior, os departamentos centrais responsáveis pelo ensino básico e secundário comunicam às direcções regionais de educação, até ao final do mês de Maio de cada ano, as confissões religiosas cuja lecionação nas escolas se encontra autorizada.

Artigo 6.º

Constituição de turmas

1 — A lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa de uma determinada confissão religiosa depende da existência de um número de candidatos à frequência de aulas dessa mesma disciplina não inferior a 10 alunos por turma.

2 — No caso de o número de alunos por turma não permitir a lecionação da referida disciplina, nos termos do número anterior, pode para tal finalidade proceder-se à junção de alunos de turmas diferentes de um mesmo ano de escolaridade.

3 — Não sendo possível a constituição de turmas por aplicação do disposto número anterior, o órgão de gestão do estabelecimento de ensino poderá, com vista a garantir a lecionação da disciplina, proceder à constituição de turmas com alunos matriculados em anos de escolaridade diferentes, desde que pertencentes ao mesmo ciclo, ou a vários ciclos de estudos.

4 — Da aplicação dos números anteriores não pode resultar a constituição de turmas com um número de alunos superior a 25 nem incompatibilidade de cumprimento do restante horário lectivo dos alunos.

Artigo 7.º

Programas

1 — A elaboração de programas e manuais de ensino da disciplina é da exclusiva responsabilidade das auto-ridades religiosas das respectivas confissões, devendo os programas respeitar os princípios gerais sobre a definição dos conteúdos dos planos curriculares constantes do Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto.

2 — Para efeitos do disposto no número anterior, os programas devem incluir a definição de objectivos, por anos de escolaridade e ciclos de estudo, conteúdos e orientações metodológicas e de avaliação, que visem demonstrar o seu contributo para o desenvolvimento global do aluno nos domínios dos valores e atitudes e das aptidões e conhecimentos.

3 — Os programas, antes da sua aplicação, carecem da prévia homologação do Ministro da Educação, sendo aplicados, a título experimental, durante o período mínimo de um ano.

Artigo 8.º

Avaliação e certificação

1 — A avaliação da disciplina de Educação Moral e Religiosa será feita nos termos em vigor para a disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social.

2 — Nas certidões de disciplinas ou de habilitação deverá constar a frequência e aproveitamento da disciplina de Educação Moral e Religiosa, quando tal for requerido.

Artigo 9.º

Formação inicial para a docência

1 — A formação inicial para a docência da disciplina de Educação Moral e Religiosa de cada confissão realiza-se com base num programa de formação superior, de nível de licenciatura, que proporcione uma dupla habilitação para a docência na disciplina de Educação Moral e Religiosa e noutra ou noutras disciplinas ou áreas disciplinares.

2 — Podem igualmente adquirir a habilitação referida no número anterior os docentes já profissionalizados para outros grupos de docência que realizem um complemento de formação, necessário para que possam adquirir habilitação profissional para o exercício de funções docentes na disciplina de Educação Moral e Religiosa de determinada confissão.

Artigo 10.º

Habilidades próprias e suficientes

1 — As habilidades próprias e suficientes para a lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa de cada confissão constam de despacho normativo do Ministro da Educação, sob proposta da competente autoridade religiosa, com respeito pelo disposto no artigo anterior e ainda nos números seguintes.

2 — A habilitação própria é reconhecida aos titulares de formação de grau superior, em qualquer domínio ou área científica que confira habilitação própria para a docência do ensino básico e secundário, acrescida de um complemento de formação na área específica da respectiva confissão religiosa, de acordo com a seguinte ordem de prioridades:

- a) Licenciatura;
- b) Bacharelato;
- c) Curso superior ou equivalente.

3 — A habilitação suficiente é reconhecida a quem estiver habilitado com um complemento de formação na área específica da respectiva confissão religiosa e seja titular de formação científica adequada, de acordo com a seguinte ordem de prioridades:

- a) Curso superior do ensino secundário;
- b) Antigos cursos das escolas do Magistério Primário e das escolas normais de educadores de infância;
- c) Outras habilitações que, sob proposta da entidade religiosa competente, sejam consideradas no despacho referido no n.º 1.

Artigo 11.º

Vinculação

1 — O pessoal docente da disciplina de Educação Moral e Religiosa de cada confissão é provido por nomeação em lugar dos quadros correspondente ao grupo de docência a que pertence a outra disciplina ou área disciplinar para que igualmente detém habilitação profissional.

2 — Para satisfação de necessidades transitórias do sistema educativo pode ainda ser provido pessoal docente em regime de contrato administrativo, nos termos da legislação específica sobre colocações de pessoal docente.

Artigo 12.º

Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

O artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 407/89, de 16 de Novembro, passa a ter a seguinte redacção:

«Artigo 4.º

1 —

a)

b) Terem leccionado, no ensino oficial ou no ensino particular e cooperativo, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no ano lectivo anterior ao da abertura do concurso;

c)

d)

2 —

3 —

4 — A habilitação complementar referida na alínea d) do n.º 1 pode ser adquirida, durante o exercício de funções, pelos docentes que vierem a ingressar no quadro, aplicando-se-lhes, neste caso, o disposto nos n.ºs 1, 2 e 3 do artigo 36.º do Decreto-Lei n.º 287/88, de 19 de Agosto, no que respeita à redução de tempos lectivos semanais.

5 —

6 —

7 —

a)

b)

c)

8 — O disposto na alínea b) do n.º 1 vigora até à entrada em vigor do diploma referido no n.º 7.»

Artigo 13.º

Norma revogatória

É revogado o Despacho Normativo n.º 104/89, de 16 de Novembro.

Artigo 14.º

Entrada em vigor

O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 8 de Outubro de 1998. — *António Manuel de Oliveira Guterres — António Luciano Pacheco de Sousa Franco — Eduardo Carrega Marçal Grilo.*

Promulgado em 21 de Outubro de 1998.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO.

Referendado em 23 de Outubro de 1998.

O Primeiro-Ministro, *António Manuel de Oliveira Guterres.*



Portugal em Ação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Av. 24 de Julho, 140 1399-025 Lisboa
Tel.: 21 393 45 00 Fax: 21 393 46 95